

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

EDIANE SILVA LIMA

**O FENÔMENO DÊITICO E A SUA RELAÇÃO COM OS VERBOS
SIMPLES E NÃO SIMPLES NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:**
uma abordagem sintático-semântica

TERESINA
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

EDIANE SILVA LIMA

**O FENÔMENO DÊITICO E A SUA RELAÇÃO COM OS VERBOS
SIMPLES E NÃO SIMPLES NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:**
uma abordagem sintático-semântica

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Letras do Departamento de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras com ênfase em estudos da linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Ronald Taveira da Cruz

TERESINA
2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

L732f Lima, Ediane Silva.
O fenômeno dêítico e a sua relação com os verbos
simples e não simples na Língua Brasileira de Sinais: uma
abordagem sintático-semântica / Ediane Silva Lima. –
2015.
137 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade
Federal do Piauí, 2015.
Orientação: Prof. Dr. Ronald Taveira da Cruz.

1. Língua Brasileira de Sinais. 2. Sinais Dêíticos. 3.
Verbos. I. Título.

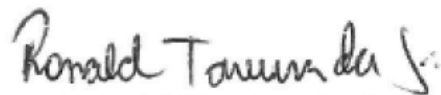
CDD 419

EDIANE SILVA LIMA

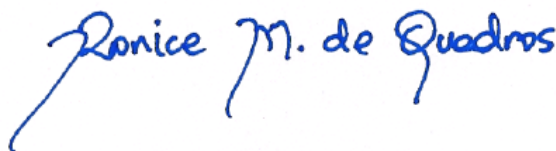
**O FENÔMENO DÉITICO E A SUA RELAÇÃO COM OS VERBOS
SIMPLES E NÃO SIMPLES NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:**
uma abordagem sintático-semântica

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Ronald Taveira da Cruz (UFPI)
Presidente



Prof^a. Dr^a. Ronice Müller de Quadros (UFSC)
Membro Externo



Prof^a. Dr^a. Maria Auxiliadora Ferreira Lima (UFPI)
Membro Interno

Este trabalho é dedicado à **comunidade não ouvinte** e à **Língua Brasileira de Sinais**, língua essa que me cativa.

E aos meus avós maternos,

Francisca Maria de Jesus (*In memoriam*) e

Raimundo José da Silva.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu guia.

À minha mãe pelo seu amor incondicional.

À minha irmã Jeane por ter me dado o maior apoio na fase de qualificação

À minha amiga e grande mestre Neuza Farias por sempre me inspirar a crescer e viajar pelo mundo da Libras

Aos Surdos da ASTE pela hospitalidade, pelo carinho, pela atenção e dedicação com que receberam essa pesquisa e a pesquisadora.

À Keity Abi-Ackel por me ajudar nas leituras em inglês, pelas nossas conversas sobre a Libras e a Língua Inglesa.

À Faculdade **IESM** pela oportunidade de atuar no que amo.

Ao Centro Universitário **UNINOVAFAPI** por acreditar no meu trabalho.

Ao **CAS** por me possibilitar compartilhar e aprender essa Língua, que é a Libras.

Aos professores do Mestrado e, especialmente, ao professor Dr. Ronald Taveira por me auxiliar como orientador nesta jornada.

À professora Dr^a. Ronice Quadros por me indicar excelentes artigos e pela sua participação em minha defesa.

Ao professor Dr. Richard P. Meier pela atenção e solicitude em me repassar seus artigos.

À professora Dr^a. Lucirene Carvalho pela sua participação em minha qualificação e pela suas considerações.

Aos meus alunos.

E aos meus amigos do mestrado da Turma Biênio 2014/2016.

Não é fácil imaginar uma gramática no espaço (ou uma “gramaticação” do espaço) [...] Nossa extraordinária dificuldade até mesmo para imaginar uma gramática espacial, uma sintaxe espacial, uma língua espacial – imaginar um uso linguístico do espaço – pode originar-se do fato de que “nós” [...], não dispor de nenhuma experiência pessoal de “gramaticar” o espaço [...] somos *fisiologicamente* incapazes de imaginar como seria isso [...] (SACKS, 2010, p. 163).

O FENÔMENO DÊITICO E A SUA RELAÇÃO COM OS VERBOS SIMPLES E NÃO SIMPLES NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:

uma abordagem sintático-semântica

RESUMO

Esta dissertação vem abordar o uso e a relação dos sinais dêiticos pessoais como responsáveis pelo processo de concordância verbal na Libras. Defendemos, ainda, que os sinais dêiticos, do mesmo modo que os sinais nominais, se formam pela composicionalidade fonológica. Aliados à percepção do processo de evolução natural de toda e qualquer língua, evidenciamos que esses sinais evoluem dando origem a novas formas, como o caso do pronome possessivo NOSSO, já que na Libras encontramos sinais distintos para esse sentido de posse, e do mesmo modo também identificamos mais de um sinal dêitico para o pronome de 2ª pessoa, na sua forma singular e plural. Nossa pesquisa fundamenta-se em teóricos como Berenz (1996), Quadros (1995, 1997, 1999), Ferreira (2010), Quadros & Quer (2010), Meier & Lillo-Martin (2013) dentre outros. E como objetivo geral, essa pesquisa buscou analisar como o surdo atribui significados a partir dos sinais dêiticos, especificamente, quando se utiliza de verbos não direcionais para marcar e/ou localizar seus referentes. E como objetivos específicos, procuramos verificar como o surdo marca referentes de 1ª, 2ª e de 3ª pessoas como Sujeito e Objeto desses verbos; além de identificar como o tempo e as pessoas são marcadas nos verbos direcionais e não direcionais, optamos, ainda, por averiguar como os verbos não direcionais se comportam relacionados à noção de pessoa e de tempo. Essa pesquisa, por ser de cunho qualitativo e de observação participante, ocorreu em uma associação de surdos, na cidade de Teresina-PI, no qual os participantes, mediante autorização, foram filmados e realizados testes durante a fase de observação. A relevância dessa pesquisa se justifica por apresentar novos dados a respeito da LIBRAS sobre a noção de tempo e pessoa, e de que modo a relação entre o verbo e seu Sujeito e Objeto se relacionam para estruturar essa língua, aliado ao fenômeno dêitico, que surge em nossas discussões como uma possibilidade de apresentar mais de uma função, com uma mesma forma (e/ou configuração de mão), bem como outras formas, conforme identificamos em nossos dados analisados. Nossas discussões, observações e análises de dados nos levaram a 'enxergar' que o caráter gestual nessa língua, possibilitada pelo simples ato de apontar, ganhou novas possibilidades de uso e de sentido, assumindo várias funções, às vezes concomitantemente, acompanhando os verbos simples e incorporando-se aos verbos não simples, indicando os referentes espacialmente. Desse modo, concluímos que esses sinais possuem uma capacidade para se comportar do mesmo modo que os sinais lexicais, mas sem perder seu caráter dêitico de apontar, de indicar e de localizar.

Palavras-chave: Sinais dêiticos; Verbos; Libras.

THE DEICTIC PHENOMENON AND SIMPLE AND NOT SIMPLE VERBS ON BRAZILIAN SIGN LANGUAGE: a syntactic-semantic approach

ABSTRACT

This research is holding the use of personal deictic signs responsible for the verbal agreement process on Brazilian Sign Language. In addition to that, we defend that the deictic signs are formed of phonological composition, similarly to the nominal signs. Together with the perception of the natural process of evolution of any language, we noted that these signs evolve giving rise to new forms, such as the OUR - possessive pronoun, on Libras find distinct signs for this sense of ownership, and likewise also identified more than one sign to the 2nd person deictic pronoun in its singular and plural forms. This research is based on scholars such as Berenz (1996) Quadros (1995, 1997, 1999), Ferreira (2010), Quadros & Quer (2010), Meier & Lillo-Martin (2013) among others. And as a general goal, this paper sought to analyze how the deaf person get different meanings from the deictic signs, specifically when using not simple verbs to mark and / or locate their referents. And as specific goals, sought to verify the deaf person marks referents to 1st, 2nd and 3rd person as Subject and Object of these verbs; and identify as time and person are marked in simple and not simple verbs, we decided also to explore how not simple verbs behave related to the notion of person and time. This research, being a qualitative approach and participant observation, occurred in an Deaf and Hard of Hearing Association in the city of Teresina-PI, in which the participants, upon authorization, and were filmed and took tests during the observation time. The relevance of this research is justified by presenting new data on the Libras on the notion of time and person, and how the relation between the verb and its subject and object relate to structure of the language, together with the deictic phenomenon that arises in our discussions as an opportunity to present more than one function with the same form (and / or handshape) as well as other forms, as identified in our data analysis. Our discussions, observations and data analysis led us to 'see' the gestural characteristic in that language, made possible by the simple act of pointing, gained new possibilities of use and meaning, assuming multiple roles, sometimes simultaneously, following the simple verbs and incorporating up to not simple verbs, indicating the referents spatially. Thus, we conclude that these signs can behave the same way as lexical signs, but without losing their deictic characteristic point, to indicate and to locate.

Keywords: Deictic Signs; Verbs; Brazilian Sign Language.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS

LISTA DE QUADROS

LISTA DE IMAGENS

1 INTRODUÇÃO	17
2 O FENÔMENO DÊITICO E AS SUAS FUNÇÕES NAS LÍNGUAS NATURAIS	20
2.1 Os dêiticos nas línguas naturais.....	20
2.2 Os sinais dêiticos e o caso da apontação nas línguas de sinais.....	23
2.3 As propriedades semânticas dos sinais dêiticos das línguas sinalizadas ..	28
2.4 Os sinais dêiticos como estabelecimento do sistema pronominal	30
3 A SINTAXE ESPACIAL DAS LS'S E OS DÊITICOS	39
3.1 A natureza dos verbos e a sua relação nas línguas de um modo geral.....	43
3.2 Alguns dados de estudos dos verbos quanto à sua classificação e tipologia nas línguas de sinais.....	44
3.2 As duas classes verbais na Libras	48
3.3 A concordância verbal das línguas de sinais.....	52
4 A FLEXÃO TEMPORAL E PRONOMINAL DOS DÊITICOS NA LIBRAS ...	65
4.1 As 'possíveis' flexões pronominais dos sinais dêiticos	65
4.1.1 O fenômeno dêitico e a sua relação com os parâmetros na Libras: algumas discussões teóricas	66
4.2 O processo flexional para formação dos sinais pronominais na Libras.....	67
4.3 A noção de tempo na Libras	75
5 APORTE METODOLÓGICO	92
5.1 Pesquisa de campo e instrumentais de pesquisa.....	92
5.2 Local da pesquisa	93
5.3 Sujeitos participantes da pesquisa	94
5.4 Procedimentos da pesquisa junto ao CEP	94
5.5 A fase de filmagens e observação	95
5.6 A fase de testes	96
5.7 Dados do formulário: algumas informações a respeito da ASTE.....	96
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS INVESTIGADOS	98

6.1 Marcação de referentes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas como sujeito e objeto dos verbos na Libras	99
6.2 Os dêiticos pessoais e temporais e a sua relação com os verbos	109
6.3 Os verbos simples e a noção de tempo e pessoa através do fenômeno dêitico	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	131

APÊNDICES

ANEXOS

LISTA DE SIGLAS

LÍNGUA DE SINAIS OU LÍNGUA SINALIZADA– LS

LÍNGUAS DE SINAIS OU LÍNGUAS SINALIZADAS – LS's

LÍNGUA ORAL– LO

LÍNGUAS ORAIS – LO's

LOCALIZAÇÃO – *Loci ou Loc. ou Locus*

VERBOS COM CONCORDÂNCIA - VCC

VERBOS SEM CONCORDÂNCIA – VSC

VERBOS DIRECIONAIS – VD

VERBOS NÃO DIRECIONAIS – VND

PORTUGUÊS BRASILEIRO - PB

CONFIGURAÇÃO DE MÃO – CM

MOVIMENTO – M

ORIENTAÇÃO / DIREÇÃO DA PALMA DA MÃO – O/D

PONTO DE ARTICULAÇÃO – PA

EXPRESSÕES NÃO MANUAIS – ENMs

EXPRESSÃO FACIAL – EF

SUJEITO – Suj.

OBJETO – Obj.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Tipos e classes verbais
- Quadro 2 – Flexão verbal para pessoa das classes verbais
- Quadro 3 – Verbos não direcionais
- Quadro 4 – As duas classes verbais VCC e VSC
- Quadro 5 – As classes verbais e as flexões para pessoa
- Quadro 6 - Sistema de coordenadas espaciais
- Quadro 7 – Espaço neutro na Libras
- Quadro 8 – “Espaço Temporal Linguístico” das línguas sinalizadas
- Quadro 9 – Sentença em Libras indicando tempo passado
- Quadro 10 – Sentença em Libras indicando tempo futuro
- Quadro 11 – Conjugação verbal tempo present/PRESENTE
- Quadro 12 – Conjugação verbal tempo simple past / PASSADO
- Quadro 13 – Conjugação verbal tempo future / FUTURO
- Quadro 14 – Conjugação verbal tempo presente contínuo

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – GATO_B CÃO_A APEGAR_B

Imagem 2 – AMANHÃ dêiticoCONVERSARdêitico

Imagem 3 – CM (G1) dedo indicador

Imagem 4 – Sinais dêiticos de apontação na LIBRAS

Imagem 5 – Primeira pessoa do singular - EU

Imagem 6 – Pronome possessivo - MEU

Imagem 7 – Pronomes pessoais do singular

Imagem 8 – Pronome de primeira pessoa do plural - NÓS

Imagem 9 – Pronome de primeira pessoa do plural - NÓS

Imagem 10 – Pronomes pessoais do plural

Imagem 11 – O verbo AJUDAR e a sua relação com o Suj e o Obj.

Imagem 12 – Sinais dêiticos possessivos de primeira pessoa do plural – NOSSO

Imagem 13 – EST@ / ALI

Imagem 14 – ESS@ / AQUEL@ / LÁ – ACOLÁ

Imagem 15 – Sinais de tempo em LIBRAS

Imagem 16 – Exemplo da estrutura sintático-temporal da Libras

Imagem 17 – DEMORAR(muito)

Imagem 18 – ESPERAR(muito)

Imagem 19 – Sinais verbais sem marcação de Suj. e Obj.

Imagem 20 – O verbo simples TER incorporando Obj.

Imagem 21 – Marcação dêitica à direita e à esquerda do sinalizador

Imagem 22 –AJUDAR

Imagem 23 –AJUDAR

Imagem 24 –2AJUDAR₁

Imagem 25 – O verbo simples LEMBRAR

Imagem 26 – O verbo simples ENTENDER

Imagem 27 – Tempo FUTURO

Imagem 28 – COMUNICAR

Imagem 29 – AVISAR

Imagem 30 – Marcadores temporais

Imagem 31 – Marcadores temporais

Imagem 32 – Marcador dêitico temporal PASSADO

Imagem 33 – Marcador dêitico temporal FUTURO

Imagem 34 – Outros marcadores dêiticos temporais

Imagem 35 – Outros marcadores dêiticos temporais

Imagem 36 – Pronome dêitico catafórico de 3ª pessoa

Imagem 37 – Referente de 3ª pessoa

Imagem 38 – Referente de 3ª pessoa

Imagem 39 – O verbo simples GOSTAR

Imagem 40 – O verbo simples CONHECER

Imagem 41 – Dêitico temporal

Imagem 42 – Dêitico temporal

Imagem 43 – GATO_B CÃO_A APEGAR_B

Imagem 44 – AMANHÃ dêitico CONVERSAR dêitico

Imagem 45 – Pronome dêitico de 2ª pessoa do singular

Imagem 46 – Pronome dêitico de 2ª pessoa do singular'

1 INTRODUÇÃO

As línguas de sinais fazem parte do conjunto da linguagem humana, com estrutura gramatical completa e com a única diferença de se apresentarem em uma modalidade visual-espacial. O fato de essas línguas possuírem uma modalidade diferente vem impulsionando grande interesse por linguistas em todo o mundo em estudá-las.

A possibilidade de refletir a respeito de uma língua que se utiliza das mãos e da face para se comunicar desperta nas pessoas certo interesse em entender como se dá essa realidade linguística. A história do surdo está atrelada a sua forma de se comunicar, por isso mesmo entender e aprender uma língua de sinais é reconhecer o surdo como falante nativo dessa língua. Além disso, vivenciar a cultura surda é interagir através dessa língua, é identificar elementos que só se esclarecem por meio e através desta.

Optamos por investigar o presente tema devido ao gosto e à empatia pessoal pela língua de sinais; por estudar, escrever e ensinar Libras a outros ouvintes e, finalmente, por acreditar na contribuição dos possíveis resultados dessa pesquisa como forma de aprofundamento e compreensão linguística dessa língua, bem como à valorização da comunidade surda, aliada a outros resultados de pesquisas já existentes.

Além disso, a essência desta pesquisa reside no fato de que há necessidade em se aprofundar mais a respeito dessa língua de sinais, visto que há, ainda, muito pouco a respeito dos aspectos linguísticos das línguas de sinais, especialmente, quanto aos aspectos semânticos dessas línguas, conforme pesquisas atuais apontam, pouco ou nada foi aprofundado a esse respeito.

Partindo desse pressuposto, temos como objetivo central: analisar como o surdo atribui significados a partir dos sinais dêiticos, especificamente, quando se utiliza de verbos simples para marcar e/ou localizar seus referentes. Para tal, objetivamos verificar como o surdo marca referentes de 1ª, 2ª e de 3ª como Suj. e Obj. dos verbos; identificar como o tempo e as pessoas são marcadas nos verbos simples e não simples e averiguar como os verbos simples se comportam relacionados à noção de pessoa e de tempo.

Para isso, seguimos com as propostas de estudos da área tais como: Berenz (1996), Quadros (1995; 1997; 1999), Quadros & Karnopp (2004), Ferreira (2010), Meier & Lillo-Martin (2013) dentre outros. Além disso, fizemos estudos linguísticos fundamentados em Benveniste (2005; 2006), Borba (2008) e Mória (1993; 2003).

Desse modo, a presente dissertação está estruturada em seis capítulos que se subdividem em tópicos e subtópicos como forma de melhor organizar a leitura e as informações aqui discutidas. A seguir, discorreremos sobre cada um deles.

O segundo capítulo vem tratar do fenômeno dêitico e da sua relação com as línguas naturais, no qual discorreremos sobre os tipos, usos e funções desse fenômeno e da sua atuação no processo de composição linguística das línguas de sinais – LS. Além disso, defendemos que o fenômeno dêitico é responsável, dentro das propriedades semânticas, pelo estabelecimento pronominal da Libras, atuando com várias funções e responsável pelo processo da concordância verbal nas línguas de sinais.

Em se tratando do terceiro capítulo, trouxemos as principais discussões sobre o estudo dos verbos e da sua relação com os sinais dêiticos pessoais. Do qual tratamos, mais especificamente, dos pronomes e demais dêiticos que atuam como referentes e/ou localizadores espaciais. Também, discorreremos sobre os principais dados a respeito do estudo e da classificação verbal das línguas sinalizadas, direcionando para uma abordagem sintático-espacial.

O quarto capítulo vem discutir a flexão temporal e pronominal dos sinais dêiticos na Libras. De forma que contemplamos o seu processo de composição fonológica através dos parâmetros, do mesmo modo que acontece com os sinais lexicais. Tratamos também da noção de tempo e da sua relação com os verbos simples e não simples.

Já o capítulo cinco diz respeito à metodologia desenvolvida e aplicada antes e durante a pesquisa de campo, dos sujeitos e participantes da pesquisa, do local da pesquisa. Bem como discorreremos, ainda, sobre a observação por filmagens e das atividades desenvolvidas e aplicadas na fase de testes.

E, finalmente, o capítulo seis vem apresentar os sinais dêiticos como responsáveis pelo processo de concordância verbal na Libras, e de como a noção de pessoa atua junto ou incorporado aos verbos nessa língua e como o

tempo é marcado separado desses verbos, para indicar/localizar/apontar a noção de tempo. Apresentamos, ainda, como esses sinais auxiliam nesse processo e como ganham outras formas para compor o significado desses sinais dêiticos.

2 O FENÔMENO DÊITICO E AS SUAS FUNÇÕES NAS LÍNGUAS NATURAIS

Neste capítulo trataremos dos aspectos linguísticos das LS's, direcionando-nos mais especificamente ao fenômeno da dêixis e seu uso e funções para a construção do sentido nas línguas de um modo geral.

2.1 Os dêiticos nas línguas naturais

A dêixis é utilizada nas línguas naturais para referir ou identificar as pessoas ou objetos presentes nos enunciados e chamar a atenção do receptor. Para Dubois *et alii* (2006, p 168), “a dêixis é, pois, um modo particular de atualização que usa, ou o gesto (dêixis mímica), ou termos da língua chamados dêiticos (dêixis verbal)”. Dentro da tradição greco-latina, esse vocábulo significava o simples ato de apontar e/ou indicar. Devido a esse fato, durante muito tempo, dentro dos estudos da tradição gramatical, cogitava-se que os dêiticos somente se referiam aos demonstrativos (LAHUD, 1979).

Atualmente, já nos estudos da Linguística contemporânea, o fenômeno da dêixis é visto como responsável pela marcação dos referentes, os quais são representados pelas categoriais gramaticais dos pronomes pessoais e demonstrativos, pelos tempos verbais e outras marcas no discurso. Esse fenômeno passou a representar todas “essas categorias numa única e mesma classe, a dos dêiticos” (LAHUD, 1979, p. 50).

Ainda para esse teórico, os enunciados contendo dêiticos são compreendidos pelas circunstâncias contextuais, no momento em que foram expressos. Assim, essas expressões referenciais (os dêiticos) pressupõem uma ideia determinada pela indicação, segundo as condições de mudança dos elementos (nomes) os quais substituem no enunciado. E essas expressões puramente dêiticas, por designarem uma situação em particular, acabam por definir esse ser e/ou objeto como único no mundo, particularizando-o em um dado contexto.

Tendo em vista que, quando alguém diz: “Pegue isso”, pressupomos, dentro do contexto enunciativo, que se trata de algo que está próximo de quem fala. E se alguém ordena: “Pegue isto”, já aí temos o oposto, agora o que se pede refere-se ao que está próximo de quem fala. Por isso, para Lahud (1979), particularizamos um enunciado através dos dêiticos, devido ao ato de fala, visto

que o que distingue uma expressão da outra é o sentido em si de modo que “o referente dêitico é um lugar vazio que pode ser ocupado por todos os “particulares” capazes de estabelecer com o ato de fala a relação significada pelo dêitico em questão” (LAHUD, 1979, p. 73).

Por isso, segundo Melo (2009), a dêixis é a possibilidade de localizar e identificar pessoas e/ou objetos em eventos comunicativos, ou seja, é a forma como nos referimos para a localização desses referentes no processo de interação verbal que:

permite marcar no enunciado as circunstâncias de sua enunciação por meio de cinco categorias: lugar, pessoa, tempo, discurso e dinâmica social. Para cada uma, há alguns tipos de elementos dêiticos (MELO, 2009, p. 43).

A seguir discorreremos sobre cada um desses elementos das instâncias discursivas (MELO, 2009):

- A dêixis espacial é o lugar onde se enuncia ou sobre o que se enuncia, através do qual o enunciador aponta para o espaço sem citar o seu nome. São os advérbios de lugar: **aqui, ali, lá, acolá, cá** etc.;
- A dêixis de pessoa remete à identidade do enunciador. São os pronomes pessoais: **eu, tu, ele/a / nós, vós, eles/as**;
- A dêixis temporal aponta o tempo, no qual é representado pelos advérbios temporais: **ontem, daqui a pouco, hoje, agora** etc.;
- A dêixis discursiva manifesta-se através dos pronomes anafóricos que identificam no texto/discurso o que o enunciador quer focar/localizar /indicar no próprio texto. Alguns exemplos: **isto/isso, este/esse, neste/nesse** etc.;
- E, finalmente, a dêixis social se refere aos papéis sociais que as pessoas ocupam socialmente, como os títulos e/ou pronomes de tratamento: **Doutor, Mestre, Presidente, companheiro/a** etc.. Ou seja, é como se denomina o outro, dando-lhe uma identidade social, durante o momento da enunciação, diferindo, pois, da dêixis textual pelas marcas sociais em que os interlocutores estão inseridos.

De modo geral, os dêiticos acabam por identificar, através dessas marcas linguísticas, o contexto no qual os interlocutores estão estabelecidos no momento da instância discursiva. Portanto, a função dos elementos dêiticos é organizar/indicar/reconhecer/localizar/apontar, através dos vários paradigmas

gramaticais (pronomes, artigos, advérbios, e todas as variações do paradigma verbal), atuando como os referentes no espaço enunciativo.

Assim, o fenômeno da dêixis apresenta a noção do “aqui” e do “agora” do falante, contextualizando a indicação espaço-temporal das pessoas do discurso. Para Lyons (2009), a dêixis é uma noção clara de referência gestual, representada pelo gesto corporal do falante, com a finalidade clara de identificar e marcar as pessoas no discurso.

Desse modo, quando pensamos o fenômeno da dêixis nas línguas sinalizadas, identificamos que o seu uso, tanto tem função pronominal, ao fazer referência à primeira, segunda e terceira pessoas¹, funcionando como dêixis verbal, quanto como a dêixis mímica/gestual (FERREIRA, 2010). Um ponto que merece nossa atenção a respeito da dêixis é discutido em Lyons (2009):

a dêixis é como a referência, com a qual se sobrepõe, no sentido de que está relacionada ao contexto de ocorrência. Mas a dêixis é ao mesmo tempo mais ampla e mais restrita do que a referência. A referência pode ser dêitica e não dêitica; e a dêixis não envolve necessariamente referência (LYONS, 2009, p. 127).

De maneira que para Cavalcante (2005), através de Apothéloz, o processo de referenciação vai muito além do uso de expressões referenciais, visto que é a cada evento comunicativo que as ações conversacionais dos indivíduos se constroem em novos sentidos. Por isso,

tanto as introduções quanto as anáforas podem ser dêiticas ou não-dêiticas a depender de como se concebe o fenômeno da dêixis. Entendemos que, para um processo referencial ser considerado dêitico, ele precisa fazer apelo ao ponto de origem em que se situa o falante, ou o co-enunciador. Assim sendo, se elegermos como critério primário a retomada de referentes no discurso, poderemos aceitar que a dêixis pode cruzar o caminho da anáfora e da introdução referencial, não as excluindo, mas inserindo nessa interseção uma soma de subjetividades (CAVALCANTE, 2005, p. 126).

Illari e Geraldi (2003) afirmam que, para compreendermos frases compostas por elementos dêiticos, devemos levar em consideração as situações que a determinam e a informação que transmitem, pois os sentidos irão depender de seus falantes, do evento comunicativo. Enfim, da situação, das intenções sócio-comunicativas de cada indivíduo participante.

¹ No tópico seguinte trazemos novas discussões a respeito de a segunda e terceira pessoas nessas línguas sinalizadas serem representadas por um único sinal, distintas apenas pelo contexto.

No tópico a seguir, discorreremos a respeito desse fenômeno nos estudos das línguas sinalizadas, especialmente quando se trata dos estudos da LIBRAS.

2.2 Os sinais dêiticos e o caso da apontação nas línguas de sinais

Estudiosos das LS's têm dado grande destaque ao fenômeno da dêixis, e em vários países tem-se discutido sua função e recorrência nessas línguas. Isso se deve à sua característica 'ímpar' em apontar e identificar os referentes que são espaciais nessas línguas, devido à sua modalidade.

Isso nos leva a problematizar algumas discussões interessantes, quando pensamos nesse fenômeno tanto na perspectiva da dêixis mímica ou mesmo como um fenômeno linguístico: de que forma essas duas perspectivas ocorrem nessas línguas, quando pensamos a sua modalidade linguística visual-espacial? E se o gesto é algo específico nessas línguas sinalizadas, o fenômeno da dêixis teria essa finalidade ou seria mais que isso?

Partindo dessas questões, buscaremos discuti-las apresentando alguns dos principais estudos voltados para esse fenômeno da dêixis nessas línguas, destacando alguns pontos considerados importantes para as discussões aqui pretendidas.

Sabemos que as categorias referenciais nas línguas se dão em três classes: nomes próprios, substantivos comuns e os pronomes (LYONS, 2009). É de consenso geral que os pronomes possuem a finalidade de substituir os nomes (substantivos), por isso têm função dêitica, visto que os pronomes nada mais são do que um local espaço-temporal dentro de um dado enunciado (FERREIRA, 2010).

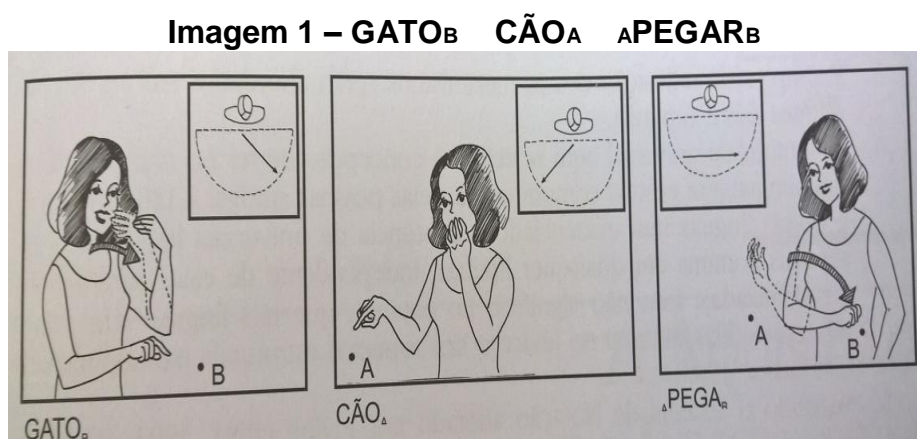
E quando direcionamos nossa atenção para esse fenômeno dentro dos estudos das línguas de sinais, mais especificamente da Libras, precisamos considerar alguns pontos, tais como:

Em toda e qualquer língua, os falantes utilizam gestos para enfatizar os atos de fala. E quando pensamos a esse respeito nas LS's, verificamos que esses gestos também ocorrem e, sobretudo, atuam como elementos linguísticos importantes. Ou seja, apesar do caráter gestual desses sinais indicativos, devido à modalidade manual-visual-espacial dessas línguas, o ato de apontar é considerado um ato linguístico.

Atentamos, ainda, para esses pontos acima discutidos, que é devido mesmo a esse caráter gestual que autores, como: Quadros (1995), Ferreira (2010) e Quadros & Karnopp (2004) consideram que nessas línguas, quando se trata de marcação de referentes, não há ambiguidade, pois:

o uso dos indicativos espaciais, incluindo os pronomes, permite co-referência explícita e reduz a possibilidade de ambiguidade, em que o uso do espaço é sistemático, favorecendo a identificação clara e correta dos referentes (QUADROS, 1997, p. 57).

Esse fato nos leva a creditar que, nessas línguas, o uso da apontação espacial é de fato relevante quando se identificam/localizam, no espaço neutro² ou espaço de sinalização, os devidos referentes como podemos observar nas imagens 1 e 2:



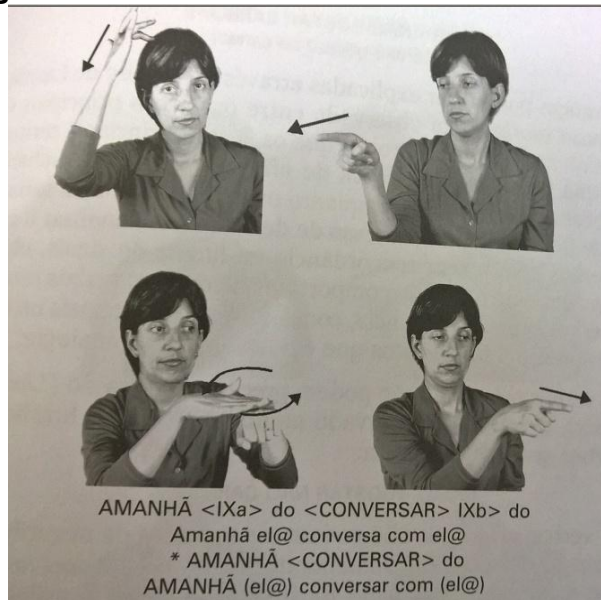
Fonte: QUADROS, 1997.

Aqui o sinalizador 'cria' dois pontos no espaço neutro: inicialmente o ponto (B), à sua esquerda, indicando o objeto - Obj. (**GATO**) e, em seguida o ponto (A), à sua direita, marcando o sujeito – Suj. (**CÃO**), e somente no final é sinalizada a ação verbal (**PEGAR**), na qual o Movimento – M do sinal parte do ponto inicial (A) para o ponto final (B).

Na imagem que segue, temos outra situação bastante específica na Libras, observemos:

² É o local em frente e ao redor do corpo do sinalizador.

Imagem 2 – AMANHÃ dêiticoCONVERSARdêitico



Fonte: QUADROS & KARNOPP, 2004.

Do mesmo modo que, no exemplo anterior, há referentes indicativos que marcam a sentença descrita na imagem 2, em que, quando traduzida para o português (Amanhã ele conversará com ele), há ambiguidade, pois não sabemos a quem se referem os pronomes **ele/ele**. Já no contexto da Libras, isso não ocorre, porque os dêiticos estão localizados no espaço em frente ao corpo do sinalizador e são facilmente recuperados. Ou seja, é através da apontação que o referente é identificado no contexto, visto que há uma distinção de pessoa. O sinalizador usa o sinal dêitico antes do verbo para indicar a pessoa localizada à sua esquerda, e à sua direita marcar o referente Obj. da oração. No entanto, caso os referentes não estejam presentes no enunciado, deverão antes ser nomeados e localizados espacialmente para que não ocorra uma sentença ambígua.

Dessas considerações, e de alguns dados de pesquisas a respeito do estudo dos pronomes em boa parte das línguas de sinais, inclusive no Brasil, destacamos três situações no estudo das relações pronominais que divergem do que dizem as teorias linguísticas a respeito dos pronomes nas línguas faladas, (PIZZIO, REZENDE & QUADROS, 2009):

1) Apesar de no espaço de sinalização ser possível a apontação para vários referentes em diferentes pontos, não podemos esquecer que há tanto a limitação de capacidade de memória (tanto para o sinalizador quanto para o

interlocutor) para conseguir marcar e/ou perceber essas pessoas, como também pelo fato de que é bastante comum, nessas línguas, serem usados mais que quatro ou cinco pontos de localização de referentes;

2) Os referentes não são ambíguos – essa impossibilidade de ambiguidade³, explicada pelos estudiosos da área, é justificada pelo fato de o sinalizador conseguir estabelecer seus referentes em pontos distintos e específicos no espaço, em frente ao seu corpo, e mesmo quando houver uma mudança dessa localização, isso será esclarecido através do (re)direcionamento desse(s) para que o interlocutor perceba essa mudança;

3) Dado que nos leva à mudança de referência – esta ocorre tanto pela indicação espacial através dos sinais indexicais, quando eles se movimentam e/ou mudam de posição, como também pela mudança na posição do corpo do sinalizador e da direção de seu olhar, conhecido como '*Role Shift*', equivalente nas línguas faladas à citação direta e citação indireta (QUADROS, 1995).

Em Meier & Lillo-Martin (2013), é discutido o 'status linguístico' dos sinais de apontação ou sinais dêiticos nas línguas de sinais, mais especificamente da Língua de Sinais Americana – ASL. Nesse estudo, eles discutem que esses sinais, quando apontam e/ou indicam, assumem as seguintes funções: pronomes dêiticos e anafóricos; pronome possessivo e reflexivo; pronomes demonstrativos; locativos; indicação das partes do corpo e, quando atuam no processo de concordância verbal. Acrescentamos, ainda, conforme observamos na Libras, que esses sinais dêiticos assumem, também, a função de advérbios de lugar e indicadores de tempo.

E para representar essas funções⁴, há a predominância da Configuração de Mão – CM, que é a forma da mão em 'G1', com o dedo indicador, utilizado para apontar e/ou indicar os referentes espaciais, presentes e/ou ausentes, como veremos ao longo de nossas discussões.

³ Destaque para o fato de que em outras situações é provável que a ambiguidade aconteça nessas LS. No entanto, quando nos direcionamos apenas para o uso dos referentes, a possibilidade de direcionamento e movimento desses sinais (marcando e/ou apontando seus referentes) indicando-lhes a sua localização no espaço, evitam, assim, confusão durante a formação de sentenças nessas línguas.

⁴ Exceto os dêiticos temporais, como veremos no capítulo 4.

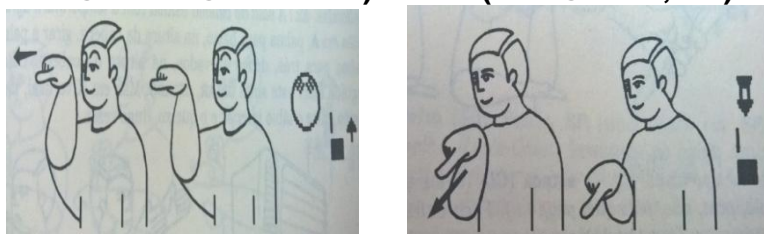
Imagem 3 – CM (G1) dedo indicador



Fonte: https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=&url=http%3A%2F%2Fwww.cieb.org.br%2Fdefault.aspx%3Fsection%3D20%26action%3Dlist&psig=AFQjCNGALtS47_AxCt9ZDIkgHOU0SHe3Ww&ust=1450801548228047

Na imagem 4, observemos como essa mesma CM (G1) tanto pode assumir a função de Advérbios de lugar (**ALI, LÁ, ACOLÁ**) como de Pronomes demonstrativos (**AQUEL@/ESS@, EST@⁵**), representados nesses dois exemplos da Libras visto que é durante a interação entre os usuários/falantes/sinalizadores, como em toda e qualquer língua, que o contexto é firmado.

Imagem 4 – Sinais dêiticos de apontação na Libras (AQUEL@ / ESS@ / ACOLÁ) (EST@ / ALI, LÁ)



Fonte: Dicionário Deit-Libras, Capovilla, Raphael e Maurício, 2013.

Por isso, acreditamos que, nessas línguas sinalizadas, essas funções permeiam entre si através desse sinal dêitico, assumindo um sentido ou outro, às vezes, até mesmo mais de uma função concomitantemente (como pretendemos apresentar em nossas análises), justamente por esse sinal dêitico ter essa capacidade de sintetizar essas possibilidades de funções e uso nessas línguas. Assim, os sinais dêiticos, exceto os temporais e alguns possessivos, parecem possuir quase sempre a mesma CM (mão em 'G1'), na grande maioria das línguas de sinais, indicando funções diversas.

⁵ Nas LS's, a arroba (@) marca o gênero.

Esse caráter gestual e linguístico desses sinais nas LS's tem gerado grande interesse de muitos pesquisadores. Para Meier (1990) e Meier & Lillo-Martin (2013), esse sinal indexal se originou primeiramente do caráter gestual e com o tempo foi ganhando novas possibilidades de uso. E esse ponto será discutido no tópico seguinte.

2.3 As propriedades semânticas dos sinais dêiticos das línguas sinalizadas

Como vimos, os linguistas das LS's denominaram a CM 'G1' de ÍNDEX, o que significa que há uma apontação, mesmo assumindo várias funções, como as descritas acima, devido ao seu caráter gestual, são na verdade sinais dêiticos. Esse fato justifica o grande interesse de muitos pesquisadores linguistas fazerem grandes discussões sobre esse fenômeno nessas línguas, o que também pretendemos discutir mais profundamente no decorrer desta dissertação.

Meier & Lillo-Martin (2013) nos alertam para o fato de que o ato de apontar nas LS's se tornou linguístico apenas com o tempo, ou seja, a comunidade não ouvinte, tal como a ouvinte, também utilizou e/ou utiliza o caráter gestual, pois o ato de apontar se faz presente na vida do ser humano desde muito cedo, ainda, durante o processo de aquisição da linguagem (MEIER, 1990). Por isso, esse linguista busca em suas pesquisas discutir as seguintes questões: A apontação dêitica na ASL possui "status" linguístico? Há uma categoria gramatical de pessoa nessa língua? E se essa língua possui pessoas, quais distinções de pessoa ela faz? (MEIER, 1990).

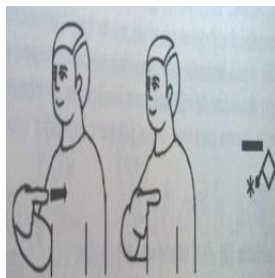
Quanto ao "status" linguístico dessa língua, esse autor considera que, apesar de o caráter gestual do ato de apontar também se fazer presente nas línguas faladas, esse ato nas LS's possui função linguística, pois, na apontação dêitica sinalizada, os lugares de articulação desses sinais são os mesmos para a marcação de concordância verbal na ASL e, como pretendemos discutir, também acompanham os verbos simples (verbos não direcionais), auxiliando-os de forma a não haver ambiguidade.

Como bem dizem Meier & Lillo-Martin (2013), é provável que os gestos talvez tenham sido atrativos para essas LS, devido ao caráter espacial dessas línguas, e, com o tempo, foram assumindo um ato linguístico, com função/funções próprias e específicas. Outro ponto que nos chama atenção é

que esses sinais dêiticos pronominais, nessas línguas, são bastante resumidos, especialmente, se comparados à diversidade de palavras que existe para definir os pronomes nas línguas faladas (MCBURNEY, 2002 *apud* MEIER & LILLO-MARTIN, 2013). Ou seja, em termos de quantidade, os sinais dêiticos, quando comparados à variedade de palavras para representar os pronomes nas LO's, são bem menores. Sobre isso, exemplifiquemos melhor.

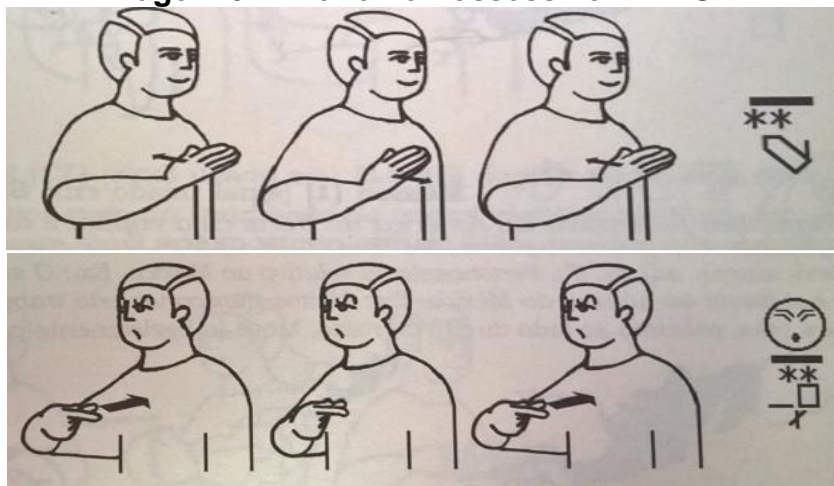
Enquanto na Língua Portuguesa, por exemplo, temos os seguintes pronomes para representar a 1ª pessoa do singular: Eu; me; mim, comigo; meu; minha, em Libras, encontramos somente estes sinais indicativos para referir-se a essa pessoa:

Imagem 5 – Primeira Pessoa do singular - EU



Fonte: Dicionário Deit-Libras, Capovilla, Raphael e Maurício, 2013.

Imagem 6 – Pronome Possessivo - MEU' ”



Fonte: Dicionário Deit-Libras, Capovilla, Raphael e Maurício, 2013.

Na imagem 6, temos dois sinais para representar o sinal **MEU**, sendo que, no primeiro exemplo, temos a ideia de posse; já no segundo a ideia de pertencimento. Poderão existir outros sinais para indicar esse sentido, no caso,

se assim houver, teremos uma variante⁶. Enquanto no português, o pronome possessivo de primeira pessoa possui duas formas distintas para o masculino e o feminino (**meu/minha**) na Libras, há um único sinal, por exemplo: **CASA MEU** / **CARRO MEU**⁷. E isso se justifica pelo fato de a marcação de gênero nessa língua ser especificada somente para pessoas e animais, por meio de dois sinais: **MASCULINO/FEMININO**. E apesar desse único sinal possessivo de primeira pessoa, o sentido em contexto de uso não é prejudicado. Daremos continuidade a essas discussões no capítulo 4.

2.4 Os sinais dêiticos como estabelecimento do sistema pronominal

Segundo Ferreira (2010, p. 86), os pronomes nas línguas de sinais, por serem representados por um sinal de apontação (dedo indicador), são considerados expressões dêiticas por natureza. “E, apesar de tradicionalmente os pronomes serem conhecidos como substitutos dos nomes (substantivos), a sua função é indexical”, eles devem ser definidos como a dêixis, devido a sua função de localizar e indicar os referentes no espaço de sinalização.

Assim, para essa autora, a dêixis, por ser “um tipo particular de referência”, tanto depende dos papéis dos interlocutores quanto da relação do tempo e do lugar do ato enunciativo em si (FERREIRA, 2010, p. 87). O que nos leva a considerar que, de fato, nessas línguas, os pronomes tenham assumido essa característica dêitica justamente por terem evoluído da apontação gestual, conforme problematizam Meier (1990), Berenz (1996) e Thompson (2006) em suas pesquisas.

Pizzio, Rezende & Quadros (2009), Ferreira (2010) e Thompson et al (2013) nos apresentam algumas pesquisas em que os dêiticos foram identificados assumindo algumas distintas funções:

Em Lillo-Martin & Klima (1990), os sinais de apontação na ASL foram identificados como simples formas com *loci*⁸ de referenciais associados, que podem mudar durante o discurso e sob várias formas. E o sistema pronominal nessa língua tem apenas uma forma de pronome pessoal, o PRONOUN

⁶ Devido ao grande número de grupos minoritários da Comunidade Surda Brasileira, em diferentes regiões, até mesmo em um mesmo estado, a variação linguística se dá de forma intensa e abrangente.

⁷ A minha casa / O meu carro (Tradução para PB).

⁸ Segundo Quadros (1995), *Loc.* é a localização real ou arbitrária de um referente no espaço neutro.

atuando como índice referencial. Meier (1990) propõe a existência de apenas duas pessoas na ASL: pronome de primeira pessoa e pronome de não-primeira pessoa. Já Ahlgren (1990) defende que, na Língua de Sinais Sueca (SSL), esses sinais funcionam como dêiticos de locação e assumiram várias funções, inclusive a referencial pronominal. E, por último, McBurney (2002) argumenta que a referência nas línguas de sinais não é usada nem para marcação de pessoa gramatical, nem para identificar referentes num discurso, porque tem função de demonstrativos.

Como afirmam Meier & Lillo-Martin (2013), os sinais dêiticos nas LS's assumiram distintas funções, daí o "status" linguístico desses sinais ter sido sempre identificado, dentro da literatura dos estudos linguísticos da área, com diferentes visões. Esses autores vêm sumarizar essas informações e nos direcionar para a visão de que, tal como nas LO's, os dêiticos se fazem presentes nas línguas sinalizadas e do mesmo modo atuam com funções distintas. Assim como nas línguas faladas, a dêixis se faz presente em todo e qualquer enunciado das línguas sinalizadas.

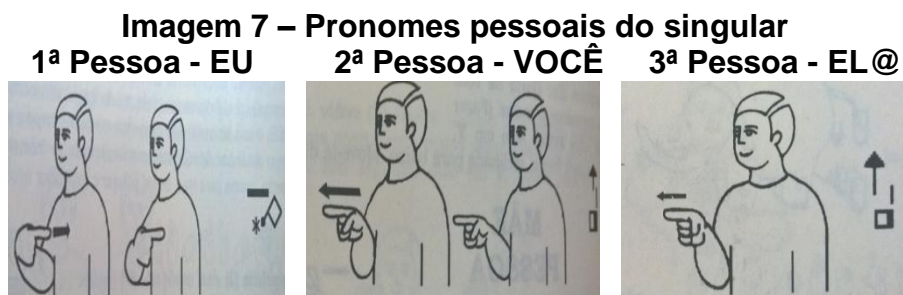
Apesar de os sinais dêiticos se confundirem com outros sinais que também apresentam essa mesma CM (G1), não podemos confundi-los, pois somente serão dêiticos os sinais que atuam como referentes (BERENZ, 1996). E os sinais pronominais, segundo essa autora, também são representados por esse item lexical, observemos no seguinte subtópico:

2.4.1 Os pronomes pessoais dêiticos na Libras

Os pronomes pessoais dêiticos nas LS's apontam entidades presentes e/ou ausentes no espaço de sinalização em pontos específicos para localizar/identificar/indicar pessoas e/ou coisas e/ou lugares, sejam reais ou não. O sinalizador é como o locutor, pois tanto assume a função de narrador como também participante, de modo que, quando este sinaliza, explora o espaço neutro em frente e ao redor do seu corpo, projetando, através dos sinais e dos dêiticos, pessoas e todo e qualquer cenário neste espaço de sinalização.

De acordo com Ferreira (2010), na Libras os sinais dêiticos que representam os pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular (**EU /VOCÊ / EL@**)

possuem a mesma CM que os sinais da ASL, e em muitas outras línguas de sinais, variando em um ou outro sinal. Observemos os pronomes pessoais na forma do singular da Libras:



Fonte: Dicionário Deit-Libras, Capovilla, Raphael e Maurício, 2013.

Esses três sinais são a mais básica e completa formação dos pronomes pessoais do singular nas línguas de sinais, de modo que, quando o sinalizador aponta com o dedo indicador tocando o próprio tronco, temos o sinal indicativo – **EU**. E, num movimento inverso, ou seja, quando direciona a sua mão para frente, forma o sinal - **VOCÊ**. Para a composição do pronome de 3ª pessoa - **EI@**, poderão ocorrer pelos menos de duas formas: o dedo indicador apontando para a direita ou esquerda, ou opondo-se com o pronome de 2ª pessoa com a distinção pelo uso do olhar ou do ombro do sinalizador.

Como podemos observar nessa imagem, apesar de os três sinais possuírem um mesmo traço em comum, a CM (G1), para representar as pessoas pronominais do singular, mesmo assim parecem distinguíveis entre si. Especialmente, quando essa distinção é estabelecida pelo uso do olhar.

Com relação às formas de plural dos pronomes pessoais dêiticos, apresentaremos algumas discussões encontradas em Meier (1990). Antes, vejamos os sinais dêiticos que representam esses pronomes na Libras:

Imagem 8 – Pronome de primeira pessoa do plural - **NÓS**



Fonte: Dicionário Deit-Libras, Capovilla, Raphael e Maurício, 2013.

Além dessa forma de primeira pessoa de plural **NÓS** (= **EU** + **EL@S**), há, ainda, outro sinal para indicar **NÓS** (= **EU** + **VOCÊS**), observarmos que nessa

segunda forma para esse sinal o que muda é apenas a O/D, no caso a palma da mão fica para baixo. Em Benveniste (2005), encontramos dado interessante para essa formação de plural pronominal:

[...] sabemos bem que, nos pronomes pessoais, a passagem do singular para o plural não implica apenas uma pluralização [...] cria-se em inúmeras línguas uma diferenciação da forma verbal da primeira pl. [...] o “não-eu” implícito e necessário em “nós” é notoriamente susceptível de receber, em línguas muito diversas, dois conteúdos precisos e distintos. “Nós” se diz de u’a maneira para “eu+vós” e de outra para “eu+eles”. São as formas inclusiva e exclusiva que diferenciam o plural pronominal e verbal da primeira pessoa numa grande parte das línguas ameríndias, australianas, no papua, malaio-polinésio, dravídico, tibetano, mandchu e tunguze, nama etc. (BENVENISTE, 2005, p. 255-256).

É o que Quadros (1995; 1997) defende, essas duas formas não se confundem, porque cada uma delas representa referentes distintos, como podemos observar na imagem seguinte:

Imagem 9 – Pronome primeira pessoa do plural - NÓS



Fonte: QUADROS, 1997.

No primeiro quadro dessa imagem, o referente pessoal **NÓS** indica um referente presente; já o segundo, trata-se de identificar um referente ausente, ou seja, que não se faz presente durante o ato discursivo, que possibilita que essas duas formas para ‘nós’ acabam por marcar esses referentes sem ambiguidade. Por isso, acreditamos que é devido ao caráter espacial dessas línguas que esses indicadores projetam nesse espaço a localização desses referentes, mesmo que estejam presentes/não presentes ou reais ou imaginários.

Quanto às demais formas de plural para a segunda e terceira pessoas, tal como representado na imagem 10, temos os sinais para indicar **VOCÊS** e **EL@S**, esses sinais derivam das formas do singular **VOCÊ** e **EL@**, respectivamente, acrescentando-lhes apenas um duplo Movimento - M.

Imagem 10 – Pronomes pessoais do plural
 2ª pessoa – **VOCÊS** 3ª pessoa – **EL@S**



Fonte: <<http://pt.slideshare.net/rayannesilva93/apostila-de-Libras-50164269>>

Aqui, mais uma vez, observarmos que a única diferença estabelecida entre esses dois sinais parece ser o uso do olhar do sinalizador para marcar a 2ª e a 3ª pessoas. Para Baker & Cokely (1980 *apud* QUADROS, 1995), é a direção do olhar que auxilia no processo de compreensão do significado da referência pronominal.

Boa parte dos linguistas das línguas sinalizadas considera que os pronomes pessoais dêiticos são representados pela 1ª, 2ª e 3ª Pessoa, e que a segunda e a terceira pessoa diferem entre si pelo uso do olhar (BERENZ,1996; QUADROS & KARNOPP, 2004; FERREIRA, 2010). Atualmente, o que se tem como consenso geral, de acordo Thompson et al (2013), são os estudos de Meier (1990) que propõem a existência de apenas dois grupos pronominais na ASL: primeira pessoa e não-primeira pessoa. “Ele sugere que, ao invés da diferenciação entre as categorias de segunda e de terceira pessoas na ASL, parece haver, isto sim, distinção entre as primeiras pessoas do singular e plural” (QUADROS, 1995, p. 17). Essas considerações serão discutidas mais profundamente no subtópico seguinte.

2.4.2 Os dêiticos de pessoa e alguns pontos divergentes

Como discutimos anteriormente, a função de pronome pessoal nessas línguas é comumente representada pelo sinal com dedo indicador, o qual aponta para cada referente indicando a pessoa representada, de modo que assume a seguinte forma:

- Se o referente estiver presente na situação comunicativa – a apontação é feita diretamente a ele;

- Agora, caso o referente não esteja presente, um ponto arbitrário é indicado no espaço em frente ao corpo do sinalizador para representá-lo. Destaque para o fato de que esse ponto poderá mudar durante o discurso, e isso se dá ou por mudança de expressão facial, ou postura corporal (uso do olhar, do ombro ou do tronco) do sinalizador e/ou até mesmo o estilo de sinalização.

- “O uso do corpo do sinalizador pode representar a primeira, a segunda ou a terceira pessoa pronominais. A forma projetada no espaço pode, usualmente, representar a segunda e terceira pessoas” (QUADROS, 1995, p. 18).

- E “se o sinalizador quiser descrever um evento passado e contar algo relacionado a tal evento, ele estabelecerá um local no espaço, havendo relação entre os participantes, o tempo e o evento no local real” (QUADROS, 1997, p. 56).

Os referentes, estando presentes e/ou ausentes, são comumente identificados nas LS's através dos sinais dêiticos: seja substituindo os sinais nominais, seja os acompanhando e/ou os determinando e/ou localizando-os no espaço de sinalização.

Contudo, essa indicação espacial desses referentes, através desses sinais dêiticos, não se apresenta tão claramente quando traçamos um paralelo entre os que indicam a direção do olhar como marcador de distinção entre os pronomes pessoais **VOCÊ/EL@** (BAKER & COKELY, 1980 *apud* QUADROS, 1997). Contra os que consideram, Meier (1990), que o olhar não parece ser um marcador gramatical de segunda e/ou de terceira pessoa na ASL. De modo que a distinção de primeira e de não-primeira pessoa é:

baseada em dois conjuntos de fatos. Em primeiro lugar, ao contrário de primeira pessoa, que está sempre localizada perto do corpo do sinalizador, as formas para segunda e terceira pessoas não têm locais fixos. Em segundo lugar, enquanto o plural dos pronomes em primeira pessoa (**NÓS** e **NOSSO**) têm uma forma distinta fonologicamente, a segunda e a terceira pessoa partem de uma mesma forma - diferem apenas de uma forma que não pode ser fonologicamente especificada, ou seja, na direção de apontar, o qual é controlado pela localização real dos referentes, ou pelo local não estabelecido – dos referentes ausentes (THOMPSON et al 2013, p. 220) (Tradução nossa).

Para Thompson (2006), a referência pronominal na ASL é realizada praticamente da mesma forma como nos verbos de concordância, através da utilização de localizações no espaço de sinalização. Para ele, os referentes discursivos estão associados a essas localizações espaciais, do mesmo modo da concordância verbal (que parte em direção a um *loci* para marcar os referentes do

sinal do verbo), os sinais pronominais também têm essa marcação localizada, a fim de identificar seus referentes espaciais, estejam eles fisicamente presentes ou não.

Esse autor destaca que a apontação nas línguas sinalizadas serve para chamar a atenção para entidades particulares, e mesmo este comportamento não sendo prova suficiente para uma categoria linguística dos pronomes, o sentido para a primeira, a segunda e a terceira pessoa é claramente entendido dentro do discurso nessas línguas. Entretanto, Thompson (2006), através da aplicação de testes sistemáticos, fornece dados para as considerações de Meier (1990), de que na ASL há apenas uma distinção de primeira e não-primeira pessoa. Tendo em vista que a direção do olhar ocorre relativamente com os pronomes de forma inconsistente, não tendo como identificar através dessa direção do olhar quando se trata de pronome de segunda ou de terceira pessoa.

Da mesma forma, em Thompson et al (2013), por meio de novos testes com sinalizadores surdos, em que cada indivíduo era posicionado em frente a uma câmera para que pudesse ser filmado quando interagia com um outro surdo que o instruía. Além dessa, havia mais outras duas câmeras em miniatura, sendo que uma filmava o campo de vista do participante, e a segunda monitorava os movimentos dos olhos dos participantes, atuando como um dispositivo de rastreamento ocular, e, assim, era possível verificar a direção do olhar dos sinalizadores participantes dos testes⁹.

Os resultados desses testes também apresentaram que os pronomes dêiticos de pessoa na ASL não são marcados pelo uso do olhar para distinguirem 2ª e 3ª pessoa. Mais uma vez, esses resultados vieram confirmar o que Meier (1990) e o próprio Thompson (2006) já haviam discutido, que, de fato, o olhar não marca a distinção dos referentes de pronomes de segunda e de terceira pessoa.

Desses resultados temos duas importantes considerações:

A primeira, quanto a essa direção do olhar, entendemos, que esse ato de olhar do sinalizador dirigido ao(s) seu(s) interlocutor(es) acaba por atuar como uma função fática, ou seja, como forma de estabelecer e/ou manter contato do locutor com seu interlocutor.

⁹ Os testes exploravam o uso de pronomes dêiticos, de verbos simples e de verbos de concordância, e sobre os resultados desses mesmos testes a respeito dos verbos discorreremos no capítulo 3.

A segunda consideração é com relação ao que o próprio Thompson (2006) destaca: apesar de não haver mais que dois sinais para distinguir os pronomes dêiticos pessoais do singular, mesmo assim tanto a primeira quanto a segunda e a terceira pessoas são facilmente identificadas no discurso. Então questionamos, como isso é possível?

A respeito desse questionamento trazemos algumas discussões propostas por Thompson *et al* (2013):

Esses pesquisadores apontam uma potencial diferença entre as línguas sinalizadas e as línguas faladas: a forma como a categoria de ‘pessoa’ é codificada gramaticalmente. Aqui entendemos que, independentemente do uso do olhar, as pessoas são localizadas nas LS espacialmente em pontos estabelecidos ou não pelo sinalizador, isso já é em si uma potencial diferença entre essas línguas.

Ainda mais surpreendente, quando comparamos com as línguas faladas, é que a primeira e a não-primeira pessoa também foram identificadas em muitas outras línguas de sinais: na Língua de Sinais Dinamarquesa (ENGBERG-PEDERSEN, 1993); na Língua de Sinais Britânica (CORMIER, 2007) e na Língua de Sinais Israelense (Meir, 1998) (*apud* THOMPSON *et al*, 2013) .

Mesmo admitindo que há apenas o pronome de primeira e não-primeira pessoas do singular na ASL, esses autores postulam a hipótese de que é possível que o principal componente morfológico que distingue as três pessoas nas línguas de sinais, talvez ainda seja desconhecido. Destacamos alguns pesquisadores que têm afirmado haver, de fato, uma segunda e uma terceira pessoas para a forma do singular nessas línguas, sendo o uso do olhar o fator distintivo ou mesmo o tronco do sinalizador e a própria orientação da mão. Mesmo assim, esses autores (THOMPSON, 2006; THOMPSON *et al*, 2013) apresentam dados em suas pesquisas que refutam a existência de uma segunda e uma terceira pessoa.

Todavia se, compreendemos que os sinais dêiticos, devido seu “status” linguístico, apresentam estruturalmente nessas línguas sinalizadas de forma bastante peculiar, apesar de assumirem as mesmas funções das línguas faladas. Por isso, defendemos que a LIBRAS apresenta as três formas pronominais (1^a, 2^a e 3^a), e sobre isso pretendemos abordar mais profundamente no capítulo 4, que vai tratar do processo de formação e flexão dos dêiticos para o processo de construção de sentenças sinalizadas.

A seguir, apresentamos a sintaxe espacial dessas LS's e discorreremos; mais especificamente sobre o estudo e a classificação dos verbos, seguindo os principais teóricos voltados para essa área de pesquisa.

3 A SINTAXE ESPACIAL DAS LS'S E OS DÊITICOS

A estrutura da sintaxe das línguas de sinais é discutida dentro dos estudos linguísticos da área como uma sintaxe espacial, devido mesmo à modalidade visual-espacial dessas línguas. Ou seja, é no espaço que as sentenças são articuladas e ordenadas para organizar as ideias e transmitir significados. Essa LS é:

totalmente diferente de qualquer língua falada (compressão e modificações se dão no espaço) possui sintaxe e gramática espaciais de uma maneira única, e isso faz dela uma verdadeira língua, mesmo que inusitada (SACKS, 2010, p. 77).

Da expressão 'inusitada' apresentada por Sacks (2010) na citação acima, tomamos dois pontos a serem comentados: essa expressão em hipótese alguma desqualifica o caráter linguístico dessas línguas, pois apesar de os surdos não representarem uma nação, e sim uma minoria linguística¹⁰, vivem em comunidade e compartilham uma mesma língua sinalizada; outro ponto ainda sobre essa expressão é que, assim como em toda e qualquer língua natural¹¹, a estrutura de seus constituintes segue uma sequência hierárquica, não linear, justamente por possuir uma sintaxe espacial, como Quadros & Karnopp (2004) defendem a respeito do estudo da ordem das sentenças da Libras.

Sabemos que a sintaxe é a responsável pela organização dos itens lexicais, os quais, quando combinados entre si, constituem as sentenças de uma língua, obedecendo a certas regras, ordens e princípios linguísticos (gerais e específicos) próprios de cada língua. Segundo Negrão, Scher & Viotti (2010), os constituintes se distribuem e se estruturam em diversas posições nas sentenças de uma língua:

- a) Quando colocados em posição inicial (Topicalização);
- b) Quando deslocados para uma posição frontal ou final da sentença (sentenças de foco). Há, ainda, a possibilidade de deslocamento em sentenças construídas com verbo transitivo direto – VTD, que é o caso da passivização e
- c) Quando há o uso de pronominalização.

¹⁰ Segundo a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, temos que as pessoas não ouvintes por não compartilharem da cultura ouvinte, de forma natural e, sim, se comunicarem através das LS's, fazem parte de uma comunidade minoritariamente linguística.

¹¹ As LS's são consideradas naturais, do mesmo modo que as LO's, por surgirem da interação espontânea entre pessoas e da estrutura espacial dessas línguas que permite qualquer expressão significativa decorrente da necessidade de comunicação e expressão humana da comunidade não ouvinte.

Reportando-nos ao estudo da estrutura sintática das LS's e do modo como são constituídas e estruturadas as sentenças dessas línguas, é interessante destacarmos que:

- As línguas de sinais se estruturam sintaticamente no espaço em frente e ao redor do corpo do sinalizador, explorando as dimensões espaciais dessa língua;

- Assim como nas demais línguas naturais, utiliza-se de *proforma*¹² para retomar a referência de entidades e eventos já mencionados na sentença (QUADROS 1995, 1999);

- Para Quadros (1995, 1999), a Libras é uma língua *pro-drop*, porque tem sujeito (ou objeto) nulo. Ou seja, sua realização fonética é opcional.

- Para Sacks (2010), nessas línguas, por possuírem estrutura essencialmente diferente das LO's, não é possível traduzir de uma língua falada para a língua de sinais palavra por palavra ou frase por frase, tendo em vista, além de sua ordem estrutural, vários outros elementos que procuraremos discorrer ao longo dos próximos parágrafos.

A sintaxe da Libras, bem como das demais línguas sinalizadas, caracteriza-se pela referenciação de um local no espaço, de modo que: há a possibilidade de uma apontação antes do sinal para referenciar o substantivo; ter um sinal em particular, quando houver referência implícita; enfatizar um nome através de pronome dêitico; usar um Classificador para representar um sinal e/ou um referente em localização específica, usar a direção da cabeça e do olhar para identificar/localizar um referente no espaço neutro e o uso do próprio verbo direcional (QUADROS & KARNOPP, 2004).

Santana (2007), Quadros (1995; 1997; 1999) e Quadros e Karnopp (2004) definem que a estrutura da sintaxe da Libras possui a prevalência da ordem (SVO) - sujeito/verbo/objeto. Felipe (1989 *apud* QUADROS, 1995) já havia identificado em suas pesquisas essa mesma ordem e, além disso, verificou que ela não possui ordem fixa, pois tanto o sujeito (Suj.) como o objeto (Obj.) podem estar omissos, como também podem ser introduzidos outros elementos no discurso.

¹² “Em gramática gerativa, a *proforma* é o representante de uma categoria (N, por exemplo), isto é, representa o conjunto das propriedades comuns a todos os membros da categoria, abstração feita dos traços semânticos que distinguem cada membro da categoria em questão” (DEBOIS et al., 2006, p. 487).

Fato também averiguado por Quadros (1995), ao analisar as sentenças em Libras, a ordem SVO é predominante e o Suj. e o Obj. podem aparecer explícitos ou mesmo implícitos, isso é possível devido à flexibilidade do uso do espaço em frente e ao redor do corpo do sinalizador se dar de forma inusitada. Além disso, essa autora também verificou que, mesmo esses referentes estando omissos, são facilmente recuperáveis devido a alguns fatores específicos dessas línguas de sinais, tais como: uso da dêixis, uso do corpo, além da direção do olhar, que também são responsáveis por marcar esses elementos no espaço direcionando o interlocutor para o sentido.

Ainda com relação às pesquisas apresentadas acima, além dessa ordem também foram identificadas outras ordens possíveis na Libras (OSV) e (SOV), mas mediante alguma marca especial como: um dos elementos da frase for topicalizado; ou quando Suj. e Obj. não forem invertidos e/ou quando o locutor usar o espaço para indicar mecanismos gramaticais.

Diante dessas informações, verificamos que a organização espacial das línguas de sinais se dá de forma bastante complexa, devido ao emaranhado de padrões e marcações espaciais (SACKS, 2010). Mas não podemos esquecer que a ordem básica da Libras não é muito diferente do que ocorre nas demais línguas, ou seja, há muita variação nessas ordens, mas cada língua ‘elege’ uma ordem como a dominante.

Ainda, segundo Quadros & Karnopp (2004), ao apresentarem e analisarem a sintaxe espacial da Libras, baseadas em estudos e resultados de pesquisas de linguistas não ouvintes norte-americanos, que tratam da Língua de Sinais Americana – ASL, destacam que nesta, a ordem básica também é SVO, assim como as demais ordens compõem suas sentenças frasais, conforme podemos verificar nos exemplos de Quadros & Karnopp (2004) extraídos e reestruturados de exemplos da ASL para a Libras:

1) MARIA¹ AJUDAR² JOÃO² (SVO)

A Maria ajuda o João. (Sentença em PB)

2) MARIA¹ AJUDAR¹ JOÃO² (OVS)

O João ajuda a Maria. / A Maria é ajudada pelo João. (Sentença em PB)

3) a) **MARIA¹ JOÃO² ²AJUDAR¹ ([O]¹³SV) ou**

b) **MARIA¹ JOÃO² ²AJUDAR¹ MARIA¹ ([O]¹⁴SV(O)**

3a) A Maria, o João ajuda. (Sentença em PB) Maria é o tópico.

3b) [Maria] O João ajuda a Maria. (Sentença em PB)

4) a) **¹AJUDAR² (SVO)**

b) **²AJUDAR¹ (SVO)**

4a) Ela ajuda ele. (Sentença em PB)

4b) Ele ajuda ela. (Sentença em PB)

Na sentença **1)**, o Suj. (Maria) é marcado atrelado ao verbo o ponto inicial ¹ e o Obj. é identificado pelo ponto final ² ¹⁵, portanto temos a ordem (SVO). Em oposição a essa sentença temos **2)**, o Obj. parte atrelado a ação do verbo em direção ao Suj¹⁶, alterando, pois, a ordem da sentença. Nessas sentenças, observamos que a organização gramatical da Libras se dá no espaço, porque lá é o lugar onde são realizados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Já na **3)**, as sentenças **3a)** e **3b)** parecem apresentar uma mesma ordem (OSV), mas, ao observarmos mais detalhadamente, verificamos que em **3a)**, o termo **Maria** é o tópico do enunciado, o qual destaca e enfatiza o referente a sofrer/receber a ação de ser ajudada, de modo que a ordem dessa sentença é (OSV) e em **3b)** a ordem é (OSV(O)).

Ferreira (2010), edição atualizada, com base nos estudos de Felipe (1989), apresentou as várias possíveis ordens nas sentenças da Libras, e verificou que há, de fato, a predominância de uma ordem mais básica (SVO). A partir dessas informações, Quadros & Karnopp (2004) identificaram todas essas ordens em suas análises, como podemos observar nos exemplos **1), 2) e 3)**.

¹³ Objeto topicalizado, isso é possível devido à estrutura sintática dessa língua sinalizada que permite referentes (Suj. e/ou Obj.) alternarem suas posições ou mesmo se apresentarem nulos (*Pro-drop*).

¹⁴ Nessa sentença também temos uma frase topicalizada, e é também comum em LIBRAS repeti-la no final da sentença, nos parece uma espécie de pleonasma, algo que é bem comum no PB.

¹⁵ No tópico 3.2 explicaremos melhor de que tratam esses pontos que marcam e fixam esses referentes nas sentenças das LS's.

¹⁶ Para alguns teóricos, essa ocorrência é uma reversão, ou seja, são classificados como verbos reversíveis. No entanto, Ferreira (2010) considera que esse seria um caso de voz passiva em oposição à voz ativa, conforme apresenta a sentença 1). Contudo, os demais pesquisadores da área não se reportam a essa afirmação de Lucinda Ferreira, pelo contrário, parecem considerar um tipo especial de classe verbal.

Portanto, a Libras, por ser considerada *pro-drop*, tanto o Suj. como o Obj. pode(m) ser omitido(s), desde que observando as restrições quanto à classe de verbos e à dependência de elementos do discurso (QUADROS, 1995). Além do mais, como vimos, esses referentes são facilmente recuperáveis mediante o contexto sintático. As ordens (OSV), (SOV) e (VOS) são, na verdade, as derivações de (SVO) nessa língua. E essas mudanças de ordens são resultantes de operações sintáticas específicas associadas a algum tipo de marca, por exemplo, a concordância e as marcas não-manuais (QUADROS & KARNOPP, 2004).

Dessas considerações, temos que a estrutura sintática da ordem das sentenças nas LS's tanto é possibilitada pela modalidade espacial, bem como pelos fatores específicos dessas línguas, que são os elementos dêiticos, o uso do corpo, a direção do olhar etc., visto que são eles, os responsáveis em marcar/apontar/identificar os referentes no espaço.

3.1 A natureza dos verbos e a sua relação nas línguas de um modo geral

O verbo é a palavra que indica ação, estado ou fenômeno da natureza, e é “a única palavra que pode ser modificada para expressar mudanças em relação ao tempo” (FERRAREZI JR., 2014, p. 14). É através das ideias de tempo presente, passado e futuro que é expressa no verbo, através de desinências, a ação verbal no tempo. Apesar disso, sabemos que existem outras palavras que também marcam o tempo, como por exemplo: ontem, hoje, amanhã, antes, depois etc., como Mória (1993) destaca em suas pesquisas a respeito do tempo nas línguas naturais¹⁷. No entanto essas palavras não recebem desinências para expressar essa ideia temporal. É através da flexão, cuja terminação identifica a pessoa, o número, o tempo e o modo expresso nessas desinências, que incorporadas ao radical do verbo, ou na desinência de infinitivo, que compõem “o nome do verbo” (FERRAREZI JR., 2014, p. 20).

Para Cunha & Souza (2011), a classe dos verbos é um universal linguístico presente em todas as línguas naturais, visto que um verbo se faz presente semanticamente em todo enunciado. O sentido da ação verbal é determinado pelos argumentos e por sua relação que mantêm com o verbo. Sendo que esse verbo

¹⁷ Discorreremos mais a esse respeito no capítulo 4.

poderá se apresentar isolado, como numa oração imperativa: Beba!; Aproveite!; Compre! etc. ou acompanhado por um ou mais argumentos/nomes. Os verbos se classificam em tipos, conforme a descrição e a função que exercem dentro de uma oração.

Além dessa relação entre o verbo e o nome, de acordo com Benveniste (2005, p. 247): “o verbo é, com o pronome, a única espécie de palavra submetida à categoria de pessoa. O pronome, entretanto, tem tanto outros caracteres que lhe pertencem particularmente e comporta relações tão diferentes [...]”.

Todas as línguas são dotadas de verbos que, de modo geral, classificam-se segundo a referência de pessoa, distinguindo-se em singular e plural. Assim, toda forma verbal provem de um índice pessoal que se relaciona às “coisas do mundo”, de forma que essas pessoas se opõem sobre as outras definindo suas ações no mundo. Todo verbo é acompanhado de elementos nominais, que são os seus argumentos. Por isso, o conceito universal do ser humano se resume nos verbos e nos nomes, sendo que o verbo compreende as ações, estados e eventos.

E como se dá esse processo dos verbos e suas flexões de pessoa, número tempo e modo nas línguas sinalizadas? É o que pretendemos discutir neste capítulo e, mais especificamente, no capítulo quatro. No subtópico a seguir, discorreremos a respeito do estudo das classes e tipos verbais nas línguas sinalizadas

3.2 Alguns dados de estudos dos verbos quanto à sua classificação e tipologia nas línguas de sinais

Quanto à tipologia e à classificação dos verbos nas LS's, há várias nomenclaturas dentro da literatura da área. Em Quadros (1995), por exemplo, são apresentadas algumas delas, vejamos:

- Fischer (1973), Fischer & Gough (1978) e Baker & Cokely (1980) classificaram os verbos em dois grupos: verbos direcionais e verbos não direcionais;
- Em Supalla (1990), os verbos também foram classificados em dois grupos: verbos de movimento e verbos sem movimento;
- Para Padden (1983), os verbos na ASL foram apresentados em três classes: verbos simples, verbos flexionados e verbos espaciais.

Ainda segundo Quadros (1995), em outras pesquisas desses verbos, Padden (1990)¹⁸, Loew (1984), Lillo-Martin (1986), Liddel (1990) e Emmorey (1991), definiram e classificaram-nos na ASL da seguinte forma: verbos simples (ou verbos sem concordância), verbos com concordância e verbos espaciais.

Encontramos em Quadros e Quer (2010, p. 36) uma justificativa para essa ‘proliferação’ de denominações, “provavelmente associada à forma da flexão afixada ao verbo e, também, ao estatuto da concordância”. E na tentativa de melhor esclarecermos essa variada classificação de tipos e classes verbais nessas línguas sinalizadas, segundo as nomenclaturas acima apresentadas, observemos o seguinte quadro explicativo:

Quadro 1 – Tipos e classes verbais

TIPOS	VERBOS DE MOVIMENTO	VERBOS SEM MOVIMENTO	VERBOS DE MOVIMENTO
CLASSES VERBAIS¹⁹	VERBOS DIRECIONAIS VERBOS INCORPORADOS VERBOS FLEXIONADOS VERBOS COM CONCORDÂNCIA	VERBOS NÃO DIRECIONAIS VERBOS ANCORADOS VERBOS SIMPLES VERBOS SEM CONCORDÂNCIA	VERBOS ESPACIAIS
EXEMPLOS:	AVISAR, DIZER, DAR etc.	GOSTAR, AMAR, LEMBRAR etc.	IR, VOLTAR, etc.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

¹⁸ Segundo consta em Quadros e Quer (2010), só depois essa autora passou a reconhecer que os verbos flexionados seriam na verdade verbos com concordância.

¹⁹ Destacamos que durante nossas leituras, encontramos muitas outras classes verbais apresentadas por vários autores: Verbos de Possessão e Verbos Cognitivos (KEGL, 1985); Verbos Locativos; Verbos de Transferência etc.. Como muitos desses verbos são apenas comentados superficialmente, não se sabe, ao certo se se referem às mesmas classes definidas acima, mudando apenas a nomenclatura, ou se, de fato, são outras classificações verbais.

Essas expressões em destaque para Verbos Incorporados e Ancorados não são assim comumente denominadas, apesar de essa ser a característica primordial que distingue os dois tipos de verbos: verbo direcional - VD e verbo não direcional - VND, respectivamente. No entanto, ao longo de nossas leituras, também pudemos encontrar essas e muitas outras expressões para classificar esses verbos.

Os verbos incorporados se dão pelo fenômeno pelo qual o pronome/referente é **incorporado**, concomitantemente, à ação do verbo, como por exemplo: ¹**COMUNICAR**^{2 3} / Eu comunico a ele e a você (Tradução PB). No caso, o verbo é sinalizado partindo de um ponto inicial (Eu – Sinalizador) para um ponto final (Ele / Você – Interlocutores). Nesses verbos, como vimos anteriormente, é a direção do movimento do sinal e a orientação/direção da mão que marcam esses referentes. Isso significa que não são apresentados sinais referencias e/ou de apontação, eles ficam implícitos ou incorporados junto ao verbo.

Já os verbos ancorados são aqueles cuja marcação é feita ancorada em alguma parte do corpo do sinalizador. E que muitas vezes o próprio referente aparece ali implicitamente. Esse dado é o que nos leva a uma possível constatação de que nesses verbos também tenhamos flexão. Isso discutiremos posteriormente, no momento o que nos cabe é entender um pouco mais a respeito dessas classes verbais. O seguinte exemplo nos revela como se dá um verbo ancorado:

ACREDITAR DEUS

Acredito em Deus (Tradução PB).

(dêitico pessoal) ACREDITAR DEUS

Eu acredito em Deus (Tradução PB).

O pronome **EU** tanto poderá ser sinalizado através do pronome dêitico (dedo indicador) como poderá ficar implícito, sendo apenas o contexto em si o responsável por construir-lhe o sentido, tal como ocorre nas LO's. Enfim, esses verbos, por serem articulados em alguma parte do corpo do sinalizador ou próximo dele, tanto poderão assumir essa marcação explícita quanto implícita de seus referentes, especialmente, quanto à primeira pessoa, é o que torna o Suj. implícito.

Em Quadros e Quer (2010), encontramos outra(s) forma(s) de definição a respeito da classificação dos verbos nas LS's, sendo essa muito mais abrangente do que a proposta apresentada anteriormente por Quadros (1995).

Quadro 2 – Flexão verbal para pessoa das classes verbais

FLEXÃO VERBAL PARA PESSOA	CLASSES VERBAIS: VERBOS DIRECIONAIS
QUANTO À DIRECIONALIDADE	VERBOS NÃO SIMPLES Ex.: COMUNICAR / AVISAR
	VERBOS ESPACIAIS Ex.: IR / VIR
QUANTO À LOCALIDADE	VERBOS NÃO SIMPLES Ex.: CONVIDAR / AJUDAR
	VERBOS ESPACIAIS Ex.: PEGAR / ESCOLHER
QUANTO À REVERSIBILIDADE	VERBOS REVERSÍVEIS²⁰

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Aqui a classificação dos verbos em VD é mais abrangente do que como VCC, pois nela estão incluídos todos os verbos que se movem fisicamente na direção do(s) argumento(s) estabelecidos no espaço em frente ao corpo do sinalizador. Enfim, abarca ao mesmo tempo a classificação dos VD (Verbos não simples) e Verbos Espaciais - VE.

Em contrapartida a essa definição, temos, conforme o quadro 3, descrito a seguir, os verbos VND, ou verbos simples, são assim denominados porque não possuem direcionalidade, tal como exposto em Quadros (1995):

Quadro 3 – Verbos não direcionais

CLASSE VERBAL	VERBOS SIMPLES
VERBOS NÃO DIRECIONAIS - VND	VERBOS SEM CONCORDÂNCIA

²⁰ Parece que nesses verbos não há um consenso, pois alguns consideram, como Ferreira (2010), ser os verbos direcionais, aqui tidos como não simples.

ALGUNS EXEMPLOS:	ENTENDER , ESPERAR AMAR, PERDER DEMORAR, ESQUECER etc.
-------------------------	---

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Segundo Quadros e Quer (2010), essas diferentes classificações dos verbos surgem da dificuldade dos estudiosos da área em estabelecer os limites e as fronteiras entre uma classe e outra. Isso parece bem evidente, quando nos deparamos com os Quadros 1, 2 e 3. E, por isso, comungamos com o pensamento desses autores, quando afirmam que: “[...] há razões para considerar ambas as classes como instâncias de uma classificação imprecisa (vaga), mesmo havendo outras razões que pudessem distingui-las” (QUADROS e QUER, 2010, p. 40).

Com base no que foi discutido até agora, vemos que não há um consenso exato a respeito da classificação dos verbos nas línguas sinalizadas. Como vimos, cada pesquisador ou grupo de pesquisadores apresenta ideias bem divergentes quanto ao estudo e nomenclatura dos verbos na literatura da área.

No próximo tópico partiremos do que foi exposto até agora, para abordarmos, de forma mais descritiva, essas duas classes verbais na Libras.

3.2 As duas classes verbais na Libras

Anteriormente, os verbos na Libras distinguem-se em dois tipos: direcionais e não direcionais, seguindo a “nomenclatura” da ASL, que segundo consta em Ferreira (2010), foram propostas, primeiramente, por Padden (1980) e Friedman (1976). Atualmente, a nomenclatura da área opta pelas expressões simples (VND) e não simples (VD).

Os verbos não simples são sinalizados no espaço neutro, por isso a grande maioria dos pesquisadores consideram esse fato ser preponderante para não haver ambiguidade, tendo em vista que o locutor/sinalizador, ao utilizar esses verbos, marcam o Suj. e o Obj. sem usar um pronome dêitico ou mesmo outro recurso, pois esses referentes ficam incorporados à direção e orientação da mão do sinal verbal.

Desse modo, esses verbos apresentam flexão verbal para pessoas e número, possibilitados pela O/D, marcando-os nos pontos inicial²¹ e final²², fazendo uso do recurso da direção do parâmetro Movimento (M). Esses verbos são numerosos e divididos em duas subclasses:

- 1) Quando um verbo é sinalizado, partindo do ponto inicial do (M) marcando/identificando o Suj., e segue para o ponto final do (M), marcando o objeto.
- 2) Quando a ordem do Movimento (M) do sinal do verbo muda ao ser sinalizado; são os chamados verbos direcionais “revertidos”, em que o ponto inicial do (M) marca o objeto partindo para o ponto final do (M) marcando o sujeito (FERREIRA, 2010).

Para essa autora, enquanto a estrutura dos verbos não simples é SVO, os verbos não simples tidos como “revertidos” seguem uma direção oposta: OVS (Objeto-Verbo-Sujeito), tal como na sentença (III), pois seria uma ocorrência de Voz Passiva. já na (IV), o verbo direcional equivale à Voz Ativa.

(III) LIVRO³ PEGAR¹ (O livro foi pego por mim)²³.

(IV) LIVRO¹ PEGAR³ (Eu peguei o livro).

Assim, os verbos não simples são um “caso especial de incorporação”. Ferreira (2010) explica que essa incorporação verbal nas línguas de sinais é o equivalente à flexão verbal na Língua Portuguesa, por isso, esses verbos sofrem flexão. Desse modo, para essa autora, a incorporação ocorre quando um verbo “foge” de sua forma específica para ancorar um objeto (complemento), e quando isso ocorre, um ou mais parâmetros²⁴ são modificados.

Há, ainda, segundo essa autora, alguns fatores que auxiliam na identificação desses verbos direcionais, tais como: quando sinalizados não há contato com o corpo (acontecem no espaço neutro); auxiliados por meio do Parâmetro Movimento, o locutor ao indicar, sem ambiguidade, o sujeito e o objeto; que são flexionados em pessoa e número, por isso marcam as 1^a, 2^a e 3^a pessoas do discurso.

²¹ Refere-se ao ponto de partida do sinal, ou seja, onde o sinal começa.

²² Refere-se ao ponto de chegada do sinal, ou seja, onde o sinal termina.

²³ Sistema de transcrição

²⁴ Os parâmetros são unidades sublexicais sem sentido, que auxiliam no processo de formação dos sinais, são eles: Configuração de Mãos – CM; Ponto de Articulação - PA; Movimento – M; Orientação e Direção da palma da mão – O/D e as Expressões Não-Manuais – ENMs.

Para Quadros e Karnopp (2004), os verbos não simples são também verbos com concordância, pois eles concordam com o Sujeito e também com o Obj. direto/indireto, estabelecendo uma relação entre os pontos estabelecidos no espaço e os argumentos que estão incorporados no verbo. Outro ponto destacado por essas autoras é que a direção do olhar também acompanha o movimento do sinal, reforçando assim a concordância verbal.

Os verbos de Concordância - VCC são divididos na Libras em duas classes:

-- Os Verbos não simples são verbos que se flexionam em pessoa e número:

DAR, ENCONTRAR, PEGAR etc..

- Verbos Espaciais – VE são verbos que se flexionam apenas pela localização: **IR, CHEGAR, VOLTAR** etc..

Já os verbos simples são tidos como verbos que não se flexionam. E aparecem em três subclasses (FERREIRA, 2010):

A primeira subclasse ocorre com verbos “ancorados” no corpo, ou seja, os sinais são feitos em contato ou muito próximos ao corpo. E são assim divididos: **verbos de estado**²⁵ (GOSTAR, SABER etc.); **verbos de ação** (COMER, CONVERSAR etc.). os quais seguem a ordem (SVO) ou (OSV), sendo que esta ordem ocorrerá somente em verbos cujo objeto estiver topicalizado (PADDEN 1980 *apud* FERREIRA, 2010). Com relação a esses verbos, Ferreira (2010) infere que:

I - a menção lexical explícita do objeto pode ser evitada, eliminando-o; e para evitar a ambiguidade, o locutor pode indicar os referentes de 3ª pessoa movendo seu corpo numa direção particular ou em várias direções.

4) **1GOSTAR**³ (Orientação do corpo para a direita/esquerda)

Eu gosto dele/a. (Tradução em PB).

Dependendo da posição do sinalizador em relação ao(s) seu(s) interlocutor(es), ele usará o corpo ao mesmo tempo em que articula o sinal do verbo, direcionando seu ombro para a direita ou para a esquerda, conforme o *loc* estabelecido para esse referente.

II - sujeitos e objetos são indicados sem ambiguidade pelo uso da orientação do corpo e do uso de dêiticos; pode ainda o locutor usar o sinal-nome para cada 3ª pessoa depois de cada virada do corpo.

²⁵ Para Ferreira (2010), são verbos cognitivos, emotivos ou experienciais.

5) “dêítico” CONVERSAR “dêítico”

Ele/a está conversando com ele/a. (Exemplo em PB).

Nesse exemplo, podemos perceber a importância dos pronomes dêíticos ao indicar claramente seu(s) referente(s) no espaço em frente e ao redor do corpo do sinalizador. Assim, ao marcar e apontar o Suj. e o seu respectivo Obj. fica evidente, em **5)**, quem pratica e quem recebe a ação do verbo. Por isso, os estudiosos linguistas dessas LS's consideram esse caráter especial nessas línguas: de que a ambiguidade dificilmente acontecerá nesse tipo de sentença. Contudo, devemos esclarecer que a ambiguidade aqui discutida por meio desse exemplo somente é possível de ser evitada no ato discursivo em si, pois tal como descrita acima, é evidente que não há como saber de quem se trata do sujeito ou do objeto.

Enfim, talvez esse caráter especial defendido por muitos linguistas da área, de fato, não seja único nessas línguas, pois nos parece evidente que, no ato discursivo toda e qualquer ambiguidade ou dúvida poderá ser esclarecida pelo usuário de uma língua em seus atos de fala, até mesmo porque não é essa função dos dêíticos: “[...] em se relacionar à hora e ao lugar de sua ocorrência, à identidade do falante e do interlocutor, aos objetos e aos eventos, na situação real de enunciação” (LYONS, 2009, p. 127).

A segunda subclasse ocorre quando o verbo e o Obj. são articulados simultaneamente, ou seja, esse tipo de verbo incorpora o objeto, concomitantemente, à ação verbal. Essa incorporação²⁶ se dá pelo uso dos Classificadores, por exemplo:

6) a) COMER (Verbo no infinitivo)

b) **COMER^MAÇA.**

7) a) BEBER (Verbo no infinitivo)

b) **BEBER^CAFÉ.**

Para Ferreira (2010, p. 62), esses verbos “possuem uma forma de citação específica, mas quando incorporam o objeto, um ou mais parâmetros mudam em função das especificidades do sinal objeto incorporado”.

²⁶ É de grande interesse para nossa pesquisa esse processo aqui denominado incorporação, pois nos remete ao processo de flexão dos VCC tão discutidos, e que, no entanto, os pesquisadores, em sua grande maioria, parecem não considerar essa realidade quanto aos VSC.

E, finalmente, a terceira subclasse, seria relacionada aos verbos que apresentam flexão em apenas um Sintagma Nominal (ou o Suj. ou o Obj.), visto que o Suj. desses verbos pode vir ou não explícito, pois não há um movimento linear. É importante destacarmos que essa subclasse foi apenas sugerida por Ferreira (2010), baseada nos estudos de Padden (1980). Além do mais, essa autora não apresentou nenhum exemplo com esses verbos, deixando vaga essa subclassificação.

Atualmente, dentro dos estudos dos verbos na Libras é adotada a nomenclatura defendida por Quadros (1995, 1997, 1999); Quadros & Karnopp (2004); Quadros & Quer (2010), segundo esses pesquisadores são apenas duas as classes verbais: Verbos simples (VSC), Verbos não simples (VCC). No próximo tópico discorreremos mais especificamente sobre a concordância verbal das línguas sinalizadas.

3.3 A concordância verbal das línguas de sinais

Como vimos, o estudo da definição e da classificação dos verbos nas LS's há algum tempo demanda grande interesse de vários linguistas em todo o mundo, sendo objeto de discussão por apresentar uma série de fatores e fenômenos, “[...] não resolvidos, apesar de ter sido considerada, quanto às propriedades específicas impostas pela modalidade [...]” (QUADROS e QUER, 2010, p. 33).

A concordância verbal nessas línguas tem sido objeto de discussão por duas grandes razões:

A primeira diz respeito ao “status” linguístico diferenciado, que é a sua concordância espacial. Esse fato foi percebido por William Stokoe (QUADROS 1995), que verificara que os verbos na ASL apresentavam uma concordância distinta da que ocorria nos verbos das LO's, e que para ele era algo muito mais complexo, pois nas LS's havia, sim, uma espécie de concordância espacial, a qual seria “uma relação locativa com pontos²⁷ no espaço de sinalização correspondendo a localizações” (QUADROS e QUER, 2010, p. 35).

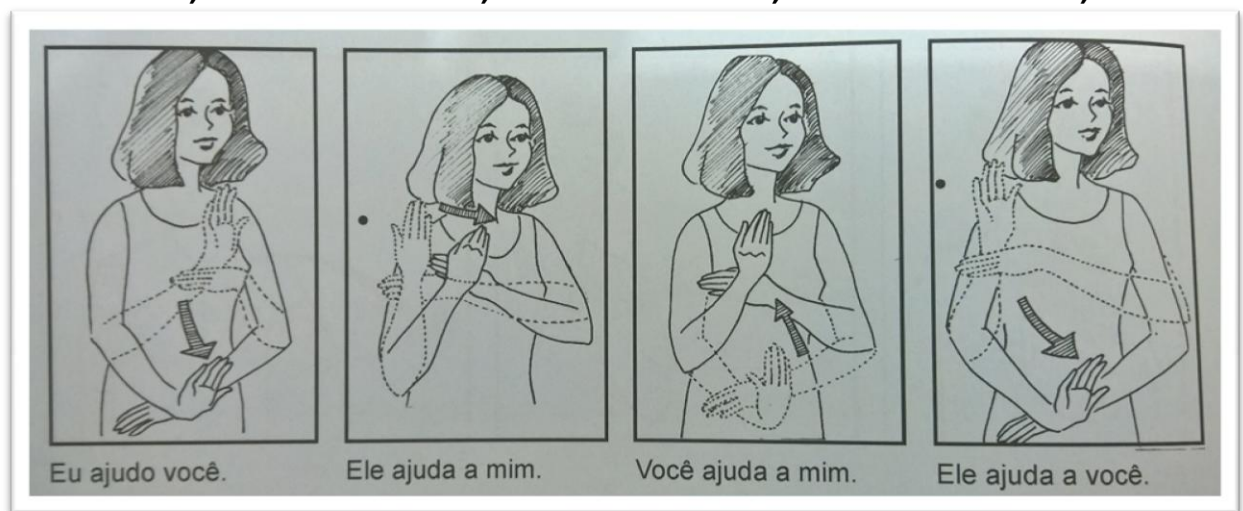
E a segunda razão é que nem todos os verbos nessa língua se flexionam para concordar com seu Suj. e os verbos que sofrem essa mudança, diferentemente

²⁷ Segundo esses autores, esses pontos correspondem aos Pontos Inicial e Final, e são possibilitados pela marcação de concordância do sinal verbal.

do que ocorre com os verbos das LO's, incorporam os sinais dêiticos pessoais que indicam a localização dos referentes espacialmente.

Assim “a concordância é um fenômeno morfossintático que não se restringe à sua marcação realizada abertamente por meio de uma trajetória” (QUADROS e QUER, 2010, p. 45). Isto é, os pontos (inicial / final) que localizam os referentes não são suficientes para identificar os agentes da ação verbal, entram em jogo, ainda, os parâmetros responsáveis pela formação e composição do léxico nas LS's, mais especificamente a O/D e o M também auxiliam nesse processo, como podemos verificar nas sentenças da imagem a seguir:

Imagem 11– O verbo AJUDAR e a sua relação com o Suj. e o Obj.



Fonte: Quadros (1997)

Observemos como a orientação da palma da mão do sinalizador é o principal fator que marca o Suj. nessas sentenças, auxiliado pelo movimento que indica a ação verbal, pois esse verbo marca a concordância através do parâmetro Or, de forma que o sinalizador tem a:

- A)** Mão posicionada próximo ao seu tronco e com a palma da mão voltada para frente, sendo direcionada para o espaço de sinalização: **EU AJUDAR VOCÊ**
- B)** Mão posicionada à direita, no espaço de sinalização e com a palma da mão voltada para trás, sendo direcionada para seu tronco: **EL@ AJUDAR EU**
- C)** Mão posicionada à frente, no espaço de sinalização e com a palma da mão voltada para trás, sendo direcionada para seu tronco: **VOCÊ AJUDAR EU**

D) Mão posicionada à direita, no espaço de sinalização e com a palma da mão voltada para frente, sendo direcionada para o espaço de sinalização: **EL@ AJUDAR VOCÊ.**

Quadros e Quer (2010) identificam que alguns autores passam a analisar a concordância verbal nas línguas sinalizadas como pertencentes a outro fenômeno, porque nas formas dos verbos não aparecem traços de argumentos nominais por si mesmos, e sim no espaço neutro através da localização dos referentes, possibilitada pela trajetória do sinal, pela O/D e pelo M, ambos relacionados compõem o processo de concordância verbal.

A partir de agora trataremos da noção de concordância verbal apresentada por Quadros (1995, 1997) e Quadros e Quer (2010), com o propósito de abordar a diferença e os pontos em comum entre os verbos com concordância – VCC (verbos não simples) e os verbos sem concordância – VSC (verbos simples).

Dentro do estudo dos aspectos gramaticais das línguas naturais, entendemos que a concordância verbal ocorre quando o verbo se flexiona para concordar com o seu Suj.. Com relação à noção de concordância verbal, apresentada por Quadros (1995), em sua dissertação de mestrado, os verbos dessas línguas são classificados em flexionados ou VCC, porque de fato concordam com o seu Suj. e em verbos simples. No caso dos verbos VCC, o verbo tem incorporado o pronome que define o Suj., o Obj. direto e/ou Obj. indireto. Para melhor compreendermos, observemos as seguintes sentenças em Libras:

- (I) ¹**AVISAR**₂ Eu aviso a você.
- (II) ²**AVISAR**₁ Você me avisa.
- (III) ¹**AVISAR**₂₃ Eu aviso a ele e a você.

Nas sentenças acima, ¹ representa a primeira pessoa, ² a segunda pessoa e ³ referem-se à terceira pessoa. Como discutimos no capítulo anterior, os pronomes nessas línguas são considerados dêiticos porque são articulados através da apontação gestual. Contudo, nos verbos VCC os dêiticos de pessoa não são sinalizados, porque foram incorporados à ação verbal, e são identificados apenas pela localização espacial que marca o Ponto Inicial e o Ponto Final do movimento do verbo no espaço neutro em frente e/ou ao redor do corpo do sinalizador. Enfim, é o

próprio verbo que, quando se movimenta (partindo do ponto inicial para o ponto final), define as relações gramaticais flexionando, assim, seus referentes espaciais.

Diferentemente do enunciado **(I)**, em que o movimento inicial do verbo (CM em 'Y') parte do sinalizador para o interlocutor, na sentença **(II)** o movimento do sinal é invertido, a mão do sinalizador parte inicialmente da localização do interlocutor em direção ao seu tronco. E na sentença **(III)**, a direção do movimento, tal como em **(I)**, parte do sinalizador, segue para o interlocutor e, em seguida, para uma terceira pessoa, tudo isso possibilitado pela orientação da palma da mão (QUADROS e QUER 2010).

E é desse processo da incorporação dos sinais dêiticos de pessoa o que justifica boa parte dos pesquisadores da área classificarem esses verbos em VCC, porque entenderam que esse movimento, o qual direciona os referentes (Suj. e Obsj. direto e indireto), é a flexão em si, estabelecendo a relação gramatical. Desse modo, esses verbos concordam incorporando seus referentes e mudando conforme a localização do seu Suj..

Quadros (1995) descreveu que, do mesmo que a ASL, a Libras possui três formas de concordância pessoal nos verbos são: 1ª pessoa: próximo ao corpo do sinalizador; 2ª pessoa: na direção do receptor determinado pelo contato do olhar com o receptor real ou marcado discursivamente e a 3ª pessoa: o marcador de concordância terá o mesmo *loci* no espaço neutro assinalado à 3ª pessoa²⁸.

Em extremo oposto, temos o caso dos verbos VSC, caso em que a ação do verbo fica ancorada em alguma parte do corpo do sinalizador, e o pronome/referente é marcado de forma implícita ou explícita, por meio de um dêitico ou mesmo de um sinal.

Para finalizarmos essa discussão a respeito das classes verbais VCC e VSC nas LS's, apresentamos abaixo um quadro explicativo, fundamentado nos estudos discutidos por todos os pesquisadores aqui apresentados, nele traçamos um paralelo a respeito dessas duas classes verbais:

²⁸ Apesar de autores como Meier (1990); Thompson (2006); Thompson et al (2013) e Meier & Lillo-Martin (2013) apresentarem discussões e concepções distintas do que é proposto atualmente na Libras, seguiremos com nossas discussões considerando que há três pessoas do singular, e que os VCC marcam concordância, porque incorporaram esses dêiticos.

Quadro 4 – As duas classes verbais VCC e VSC

TRAÇOS VERBAIS	VERBOS COM CONCORDÂNCIA	VERBOS SEM CONCORDÂNCIA
FORMA/ ARTICULAÇÃO	O movimento do sinal do verbo define as relações gramaticais, através de suas localizações no espaço.	Ancorado ao corpo do sinalizador.
FLEXÃO	Em pessoa, número, locação e aspecto.	Em locação e aspecto ²⁹
DIREÇÃO*	Varia conforme a orientação da palma da mão que marca os referentes.	
TRAJETÓRIA**	O sinal do verbo parte de um ponto inicial para um ponto final, marcando o <i>loc</i> .	
LOCAL	No Espaço Neutro	Comumente em alguma parte do corpo ou próximo a ele.
REFERENTES	Incorporação dos Pronomes: Suj. e Obj. são incorporados juntamente com o movimento do sinal no espaço em frente ao corpo do sinalizador, atrelado ao verbo.	Fenômeno da dêixis: Suj. e Obj. poderão ficar omissos ou são marcados e apontados no espaço em frente ao corpo do sinalizador, separado do verbo, de forma explícita.
Outras formas de marcar referentes	Uso do olhar e uso do corpo (cabeça, ombro, boca etc.).	Uso do olhar e uso do corpo (cabeça, ombro, boca etc.).

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Os dados apresentados no quadro 4 refletem algumas das discussões apresentadas pelos linguistas das LS's sobre esses dois verbos. Essas discussões se tornaram amplas e, muitas vezes, apresentam-se com linhas teóricas bastante distintas (PADDEN 1990; MEIER, 1990; LIDDELL, 2000, 2003 e FERREIRA, 2010).

Nesse quadro são apresentados dados sobre o estudo dessas duas classes, com destaque para os traços verbais representados pelas expressões: **forma/articulação; direção e trajetória**, expressões estas que foram por nós 'catalogadas', a partir dos fundamentos teóricos pesquisados.

Com relação aos traços **direção*** e **trajetória****, esses não estão relacionados aos verbos VSC, justamente pela articulação desses verbos ser

²⁹ Nos autores lidos não foi encontrado nenhum exemplo de sentenças nesse sentido.

ancorada ao corpo do sinalizador e, também, por esse mesmo motivo, precisarem marcar seus referentes de forma distinta da dos VCC, isto é, explicitamente.

3.4 Algumas considerações atuais a respeito do estudo dos verbos nas línguas sinalizadas e as suas possíveis relações com os sinais dêiticos pessoais

Para Quadros e Quer (2010), há outras possibilidades para o estudo da classificação dos verbos que são detectadas em algumas pesquisas, mas têm sido pouco discutidas: o fato de essas classes verbais permearem entre si, “[...] a classificação verbal proposta por Padden (1990) não é sempre apropriada, pelo menos se houver o entendimento de classes exclusivas” (QUADROS e QUER, 2010, p. 40), pois há verbos como:

[...] **MATAR** e **MORDER**, que geralmente não são analisados como verbos de concordância. Esses verbos podem ser sinalizados na direção de uma localização a que se referem ou podem ser sinalizados em posições neutras. No primeiro caso, eles parecem ter flexão e, no segundo, parecem ser simples. Esse tipo de exemplo reflete a imprecisão das fronteiras de classificação mencionada anteriormente (QUADROS e QUER, 2010, p. 41). (Grifo nosso).

Esse exemplo nos chama atenção para alguns estudos que apontam para a possibilidade de os VCC se apresentarem como uma evolução da relação entre os VSC com os dêiticos pessoais, que foram incorporados, ao longo do tempo, a esses verbos que, por serem ancorados ao corpo do sinalizador e/ou próximos ao seu tórax, marcam seus referentes espacialmente através dos sinais dêiticos (MEIER & LILLO-MARTIN, 2013).

E conforme destacamos nos verbos na citação anterior, é possível identificar essa mudança dos verbos **MATAR** e **MORDER** que tanto se apresentam ancorados ao corpo do sinalizador como também podem ser sinalizados como que marcando um referente num ponto localizado no espaço de sinalização. Isso se justifica pelo fato de que na:

[...] Língua de Sinais Israelense-ISL, essa língua tem apenas 75 anos (Meir, 2012), [...] em um estudo a partir de três gerações [...] identificou que numa geração anterior o sinal como DAR tinha um ponto fixo e ele era ancorado ou próximo ao corpo do sinalizador. Depois evoluiu para mudança de seu ponto final. E na terceira geração de sinalizadores ganhou um ponto de origem e um ponto final [...] e a localização inicial do verbo DAR não é mais ancorada ao corpo do sinalizador. O verbo pode agora se mover de uma localização de objeto de primeira pessoa no corpo se o sinalizador é o receptor e pode também se mover de uma localização associada com o objeto indireto (receptor) [...] (MEIER & LILLO-MARTIN, 2013, p. 168). (Tradução Nossa).

Desses dados, eis que nos surge o seguinte questionamento: se é possível que esses verbos VSC, quando têm incorporados os sinais dêiticos pessoais, ganham um ponto inicial e um ponto final, então significa que, de fato, são os sinais de apontação que possibilitam a marcação da concordância verbal nessas línguas?

Esse é justamente o ponto divergente entre Meier & Lillo-Martin (2013) com os teóricos que eles abordam em sua pesquisa: Meir (2012) e Pfau & Steinbach (2006). O primeiro aponta que a ISL, por ser uma língua jovem, foi possível identificar, ao longo de três gerações, como os verbos se comportam nessas línguas. Do resultado apresentado, ele considera que esses verbos sofrem uma mutação por si mesma, e não por um aspecto gramatical. Já Pfau & Steinbach (2006) sugerem que os marcadores de concordância nas LS's surgem do fato de que a apontação atua como modificadores verbais.

Por outro lado, Meier & Lillo-Martin (2013), com base em dados equivalentes da Língua de Sinais da Nicarágua e da Língua de Sinais Dinamarquesa, enfatizam que, enquanto os pronomes de primeira pessoa se apresentam com formas distintas (Primeira Pessoa do Plural - **NÓS / NOSSO**), o pronome de não-primeira pessoa, segundo eles, é mais gestual e, por isso, não há distinção entre as formas 2ª/3ª pessoa, e é a localização a única possibilidade de identificar essas pessoas, e isso não é considerado por eles um aspecto linguístico, visto que:

Em ISL e outras línguas de sinais os argumentos de um verbo são indicados pelo movimento em pontos/localizações associadas a esses argumentos. A indicação dessas localizações é como a apontação, segundo nosso pensamento, e, por isso, pode haver um aspecto gestual particularmente porque pode ser impossível enumerar essas localizações na fonologia dessas línguas. Entretanto, o fato de que esses verbos poderem apontar para seus argumentos reflete nas restrições gramaticais que têm emergido apenas com o tempo. Uma conclusão que pode ser tirada a partir disso, é que o surgimento da marcação de primeira pessoa nesses verbos, especificamente, marcações de objetos de primeira pessoa é particularmente tardia (MEIER & LILLO-MARTIN, 2013, p. 169). (Tradução Nossa).

Essas pesquisas que tratam dessa evolução dos verbos nessas línguas de sinais indicam que, num primeiro momento, esses verbos tinham uma posição fixa junto ao sinalizador, num segundo momento, passaram a se direcionar apenas para marcar os referentes localizados no espaço neutro e só depois, num terceiro momento, passaram a marcar a primeira pessoa, partindo do espaço neutro em direção ao tronco do sinalizador. Por isso, esses linguistas afirmam que a marcação

de primeira pessoa ocorreu somente quando essa língua já estava sistematizada pelos seus falantes.

Já com relação às discussões dos teóricos levantadas por esses linguistas, como apresentamos anteriormente, observamos que, com base nos estudos dos verbos da LIBRAS, os dêiticos pessoais atuam diretamente incorporados aos VCC, e marcando explicitamente os referentes no espaço de sinalização junto aos VSC, conforme apresentamos no tópico anterior. Assim, concordamos com Pfau & Steinbach (2006), para os quais os sinais de apontação se dão incorporados aos verbos VCC, e isso é o que propomos discutir nesta dissertação: no caso, consideramos que os dêiticos se flexionam tanto para promover a concordância verbal como a nominal, na Libras.

Chama atenção, ainda, para as discussões a respeito da evolução dos verbos VSC ao longo do tempo, um dado sugerido por uma intérprete de sinais, quando essas pesquisas foram apresentadas a ela. Segundo essa intérprete, é possível que os VSC e os sinais dêiticos na Libras estejam, de fato, passando por esse processo de evolução; e nos apresentou um exemplo que ela mesma observou entre alguns surdos sinalizando ultimamente: o verbo **TER**, ao invés de ser articulado ancorado ao corpo, é sinalizado no espaço neutro, especificamente, quando se refere ao destinatário ou a outra pessoa, e não se utiliza o sinal dêitico explicitamente. Pelo contrário, é o próprio verbo que se desloca do tronco do sinalizador e vai em direção ao espaço neutro para marcar esse referente.

Esse dado se mostra como algo relevante para essas discussões. Contudo, ressaltamos que é complexo supor que todos os VSC evoluirão para VCC, ainda mais quando listamos esses verbos na Libras, em termos de quantidade, estes são bem menores quando comparados aqueles. O que nos parece também um problema, é quando consideramos que essas pesquisas evidenciam a evolução dessas línguas, separando-as em dois grupos: línguas de sinais jovens, ou línguas emergentes, e línguas de sinais estabelecidas, ou línguas maduras.

Tendo em vista que, dentro da história da Libras e dos surdos no Brasil, há registros desde 1855, quando o professor francês surdo Ernest Huet, a convite de D. Pedro II, veio ao Brasil como a primeira tentativa de educar os surdos brasileiros (HONORA & FRIZANCO, 2009). Relacionando essa informação com os resultados dessas pesquisas, isso nos leva imediatamente a questionar: por que na Libras os verbos VSC ainda são em maior quantidade, quando comparamos a idade dessa

língua com as demais línguas analisadas nessas pesquisas? Os verbos que hoje são tidos como VCC já foram há algum tempo verbos VSC? Essa evolução está relacionada ao processo de sistematização dessa língua? Ou, ainda, o processo de evolução não tem nada a ver com o fato de a língua ser jovem ou estabilizada, isto é, seria esse um processo lento e gradual?

É notório que esses questionamentos não poderão ser respondidos em nossa pesquisa, porque não faz parte de nossos objetivos. De certo modo, quando pensamos nessa língua como representante dessa minoritária linguística³⁰; do fato de a grande maioria dos surdos terem acesso tardio a essa língua e de essas comunidades se agregarem em diferentes grupos, isso tudo nos faz refletir sobre a possibilidade da sistematização dessas línguas, ao longo das gerações de seus sinalizadores e de como é importante a atuação do fenômeno dêitico nesse processo, auxiliando na evolução espacial e linguística³¹ dessa língua.

No quadro abaixo, apresentamos resumidamente as possibilidades encontradas por Quadros & Quer (2010) em suas análises mais recentes, a respeito do estudo da caracterização da concordância verbal nas línguas de sinais, quanto à flexão verbal de pessoa, seguindo o modelo de Fischer & Gough (1978).

Quadro 5 – As classes verbais e as flexões para pessoa

CLASSES VERBAIS	DIRECIONALIDADE	LOCALIDADE	REVERSIBILIDADE
VERBOS COM CONCORDÂNCIA	X	X	X
VERBOS ESPACIAIS	X	X	X
VERBOS SEM CONCORDÂNCIA		X ³²	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

³⁰ Segundo a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos.

³¹ Evidenciamos a importância de uma pesquisa nesse sentido.

³² Apesar de não comentados por esses autores, acreditamos que seja o caso dos verbos MATAR e MORDER exemplificados anteriormente.

É imprescindível esclarecer que esses dados referem-se à relação entre a(s) classe(s) dos verbos com concordância e os verbos espaciais, mas esses autores encontraram, em alguns momentos, os VSC sofrendo concordância, pelo menos em uma dessas possibilidades.

E como o foco principal de nossas discussões diz respeito aos verbos simples, mais especificamente, como a dêixis de pessoa atua junto a esses verbos, é de interesse deste estudo abordar os verbos com e sem concordância, pois acreditamos ser relevante compreender como acontece essa noção de concordância verbal apresentada no estudo dessas línguas, considerando que muitas vezes essa distinção ora nos parece vaga, ora bastante ampla, tal como abordam Quadros e Quer (2010), a respeito dos verbos não simples.

Seguindo com as discussões a respeito de esses verbos simples estarem evoluindo nessa língua, quando incorporam os referentes dêiticos pessoais, para marcarem concordância verbal, os dados no quadro 5 evidenciam essa possibilidade na Libras, pois segundo Meier & Lillo-Martin (2013), primeiramente, esses verbos se deslocaram para o espaço neutro, seguindo uma localização específica, de modo que:

[...] Senghas & Coppola (2010) examinaram o uso da apontação com o dedo indicador em três grupos sucessivos de sinalizadores a entrar na escola Manágua. Eles descobriram que o uso da apontação para locais manteve-se praticamente a mesma entre os grupos, enquanto a apontação para pessoas e objetos (“apontação nominal”) foi incorporada. Indivíduos em grupos tardios foram mais propensos a usar a apontação nominal como argumentos de verbos. O uso da mudança da apontação nominal para moduladores espaciais sobre os verbos sugerem que, nos grupos, dispositivos de apontação estão sendo sistematizados em LSN³³ (MEIER & LILLO-MARTIN, 2013, p. 169). (Tradução Nossa).

Lembramos que, em estudos anteriores, já se afirmava que, em algumas situações, “a concordância sujeito-verbo ocorre em todas as classes de verbos, incluindo os chamados *plain verbs*. E, formalmente, isso ocorre pela coindexação de um NP na posição de sujeito com o nóculo AGR³⁴” (QUADROS, 1995, p. 28).

Em contrapartida a todas essas considerações, Quadros e Quer (2010) referem-se aos verbos simples e os descrevem como exceções, do mesmo modo que:

³³ Língua de Sinais da Nicarágua, a mesma surgiu apenas em 1977 quando fora fundada uma escola para receber surdos da região que viviam isolados (POLISH, 2005 *apud* MEIER & LILLO-MARTIN, 2013), essa pesquisa apresenta dados que comprovam a evolução e sistematização dos verbos dessa língua sinalizada.

³⁴ AGR refere-se a verbos que apresentam concordância, segundo essa autora.

Para Fischer & Gough (1978), por exemplo, os verbos OUVIR, ESCUTAR, AMAR, COMER, DECIDIR, ELOGIAR, DANÇAR, ASSOCIAR, INGRESSAR [...] são considerados exceções porque não apresentam concordância. De modo geral, os pesquisadores concordam que estes verbos fazem parte de um conjunto diferente dos verbos que apresentam concordância aberta (QUADROS e QUER, 2010, p. 41).

Por isso, a nossa intenção em estudar os verbos da Libras é refletir sobre o modo como estes se comportam atrelados aos atos de fala como forma de melhor compreendê-los. Enfim, refletir como essa concordância espacial ou verbal acontece na Libras. Especialmente, quando trazemos à tona as discussões apresentadas nesse capítulo e acrescentamos a perspectiva de que ainda não está clara essa noção de pertencimento dada às classes e aos tipos verbais, pois “um verbo de concordância de pessoa pode se comportar como um verbo espacial; um verbo simples pode apresentar concordância de pessoa ou locativa” (QUADROS e QUER, 2010, p. 43).

Entretanto, boa parte dos pesquisadores das LS's se voltaram apenas para o estudo dos verbos não simples ou VCC, devido à sua complexidade e pelos pronomes se apresentarem incorporados ao verbo e pela possibilidade de direcionalidade do movimento e, em alguns casos, pela orientação de mão em que essa perspectiva de estudo parece bem definida.

Assim, em enunciados como:

I – aDIZERc (Eu disse a ele/a).³⁵

II – cDIZERb (Ele/a disse a você).

III – aDIZERcde (Eu disse a vocês).

Destacamos que essas construções marcam bem os referentes devido a fatores como a incorporação pronominal presente no verbo e possibilitada pela O/D que marcam esses referentes no espaço, apresentando-os na ordem sintática, isto é, fixam o sujeito e o objeto do enunciado junto ao verbo, modificando-os.

Agora, quanto aos verbos simples, sabemos que esses verbos apresentam a marcação dêitica explícita ou por meio da apontação do dedo indicador como forma de indicar e localizar seus referentes no espaço (QUADROS 1997), ou através dos sinais nominais ou, ainda, de forma implícita. Em Quadros & Karnopp (2004) e Ferreira (2010), essas possibilidades descritas acima se dão da seguinte forma:

³⁵ Em que a = EU, b = VOCÊ e c = El@.

- a) **JOÃO**¹ **MARIA**² **GOSTAR**² (referentes ausentes) ou
- b) **GOSTAR MARIA** (sinalizador é o Suj. ou pela interpretação de papéis) ou
- c) (dêitico)**GOSTAR**(dêitico) (referentes presentes).

Partindo dessa perspectiva de que o sinalizador marca esses referentes espacialmente e o enunciado não se torna ambíguo, segundo a perspectiva de Loew (1984 *apud* QUADROS 1997), então o sentido destes referentes é facilmente recuperado porque:

- No caso da construção **a)**, compreendemos que é João que gosta de Maria porque, apesar de os referentes estarem ausentes, eles são nomeados e localizados à direita e à esquerda em frente ao sinalizador e, em seguida, são apontados por meio dos sinais dêiticos indicando quem é o Suj e o Obj da sentença. E, caso fosse a Maria o Suj. dessa sentença, a O/D e o M seriam modificados, pois Maria está localizada à esquerda do sinalizador, o que nos leva a crer que os sinais dêiticos se constroem e se distinguem pela composição dos parâmetros.
- Na sentença **b)**, identificamos facilmente o Suj. visto que o sinalizador tanto pode assumir essa função como também poderá atuar como em uma interpretação de papéis, sem o uso do pronome dêitico pessoal **EU**, de forma implícita e facilmente recuperado pelo contexto.
- Já a sentença **c)** somente é possível recuperar seu sentido, se os participantes da conversa estiverem presentes, ou possam ser recuperados pelo contexto dos interlocutores.

De todo modo, evidenciamos que essas construções a partir dos dêiticos (exceto em b) são possíveis nessas línguas, porque esses verbos, por serem ancorados ao corpo do sinalizador, “não têm permissão” para se modificarem para concordar com o seu Suj., e é aí que entram os dêiticos pessoais que se flexionam para determinar as relações entre o sujeito e o predicado dos enunciados proferidos em Libras com esses verbos. Evidentemente, esses verbos, pelo simples fato de não alterarem as suas terminações para pessoa e número, são considerados “verbos que não se flexionam em pessoa e número e não tomam afixos locativos” (QUADROS, 1997, p. 59).

Acrescentamos, ainda, Thompson et al (2013) que desconsideram a direção do olhar como marcação não-manual de concordância verbal desses verbos,

como defende o Grupo de Boston³⁶. A partir de testes é apresentado que o olhar não marca as pessoas nesses verbos do mesmo modo que também não diferenciam as pessoas de 2ª e 3ª pessoa do singular. Sobre esse respeito discorreremos mais profundamente no próximo capítulo.

Esses pesquisadores chegaram à seguinte conclusão: a direção do olhar nos verbos VD (ou VCC) apenas funciona para reafirmar o sentido compartilhado do sinalizador com o seu interlocutor, como em uma redundância, quando se aponta e olha ao mesmo tempo. Já com relação aos VSC, são os sinais de apontação que atuam direta e indiretamente junto a esses verbos. Por isso, Meier & Lillo-Martin (2013) procuraram verificar se esses sinais de apontação partem do simples vocabulário convencional nas LS's ou se são elementos que servem como funções morfossintáticas, ou seja, se funcionam como as desinências que marcam a concordância verbal. Assim, segundo esses linguistas, os sinais de apontação ou sinais dêiticos assumiram ao longo da evolução de algumas línguas sinalizadas como a ASL e a ISL, outras formas de referenciar e junto com os verbos VSC evoluíram para as formas verbas VCC.

No próximo capítulo, discutiremos a respeito das flexões dêitico-temporais dos verbos e dos sinais pronominais na Libras, com o propósito maior de analisar as articulações verbais dessa língua, tanto em nível de concordância morfossintática, bem como da noção de significado, construído a partir da relação entre pessoa e tempo dos referentes espaciais.

³⁶ Esse grupo de pesquisadores defende que os VND (VSC) sofrem concordância verbal quando têm incorporado ao verbo a direção do olhar, que marca distintamente os referentes pessoais (THOMPSON, 2006).

4 A FLEXÃO TEMPORAL E PRONOMINAL DOS DÊITICOS NA LIBRAS

Quando verificamos o uso e a relação dos dêiticos como responsáveis pelo processo de flexão de tempo e de pessoa na Libras, isso se apresenta como de grande relevância para os nossos objetivos, pois essa perspectiva parece responder à problemática proposta de nossa pesquisa, inclusive ampliando a nossa noção da função e importância do fenômeno dêitico nessas línguas. Enfim, a partir dessa perspectiva, ao invés de reportarmos apenas a dêixis de pessoa, verificamos que esse fenômeno, por ser ‘carregado’ de informações e possibilidades, acaba por assumir mais de uma função em algumas situações, especialmente, quanto ao tempo. E é sobre isso que dissertaremos neste capítulo.

4.1 As ‘possíveis’ flexões pronominais dos sinais dêiticos

Quando tratamos de apresentar a principal distinção entre línguas sinalizadas e línguas faladas, esquecemos que esta tanto emprega a modalidade oral-auditiva quanto a modalidade gestual-visual, ao passo que aquela se utiliza apenas dessa última modalidade (BARBERÀ & ZWETS, 2013). No entanto, é importante notar que o caráter gestual das línguas orais não se faz presente da mesma forma que nas línguas de sinais, visto que, como discutimos no segundo capítulo, a apontação gestual evoluiu nessas línguas para assumirem componentes linguísticos e gramaticais.

As complexidades de uso e de funções desses sinais dêiticos acabaram tornando-se evidentes, por esses sinais localizarem em pontos estabelecidos pelo sinalizador no espaço neutro seus referentes discursivos (presentes ou não no enunciado). Em que um ou dois locais podem ser associados a um único referente ou mesmo um único local pode ser associado a vários referentes ausentes (BARBERÀ & ZWETS, 2013).

Neste tópico teceremos algumas discussões sobre os sinais dêiticos se compõem fonologicamente do mesmo modo que os sinais nominais. Além disso, destacamos que os sinais dêiticos pessoais atuam diretamente no processo de concordância verbal na Libras, baseado em duas perspectivas teóricas:

A primeira defende que há três sinais dêiticos pronominais que marcam as três pessoas do singular distintamente (**EU – VOCÊ – EL@**), e a direção do olhar atua como marcador de distinção entre a segunda e a terceira pessoas, conforme

propõe Berenz (1996). Já a segunda, com base em dados de pesquisa na ASL e em outras línguas de sinais, Meier (1990) e Meier & Lillo-Martin (2013) apresentam evidências de que as formas para a 2ª e a 3ª pessoa possuem uma única forma (não-primeira pessoa) e, portanto, não se diferenciam lexicalmente. No próximo item discutiremos sobre cada uma dessas perspectivas.

4.1.1 O fenômeno dêitico e a sua relação com os parâmetros na Libras: algumas discussões teóricas

Quanto à primeira perspectiva, concordamos que na Libras há três sinais distintos para marcar as pessoas do singular, como representamos na imagem 7, identificada no primeiro capítulo:

Ao considerarmos o uso do olhar como marcador de distinção de pessoas, trazemos os dados investigados por Berenz (1996) a respeito dos estudos dos pronomes pessoais na Libras. Essa pesquisadora observou que o sinal para a primeira e a segunda pessoa é feito pelo alinhamento do corpo do sinalizador associado com a cabeça mais a direção do olhar, o peito e a orientação da mão, sendo que a segunda pessoa tem o dedo indicador apontado em direção a localização espacial do referente no discurso estendido no mesmo plano da palma da mão. Já o pronome de terceira pessoa segue com o dedo indicador estendido de forma perpendicular à palma da mão, conforme as mudanças na posição da cabeça e da direção do olhar levemente para cima em direção à apontação, quando os referentes não estão presentes, em oposição à forma apresentada com referentes presentes.

Dessas observações destacamos que esses três sinais aparentemente apresentam uma mesma CM (G1), isto é, uma única forma de pronome pessoal (PRONOUN) atuando como índice referencial, como proposto por Lillo-Martin & Klima (1990).

Esses sinais de apontação não são nomes e, sim, segundo Berenz & Ferreira-Brito (1987 *apud* PIZZIO, REZENDE & QUADROS, 2009), pronomes pessoais que substituem e/ou acompanham os sinais lexicais, através do uso do dedo indicador, apontando no espaço para seus referentes. Assim, são dêiticos por natureza, devido mesmo ao seu caráter de apontar, localizar e/ou indicar os referentes espaciais (FERREIRA, 2010).

E no que diz respeito à segunda perspectiva, que é o fato de o uso do olhar não atuar como fator de distinção entre os pronomes de segunda e de terceira pessoa, pois esse fenômeno vem sendo questionado há algum tempo (MEIER, 1990), e nos últimos anos comprovado em pesquisas com base em testes (THOMPSON, 2006 e THOMPSON et al, 2013), em várias línguas de sinais. Para esses linguistas, as pessoas dos pronomes dêiticos do singular são apenas duas: a primeira pessoa e a não-primeira pessoa. Porém esta não tem uma representação para o plural, já aquela tem a sua forma plural distinta para **NÓS**, sendo que o sinal para essa forma pessoal aponta para o sinalizador, mas não para as demais pessoas (MEIER & LILLO-MARTIN, 2013). Essa hipótese se baseia na evidência apontada por:

Frishberg (1975) traçou uma mudança histórica na forma dos sinais na ASL. Ela descobriu que o sinal **NÓS** tinha sido anteriormente articulado como em uma série de impulsos, em torno de 5 ou 6 impulsos, primeiro apontando para o próprio peito do sinalizador, e em seguida, representando três ou quatro pessoas (presentes ou ausentes) e voltando novamente para o tronco do sinalizador [...] O sinal **NÓS** hoje mais moderno [...] tem agora o dedo indicador tocando o tórax de um lado e segue para o outro lado do tórax. Na ASL, o sinal **NOSSO** tem a CM em 'B' por meio de um movimento de torção do antebraço formando um arco que vai de um ponto a outro, os arcos em contato com o polegar [...] (MEIER & LILLO-MARTIN, 2013, p. 150) (Tradução Nossa).

Conseqüentemente, o pronome dêitico de primeira pessoa do plural evoluiu da sua forma do singular, o qual se flexionou ganhando novas unidades sublexicais (MEIER & LILLO-MARTIN, 2013). Para esses teóricos os sinais **NÓS / NOSSO** ficam localizados sempre ao centro do tronco do sinalizador, do mesmo modo que suas formas de origem **EU / MEU**. E quanto às formas para 2ª e 3ª pessoa do singular e do plural, não há distinção entre elas.

Desses fatos apontados sob essa perspectiva teórica, temos algumas considerações que serão discutidas no subtópico a seguir:

4.2 O processo flexional para formação dos sinais pronominais na Libras

É evidente que, aqui no Brasil, até o momento os pronomes de segunda e de terceira pessoa têm como um dos elementos distintivos a marcação do olhar (BERENZ, 1996), tendo em vista que o olhar é tido como um componente não-manual (ENMs), que serve para marcar a distinção entre os pronomes de 2ª e de 3ª pessoa do singular. De modo que, há dois pontos distintos A e B, caso o sinalizador

olhe para A, mas aponte para B, o significado será **EL@**. Opondo-se com o pronome de 2ª pessoa, ao apontar e/ou olhar para B, será **VOCÊ**.

Contudo, independentemente da direção do uso do olhar, defendemos que a combinação entre os parâmetros auxiliam na formação dos sinais dêiticos dessa língua. Portanto, há, sim, dois sinais para os pronomes de segunda e de terceira pessoas na LIBRAS. Ou seja, há um componente fonológico (M e/ou O/D) que muda e/ou se soma aos demais parâmetros para compor distintamente esses sinais dêiticos na Libras. Conforme destacamos a seguir:

- O pronome de primeira pessoa **EU** - CM (G1) + PA (Tronco do sinalizador) + O/D (palma da mão voltada para o corpo do sinalizador) + M (parte do centro do espaço neutro em direção ao tronco do sinalizador).
- E para a composição do sinal do pronome de segunda pessoa **VOCÊ**, temos a CM (G1) + PA (espaço neutro) + O/D (palma da mão voltada para a esquerda³⁷ ou para frente do corpo do sinalizador) + M (parte do tronco do sinalizador para o centro do espaço neutro³⁸).
- E a terceira pessoa **EL@** é formada pela mesma CM (G1) + PA (espaço neutro) + O/D (palma da mão voltada para frente ou à esquerda ou à direita do corpo do sinalizador) e pela mudança do M (parte do centro do espaço neutro, seguindo em frente/ ou à direita /ou à esquerda nesse espaço³⁹).

Chamamos atenção para o fato de que essas duas pessoas (2ª e 3ª) não se confundem quando são proferidas sentenças em LIBRAS. Além do mais, acreditamos que se houvesse apenas uma forma para representá-las, teríamos grandes dificuldades em reconhecer entre uma e outra, quando sinalizadas em contexto de uso. Até mesmo se assim o fosse, o contexto seria suficiente para indicar quando fosse um sentido ou outro? Visto que a ambiguidade não se faz presente em sentenças construídas com esses sinais.

Desse fato temos que, tanto Meier (1990) como Thompson (2006) e Thompson et al (2013) não explicam como se daria a distinção entre essas duas

³⁷ Ou a palma da mão poderá ficar à direita, caso o sinalizador seja canhoto.

³⁸ Dentro do espaço de sinalização, podemos medir esse deslocamento do sinal que vai do tronco do sinalizador até ao centro do espaço neutro em ângulo de 90°.

³⁹ Aqui o deslocamento do dedo indicador partindo do centro do espaço neutro para a possível localização do referente de terceira pessoa, segue em ângulo de 60°.

pessoas dentro do discurso, tendo em vista que consideram que esses sinais têm a mesma forma, mas não o mesmo sentido.

Contudo Meier & Lillo-Martin (2013) apontam um fato que chama atenção para as nossas discussões. Segundo eles, enquanto a produção e a interpretação de sinais de apontação se distinguem pela sua localização, os sinais lexicais, pelo contrário, não importando o local onde são articulados, são os elementos que o compõem que distinguem entre um sinal e outro. Por isso, os sinais de apontação não se distinguem articulatoriamente, como ocorrem com os sinais lexicais. Esse problema é relacionado, ainda, com o fato de que tanto os referentes ausentes como os destinatários não são possíveis de estabelecer uma dualidade de padronização.

Discordamos de todas essas considerações apontadas por esses linguistas, especialmente quando defendemos que os sinais dêiticos, do mesmo modo que os sinais lexicais, são formados fonologicamente pela composição dos parâmetros, como propusemos anteriormente. Quanto à localização como fator contrastivo do sentido desses sinais, apresentamos dados coletados em nossa pesquisa de campo que descredita essa localização como fator de distinção entre esses sinais, como destacamos no último capítulo desta dissertação.

De todo modo, quando um sinal (dêitico e lexical) é articulado em um determinado local (à frente, à direita, à esquerda, em alguma parte do corpo) do sinalizador há várias razões para isso: indicar, nomear, comparar, relacionar, descrever etc.. Porém, quando se trata de sinais dêiticos pessoais, é preciso que o sinalizador apresente/indique esses referentes (presentes/ausentes), caso contrário, haveria ambiguidade se simplesmente esses sinais fossem apontados sem antes identificá-los. E, se não houver o conhecimento por parte do destinatário sobre a identificação dessas pessoas, apesar dessa localização distinta, mesmo assim não seria suficiente para saber qual referente caberia a ou outro sinal dêitico⁴⁰.

Acrescentamos a essas considerações que todo e qualquer sinal (dêitico, nominal e verbal) possui um PA, podendo ser articulado no espaço neutro, que é um tipo particular de PA, e/ou em alguma parte do corpo do sinalizador (cabeça, tronco, ombros, antebraços, braços e mãos).

⁴⁰ Pode, ainda, caso o sinalizador e seu interlocutor compartilhem da mesma experiência o sinal dêitico de apontação ser suficiente, sem necessidade de nomeação.

Desse fato, defendemos que não é o local estabelecido para indicar o referente ausente que definirá o sentido desse sinal, pois a direcionalidade do sinal (dêitico ou nominal) parte sempre do sinalizador, até mesmo porque o sinalizador pode mudar a posição desses referentes, isto é, eles podem se deslocar dentro desse espaço, e até mesmo ser retirados. O sinalizador poderá, ainda, assumir o papel desses referentes, em uma interpretação de papéis, e os sinais dêiticos pessoais poderão auxiliar ou não nesse processo.

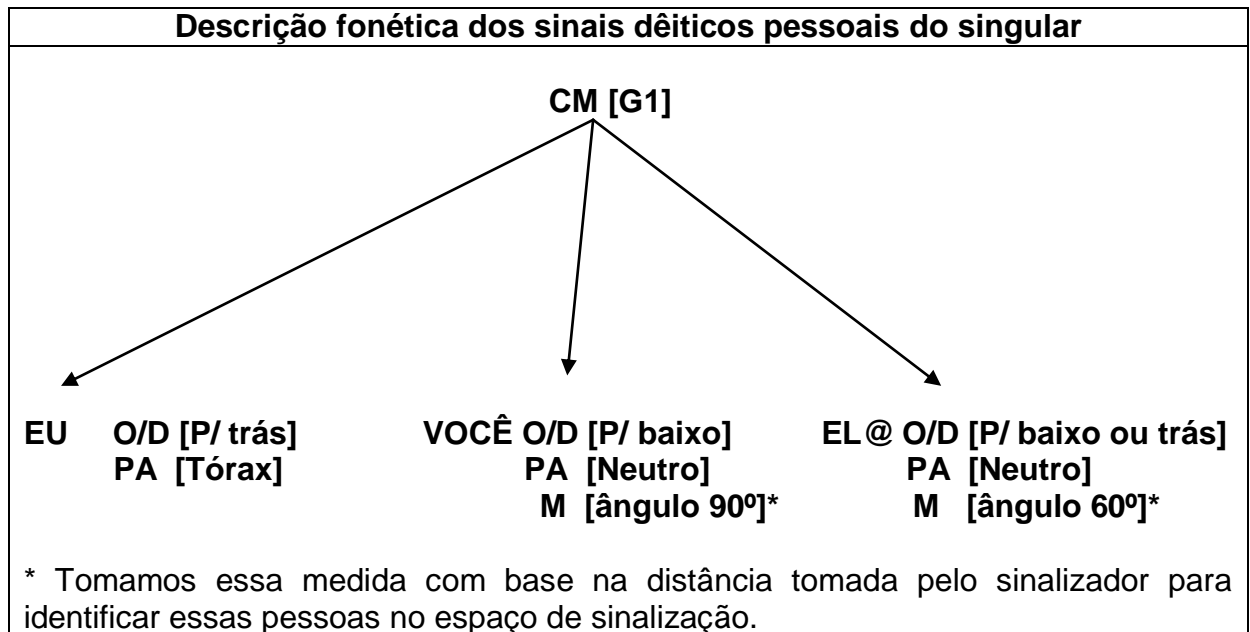
Destacamos que um sinal dêitico pessoal, assim como os demais sinais, é produzido pela mão do sinalizador, e quando ele aponta em uma direção (para seu próprio peito, à sua frente, à esquerda ou à direita), a CM é a mesma, contudo verificamos que os demais itens sublexicais (PA, M e O/D) diferem, e é evidente que não há a mesma composição. Na análise de dados, abordaremos isso mais especificamente através de exemplos coletados durante essa fase.

Não podemos esquecer que os primeiros estudos apresentados por William Stokoe, em meados dos anos 1960, tratavam dos parâmetros, o que veio comprovar os aspectos linguísticos e gramaticais dessas línguas. Desse fato, destacamos que todo e qualquer elemento na composição de um sinal é importante, logo o sinalizador também faz parte desse processo nessas línguas, pois ele é o centro do espaço de sinalização⁴¹.

Assim, enquanto o pronome **EU** tem no tórax do sinalizador seu PA, possibilitado pelo M que parte do centro do espaço neutro, os de segunda e de terceira pessoas se dão em uma direção oposta, de modo que a O/D e o M os distinguem particularmente. Dessa forma, os parâmetros são os responsáveis por compor fonologicamente os sinais das línguas sinalizadas, através da junção e/ou troca desses parâmetros que distinguem um sinal do outro.

E no caso dos dêiticos pessoais, eles diferem um do outro não somente por que são sinais pronominais, mas devido a esse processo de composição fonológica, que partem de uma mesma raiz, CM (G1):

⁴¹ Isso nos parece bastante evidente, por dois motivos: o primeiro é que, de fato, o sinalizador faz parte dos elementos que compõem graficamente o espaço neutro; já o segundo motivo diz respeito ao quinto parâmetro não-manual (ENMs) e aos demais manuais (PA, M, O/D e CM), ora se o sinal é manual e não-manual a representação dessa língua é tanto facial, quanto manual e visual.



Defendemos, ainda, que esses sinais, através do processo de derivação e/ou composição, dão origem aos sinais dêiticos pessoais na sua forma plural, apesar de Meier (1990) e Meier & Lillo-Martin (2013) considerarem que esse processo só acontece com os pronomes de primeira pessoa por terem sido sistematizados e também por considerarem que a não-primeira (2^a/3^a) é de caráter gestual. Mas, como identificamos na nomenclatura da área da Libras e de nossos dados verificados na ASTE, evidenciamos que esse processo ocorre com ambas as pessoas.

Vejamos as seguintes considerações:

Descrição fonológica dos sinais dêiticos pessoais do plural		
EU + EL@S = NÓS	VOCÊ1+ ...VOCÊ5...= VOCÊS	EL@1+ ...EL@5...= EL@S
<p>CM [G1] PA [Tórax] O/D [P/trás] [P/esquerda] M [semicircular]</p>	<p>CM [G1] PA [Espaço Neutro] O/D [P/baixo] M' [ângulo 90°] M'' [duplo]</p>	<p>CM [G1] PA [Espaço Neutro] O/D [P/trás] [P/baixo] M' [ângulo 60°] M'' [duplo]</p>

Para Farias e Lima (2015), proposto por Quadros & Karnopp (2004), o fenômeno da incorporação auxilia junto com os demais parâmetros no processo de formação e composição de novos sinais nessa língua. O sinal **NÓS** é formado pela CM (G1) + O/D (palma da mão voltada para trás do sinalizador e à sua direita) + M

(semicircular, parte do tronco do sinalizador à direita, seguindo para o espaço de sinalização e retorna ao tronco, mais à esquerda do ombro do sinalizador) + P.A (tronco do sinalizador + espaço de sinalização). Esse sinal se dá pela composição dos sinais dêiticos pessoais **EU + EL@S**, nos quais os parâmetros (O/D, o M e o P.A), são incorporados em uma única forma.

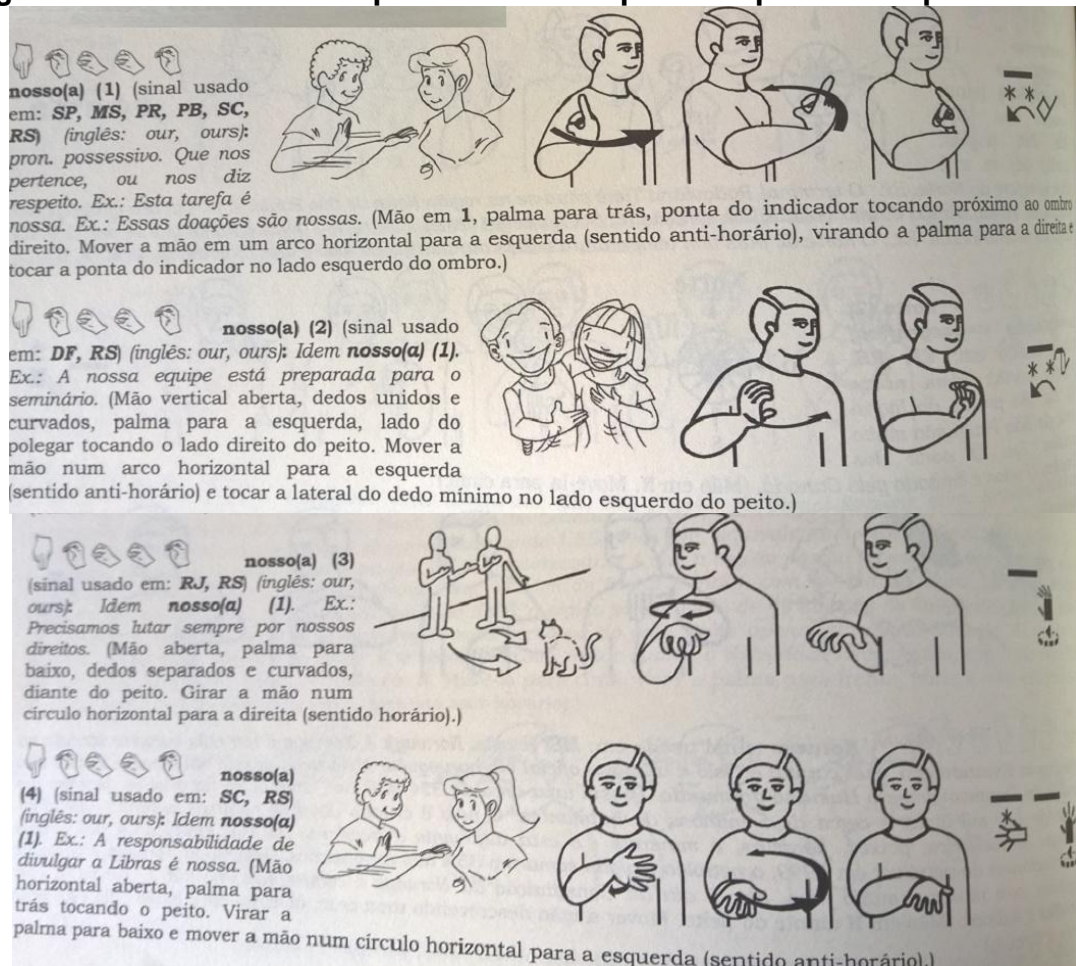
Dessa forma os parâmetros que compõem as unidades lexicais dos sinais em Libras, que além de traçar a distinção entre um sinal e outro, também, quando se une a outro parâmetro constroem novos sinais, dando-lhes possibilidades diversas de sentidos (FARIA-NASCIMENTO, 2013). Por isso, detectamos ser esse o processo de formação e composição dos sinais dêiticos pessoais, como podemos observar em nossas discussões.

Agora, quanto aos pronomes de segunda e de terceira pessoas do plural **VOCÊS / EL@S**, verificamos que, além dos elementos descritos que distinguem esses sinais no singular, há o acréscimo de um duplo M, para marcar o plural. Ou seja, do mesmo modo que a forma do singular, esses dois sinais se formam através da incorporação de número (plural), possibilitado por esse duplo M.

Meier & Lillo-Martin (2013) indicam que nas LS's, esses sinais (**EU, VOCÊ , EL@**) são muito semelhantes entre si e também se assemelham aos gestos de uma pessoa em uma conversa falada, o que parece sugerir que esses sinais não foram convencionalizados da mesma forma que os demais sinais dêiticos (como por exemplo, os pronomes possessivos), visto que se apresentam de forma semelhante em todas as línguas sinalizadas. Contrariamente a esse pensamento, identificamos, durante a pesquisa de campo, outros sinais que são variações desses sinais dêiticos na Libras. E do mesmo modo que há distintos sinais para apresentar os possessivos, há outros sinais dêiticos que se estão incorporando e dando origem a outras formas e novos sentidos, do mesmo modo que aconteceu com o processo de concordância verbal, conforme discutimos no capítulo anterior.

Os dados que identificamos na ASTE serão apresentados e comentados na análise de dados. Além desses sinais, identificamos no dicionário Deit-Libras, de Capovilla, Raphael e Maurício (2013), o sinal **NOSSO** com a mesma forma do sinal **NÓS** bem como outras formas para representar esse pronome possessivo. Apesar de a CM (G1) ser recorrente, na grande maioria dos sinais dêiticos dessa língua sinalizada, verificamos que essa forma varia e que um ou outro parâmetro torna-se predominante na composição desses sinais:

Imagem 12 – Sinais dêiticos possessivos de primeira pessoa do plural - Nosso

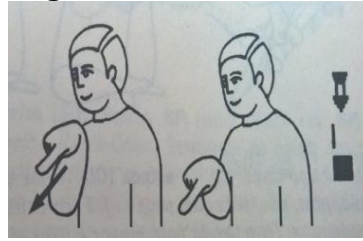


Fonte: Dicionário Deit-Libras, Capovilla, Raphael e Maurício, 2013.

Como podemos observar, em algumas regiões do Brasil, o pronome dêitico possessivo **NOSSO** da Libras possui a mesma forma que o pronome pessoal **NÓS**, e apesar de defendermos que os dêiticos pessoais possuem três formas distintas, verificamos que os sinais dêiticos podem, sim, assumir mais de uma função, às vezes, concomitantemente, ou seja, numa co-ocorrência assumindo mais de uma função gramatical. Isso já foi discutido em Meier & Lillo-Martin (2013). Observemos mais alguns exemplos também extraídos desse dicionário:

Na imagem seguinte, temos um único sinal que tanto pode ser o demonstrativo - **EST@**, bem como poderá assumir a função de advérbio de lugar - **ALI**, porém destacamos que é o contexto que definirá entre um e outro sentido.

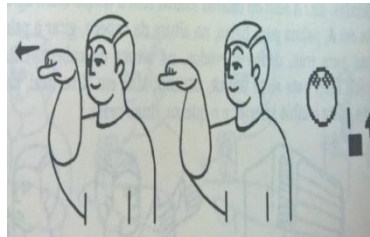
Imagem 13 – EST@ / ALI



Fonte: Dicionário Deit-Libras, Capovilla, Raphael e Maurício, 2013.

Do mesmo modo, na imagem a seguir, o sinal dêítico tanto poderá atuar como os pronomes demonstrativos - **ESS@ / AQUEL@**, quanto os advérbios de lugar – **LÁ – ACOLÁ**.

Imagem 14 – ESS@ / AQUEL@ / LÁ - ACOLÁ



Fonte: Dicionário Deit-Libras, Capovilla, Raphael e Maurício, 2013.

Parece-nos que esses sinais, de fato, apresentam uma única forma para representá-los, mas acrescentamos que essas palavras se fazem presentes apenas no léxico da Língua Portuguesa, ou seja, quando traduzimos daquela para esta língua é que podemos ter essas possibilidades. Assim, apesar de mais de uma representação em um único sinal nessa língua sinalizada, entendemos que há apenas um sentido, por exemplo: quando um sinalizador articula esse sinal, na Libras o sentido não será prejudicado se usarmos esse ou aquele, o que não é possível de se fazer com os dêíticos pessoais.

A formação desses sinais dêíticos acaba por possibilitar que eles assumam distintas funções nessas línguas em que o ato de apontar, indicar e/ou direcionar o(s) referente(s) espaciais equivalem ao mesmo sentido empregado nas LO's. Os sinais de apontação na ASL são usados para fazer referência ao sinalizador, ao destinatário (interlocutor) e ao não destinatário, por isso nos estudos das LS não se pode ignorar o simples ato de apontar como gestual visto que esse ato não é tão simples, pois, além de ser utilizado de forma sistemática, assume essas várias funções, às vezes, mais de uma função ao mesmo tempo.

4.3 A noção de tempo na Libras

Neste tópico discorreremos sobre a flexão temporal da Libras, para tal trazemos a perspectiva teórica apresentada por Benveniste (2006), Borba (2008) e Mória (2003)⁴², segundo a qual nem todas as línguas naturais possuem a mesma flexão nominal e verbal e que, mais especificamente, em algumas línguas a marcação do tempo não está atrelada à ação do verbo e sim são sintagmas nominais - SN. Isso nos remete imediatamente para a realidade das LS's, e que ainda não foram discutidas, especialmente, em pesquisas aqui no Brasil sobre a Libras.

Destacamos o fato de que as expectativas aqui trazidas por esses linguistas, não eram nosso foco de discussão. Todavia essas leituras nos direcionaram para uma nova hipótese, de que os dêiticos também são os responsáveis pelo processo de flexão temporal dos verbos nas LS's.

Segundo Borba (2008), toda língua é determinada por uma morfologia flexional, cujos morfemas se unem a raízes ou radicais compondo-lhes categorias nominais e verbais. Como abordamos no segundo capítulo, os pronomes ou sinais dêiticos da Libras são determinados por esse processo de morfologia flexional. Pela mesma razão, discorreremos agora sobre o prisma da categoria de flexão verbal das línguas naturais discutidas por esses linguistas, para que possamos, por meio de exemplos, comprovar que essa flexão temporal se apresenta deiticamente e também sobre outras perspectivas nessa língua.

Quanto à flexão de tempo dos verbos de algumas línguas naturais, sugerida por Borba (2008), temos algumas informações relevantes que, quando relacionadas aos verbos das línguas de sinais, direcionam-nos para uma ótica ainda não discutida nos estudos linguísticos dos verbos nessas línguas sinalizadas.

O tempo, para esse linguista, é subjetivo, porque depende da noção do ponto de vista do falante; e é insuficiente, visto que nem sempre conseguimos expressar a noção do tempo exato em que se deu/deram os fatos. Além do mais, o ponto de vista do falante acaba por conceber o tempo de forma abstrata, de modo

⁴² Destaque para o fato de que o enfoque desses linguistas é sobre as línguas de um modo geral, pois em nenhum momento se reportam para as línguas sinalizadas. Portanto, essa abordagem se dá a partir de nossa compreensão a respeito da Libras.

que: o que está por trás remete ao passado; e o que está diante dele é o momento presente e o que está à sua frente, o tempo futuro. Enfim, o tempo não se apresenta de forma única,

[...] na verdade, os morfemas de tempo, que ajudam até a caracterizar o verbo, como acontece com as línguas indo-europeias, não são exclusivos dessa classe de palavras. Há línguas cujos verbos não distinguem tempos, e mesmo naquelas em que eles aparecem, pode haver verbos com um único tempo. Por exemplo, em inglês, *ought* (dever) só tem um tempo. Fora o verbo, há classes de palavras capazes de expressar noções temporais com bastante precisão (BORBA, 2008, p. 170). (Grifo e Tradução do Autor).

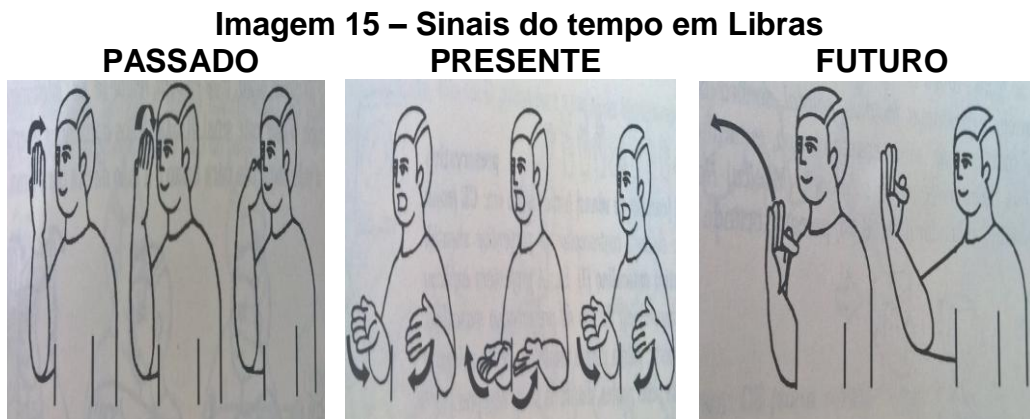
Desses dados esclarecemos que, para esse linguista, o tempo não se faz presente do mesmo modo em todas as línguas naturais, visto que, por um lado, a noção temporal em algumas línguas naturais, assim como é flexionada junto ao verbo, também pode ser expressa de forma bastante distinta. Por outro lado, existem classes de palavras que representam de forma bastante precisa a noção de tempo. E há verbos que não fazem distinção temporal.

Isso, num primeiro momento, é bastante evidente, tendo em vista que existem mais de duzentas palavras exclusivamente só para expressar o caráter temporal nas línguas, segundo Nascimento et. al. (1987 *apud* MÓIA, 2003). Ou seja, o tempo não é apenas representado nos verbos ou nos nomes, mas também nos adjetivos, nos advérbios e nos pronomes, enfim são muitas as possibilidades de marcar e flexionar a noção temporal nas línguas naturais (MÓIA, 2003).

Num segundo momento, temos que o tempo ocupa um lugar de destaque nas línguas, pois o valor semântico na noção de tempo se manifesta em múltiplos subsistemas gramaticais, constituídos por um domínio linguístico diverso (MÓIA, 2003).

Entretanto, caso exista alguma língua em que o morfema flexional de tempo não apareça junto ao verbo, como o tempo é ali representado? Poderá existir uma língua em que o tempo nunca é marcado pela flexão verbo-temporal?

Essas reflexões surgiram a partir da noção de tempo discutida acima e nos direcionaram para o que nos parece ser a realidade da Libras, assim como as demais línguas sinalizadas, visto que nessa língua o verbo, quando transcrito para o português, sempre aparece no infinitivo, e a divisão de tempo (passado/presente/futuro) é marcada a partir de três sinais, em situações bem específicas:



Fonte: Dicionário Deit-Libras, Capovilla, Raphael e Maurício, 2013.

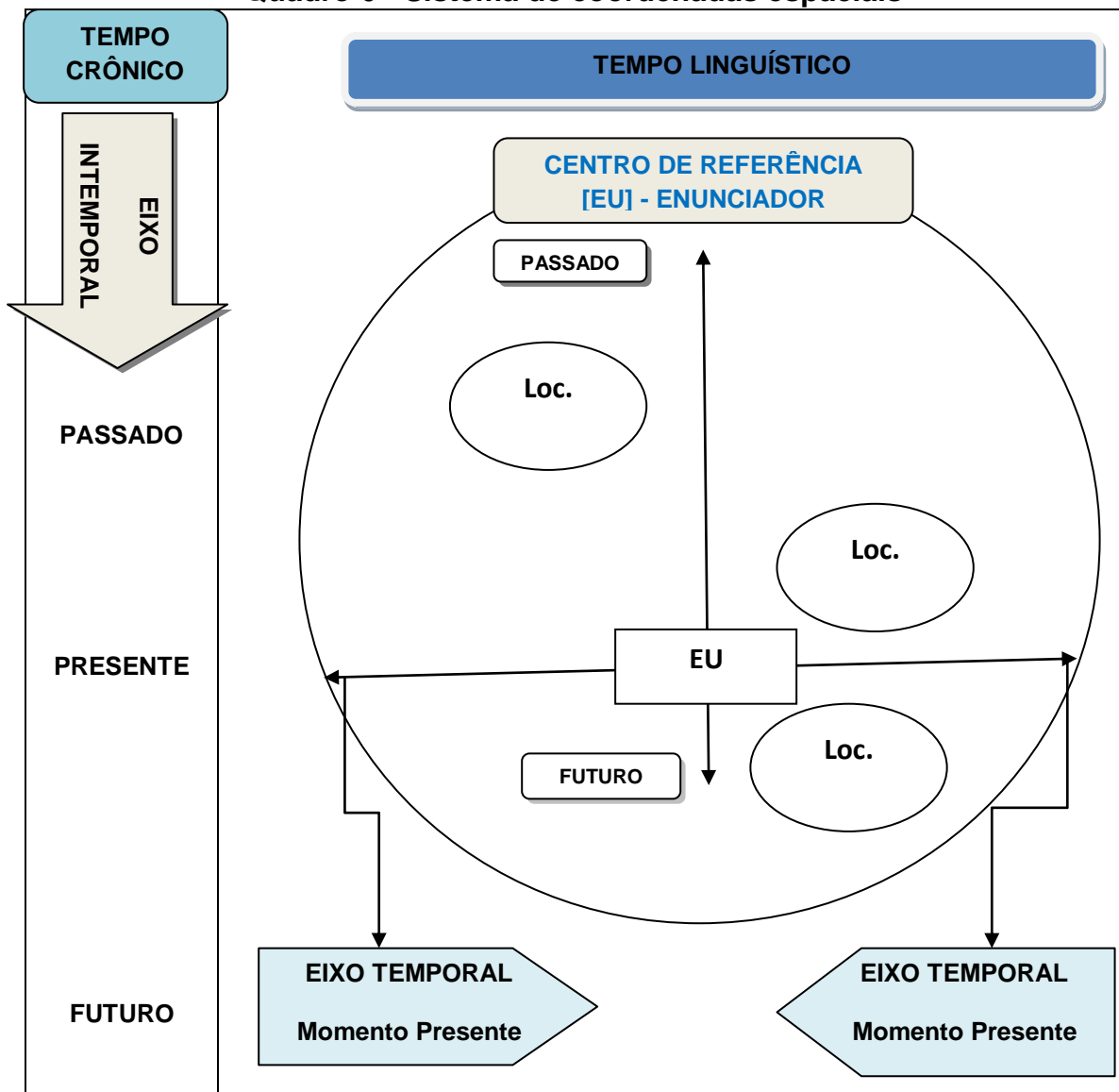
Isso nos leva a refletir sobre como a noção de tempo é representada na Libras, pois ao considerarmos as duas questões problematizadas anteriormente, arriscamos afirmar que é possível⁴³, nessas línguas, o tempo ser representado apenas por sinais dêiticos temporais.

Ainda a respeito da noção de tempo das línguas naturais, a língua se manifesta através da experiência humana definindo e organizando, no momento presente, o tempo linguístico. Por isso, o tempo na língua é conceituado de modo totalmente diferente do tempo cronológico (calendário), bem como da noção de tempo físico, ou seja, difere do modo como percebemos e vivemos individualmente esse tempo (BENVENISTE, 2006).

No quadro a seguir, apresentamos algumas perspectivas a respeito da noção de tempo, quando este se manifesta através da língua. O tempo linguístico é definido por meio das experiências e vivências humanas, o que difere daquele tempo marcado no calendário e/ou nos relógios. E esse tempo se organiza nas línguas de forma a contemplar os seguintes elementos:

⁴³ Apenas afirmamos ser possível, tendo em vista que no Brasil não há nenhuma publicação a esse respeito, até mesmo nas duas gramáticas publicadas sobre a LIBRAS.

Quadro 6 - Sistema de coordenadas espaciais



Fonte: Elaborado com base nos dados apresentados por Benveniste (2006) e Mória (2003), a respeito da noção de tempo linguístico.

- **EU** é o centro e o próprio ponto de referência, é o que lança o olhar sobre os acontecimentos realizados e os organiza através do discurso.
- **Loc.** (determina o local onde se encontra a pessoa ou a coisa e/ou de onde se origina): são os acontecimentos em si, os quais localizam o objeto em qualquer campo que seja, “uma vez que aquele que o organiza está ele próprio designado como centro e ponto de referência” (BENVENISTE, 2006, p. 70).
- **Eixo temporal – tempo presente:** É a linha que separa o tempo presente do não-presente. A língua ordena o tempo a partir desse eixo que se manifesta pelo discurso, o tempo é organizado porque coincide com o presente

linguístico. No entanto, esse tempo não pode ser localizado em uma divisão particular, pois abarca também os tempos não-presentes, de forma que, a cada vez que um locutor se manifesta esse tempo é reinventado. Esse tempo é o presente, e é a única expressão temporal da linguagem que não tem necessidade de ser explicitada (BENVENISTE, 2006) e (MÓIA, 2003).

- **Passado e Futuro – tempos não-presentes:** Diferentemente, os tempos não-presentes serão sempre explicitados, sendo que o primeiro remete à memória e o segundo a um acontecimento ainda não ocorrido. E por não serem situados no tempo, são determinados pelo tempo presente linguístico como as duas **referências temporais** que se manifestam explicitamente e, por isso, são demarcadas como pontos de vista em uma noção de para frente, para trás.

Ainda a respeito do tempo **PASSADO**, “constata-se que nas línguas dos mais variados tipos, nunca falta a forma passado, e que muito frequentemente ela é dupla ou mesmo tripla” (BENVENISTE, 2006, p. 76). Esse fato ocorre na Libras, visto que há dois sinais específicos para a noção de passado nessa língua:

a) PASSADO (mão aberta com a palma da mão voltada para trás).
--

[Expressão facial]

b) PASSADO(muito) (mão fechada com dedos médio e polegar tocando-se com movimento para trás). (No sentido de há muito tempo)

Já sobre o tempo futuro na LIBRAS, temos conhecimento somente de quatro sinais para representar essa noção temporal: **FUTURO, CONTINUAMENTE, DEPOIS** e **AMANHÃ**.

Em Mória (2003), é apresentada uma distinção clara entre as noções temporais (presente, passado e futuro) das expressões que localizam as situações no tempo (Loc. ou Localizadores). Sendo que estes são os responsáveis por posicionar no tempo a situação representada por aquelas noções. Inclusive, para esse teórico, em muitas línguas há um subconjunto de expressões que variam de língua para língua, e cumprem duas funções: denotar intervalos de tempo e/ou localizar situações. E esses subconjuntos parecem não variar de forma, funcionando como ambivalentes (numa existência simultânea de duas ideias a uma mesma coisa, que se opõem mutuamente).

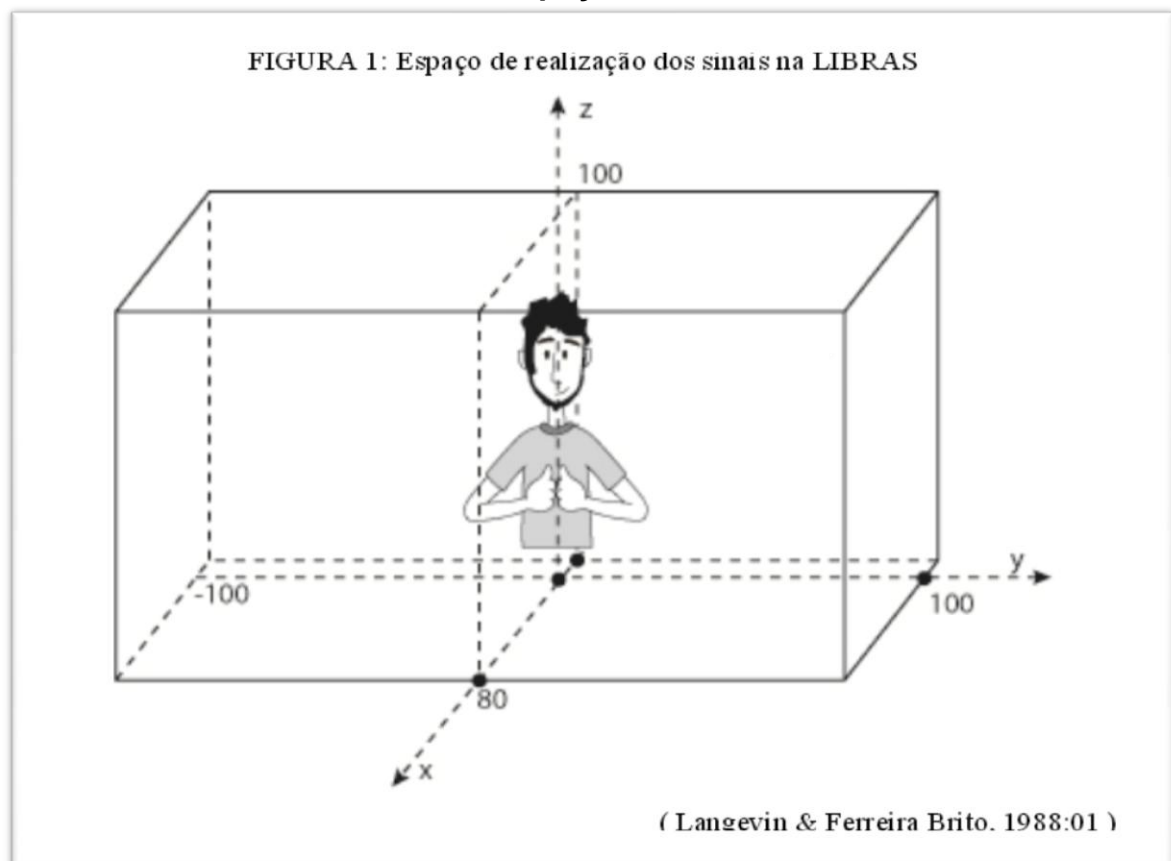
Destacamos que essa localização temporal acontece em todas as línguas naturais e é gramaticalmente marcada pelos verbos, advérbios, elementos discursivos e argumentativos. Tendo em vista que essa localização temporal envolve a entidade localizada e, ao mesmo tempo, o lugar e o modo da localização (MÓIA, 2003).

4.3.1 O tempo linguístico da Libras através dos dêiticos temporais

Fazendo relação com o sistema de coordenadas espaciais das línguas naturais representado através do quadro 6, propomos nesse tópico verificar como esse sistema atua na Libras.

Sabemos que as línguas sinalizadas possuem, devido à sua modalidade espacial, um sistema que lhes é específico, denominado de espaço neutro. Esse espaço é composto pelo sinalizador ao centro, sendo, portanto, o referente principal. E há, ainda, as linhas que vão de um ponto a outro formando um retângulo tridimensional, estabelecendo, assim, os limites para a composição de sentenças nessa língua.

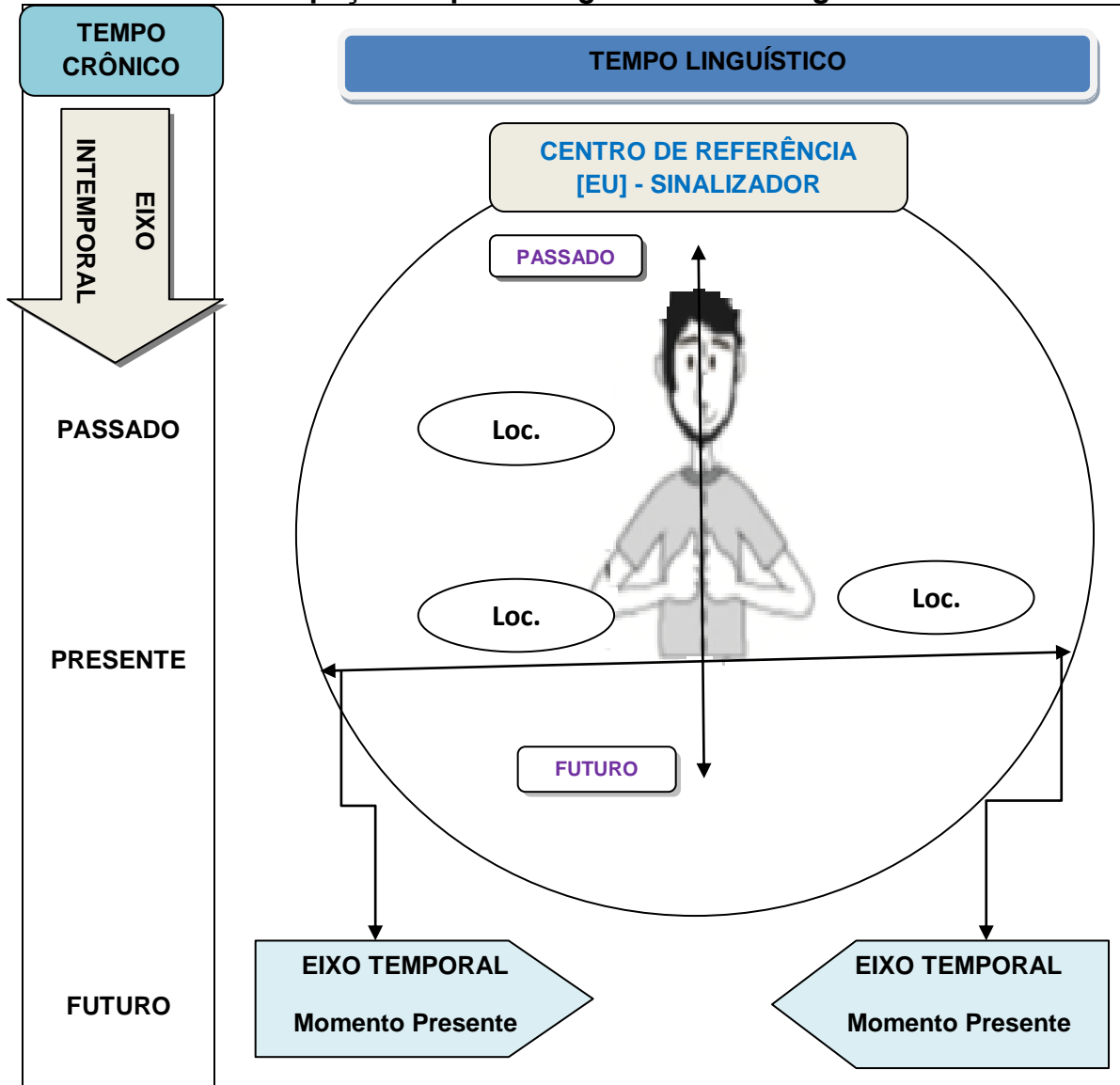
Quadro 7 – Espaço neutro na Libras



Fonte: http://www.Libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinai/sIII/assets/263/TEXT0_BASE_-_DEFINITIVO_-_2010.pdf

E ao intercalarmos esse espaço de sinalização com o sistema de coordenadas espaciais (Quadro 6), formulamos o que acreditamos ser a provável estrutura do “espaço temporal linguístico” da Libras, cuja estrutura pode ser assim visualizada:

Quadro 8 – “Espaço Temporal Linguístico” das línguas sinalizadas



Fonte: Elaborado a partir do cruzamento de dados relacionados aos quadros 6 e 7.

Como vimos no capítulo 3 desta dissertação, para Quadros e Karnopp (2004), a Libras possui sintaxe espacial, de modo que as informações são estabelecidas em pontos específicos e organizadas espacialmente em frente e ao redor do corpo do sinalizador. Assim, ao observarmos a imagem acima, e a relacionarmos com as discussões a respeito da noção de tempo propostas por Mória (2003), Benveniste (2006) e Borba (2008), enxergamos como uma grande

possibilidade que os falantes dessas línguas sinalizadas marcam o tempo e localizam as informações e/ou objetos na mesma perspectiva discutida por esses linguistas. Antes de nos aprofundarmos mais a esse respeito, analisemos os elementos que compõem esse possível espaço linguístico da LIBRAS:

Observando o quadro 8, diferentemente do quadro 6, ao invés do EU⁴⁴, temos a representação do Sinalizador (quadro 8) como o centro e o ponto de referência. É ele o responsável por organizar e distribuir as informações em frente e ao redor do seu corpo: apontando, orientando, direcionando e localizando, por meio dos referentes espaciais, os acontecimentos narrados por ele.

Quanto aos Localizadores ou Loc., do mesmo modo os identificamos na nomenclatura da área, como proposto em Quadros (1995, 1999), Moreira (2007) e Lidell (2003). O *Loci.* ou *Locus* é o local previamente estabelecido no espaço para marcar os referentes, bem como os acontecimentos a ele relacionados (QUADROS, 1995).

Esclarecemos, também, em conformidade com esses linguistas, que o Loc. tanto se refere aos pontos específicos que localizam os referentes em frente ao(s) acontecimento(s) no espaço neutro, como, ao mesmo tempo, atuam na localização e marcação dos pronomes dêiticos nessas LS's. É justamente nesse ponto que nossas discussões passam a se relacionar com o que pretendemos investigar (como mais especificamente traçamos como objetivo: verificar como o indivíduo surdo marca o sujeito e o objeto em sentenças compostas por verbos simples e não simples).

Ressaltamos que essa informação se apresenta como ponto fundamental para, ao observamos os surdos participantes desta pesquisa, ao identificarmos e analisarmos nas sentenças dessa língua como os verbos são estruturados, ou seja, como eles marcam, apontam e / ou localizam os referentes espaciais.

E, como vimos, os acontecimentos nessa língua se organizam seguindo uma sequência lógica e obedecendo a certa hierarquia, digamos espacial, pois dependerá do enunciado e dos interlocutores (em termos da posição e/ou

⁴⁴ Destaque para o fato de que se há um EU imediatamente faz-se um TU, e quando este assume a fala passa a ser EU (BENVENISTE, 2005).

localização desses referentes no espaço⁴⁵), enfim, dos acontecimentos em si. Desse modo, o que pretendemos discutir com todos esses pontos levantados não é divergir do que até agora foi proposto em resultados de pesquisas voltadas para essas línguas, mas, sim, acrescentar outros pontos que parecem ainda mais distintos e complexos (ou não) do que se sabe atualmente sobre elas.

Além disso, é importante destacar que essa estrutura/ordem representada, através dos Localizadores, no quadro acima (Quadro 8) não se limita, em hipótese alguma, à única forma de se comunicar através dos sinais nessa língua, pois, devido ao seu caráter espacial, uma mesma sentença poderá ser organizada conforme a posição do(s) referente(s) estando ausente(s) ou presente(s); ou como no caso de alguns verbos não direcionais, que por serem ancorados ao corpo do sinalizador, o espaço servirá apenas para apontar e/ou nomear seu(s) referente(s).

Por essa constatação verificamos que, a partir do momento em que propomos a possibilidade de que talvez a noção de tempo na Libras se dê apenas deiticamente e não conjugado nos verbos, e relacionamos esse dado com o fato de que nas línguas, de um modo geral, o tempo linguístico procura ordenar, organizar e localizar os acontecimentos conforme a posição atual (no tempo presente) de seus interlocutores. Esse fenômeno, relacionado à noção espaço-temporal das LS, mostra-se bastante revelador pelo fato de ele se flexionar separado do verbo, do mesmo modo que ocorre com os dêiticos pessoais relacionados aos verbos simples.

E ao identificarmos essa marcação de tempo através de um sinal dêitico temporal na LIBRAS, bem como o fato de os acontecimento(s) se disporem em locais distintos, evidenciamos que talvez seja por isso que os surdos, ao comporem sentenças sinalizadas, dividam esses acontecimentos em pontos específicos (que são os Loc.) no espaço de sinalização, conforme seu(s) referente(s), como uma forma de organizá-los e indicá-los nesse espaço.

De um modo geral, ainda com relação ao tempo linguístico, observemos as seguintes sentenças em Libras e no português, como forma de esclarecermos melhor as colocações aqui apresentadas:

Em português, podemos dizer, por exemplo:

⁴⁵ Sendo que essa localização tanto poderá ser à esquerda se o sinalizador for canhoto, ou se o acontecimento for momentâneo ao discurso, ou ainda pelo fato de os referentes estarem presentes ou ausentes no momento do enunciado, conforme suas posições/localizações, como discutido em Quadros (1995), por exemplo.

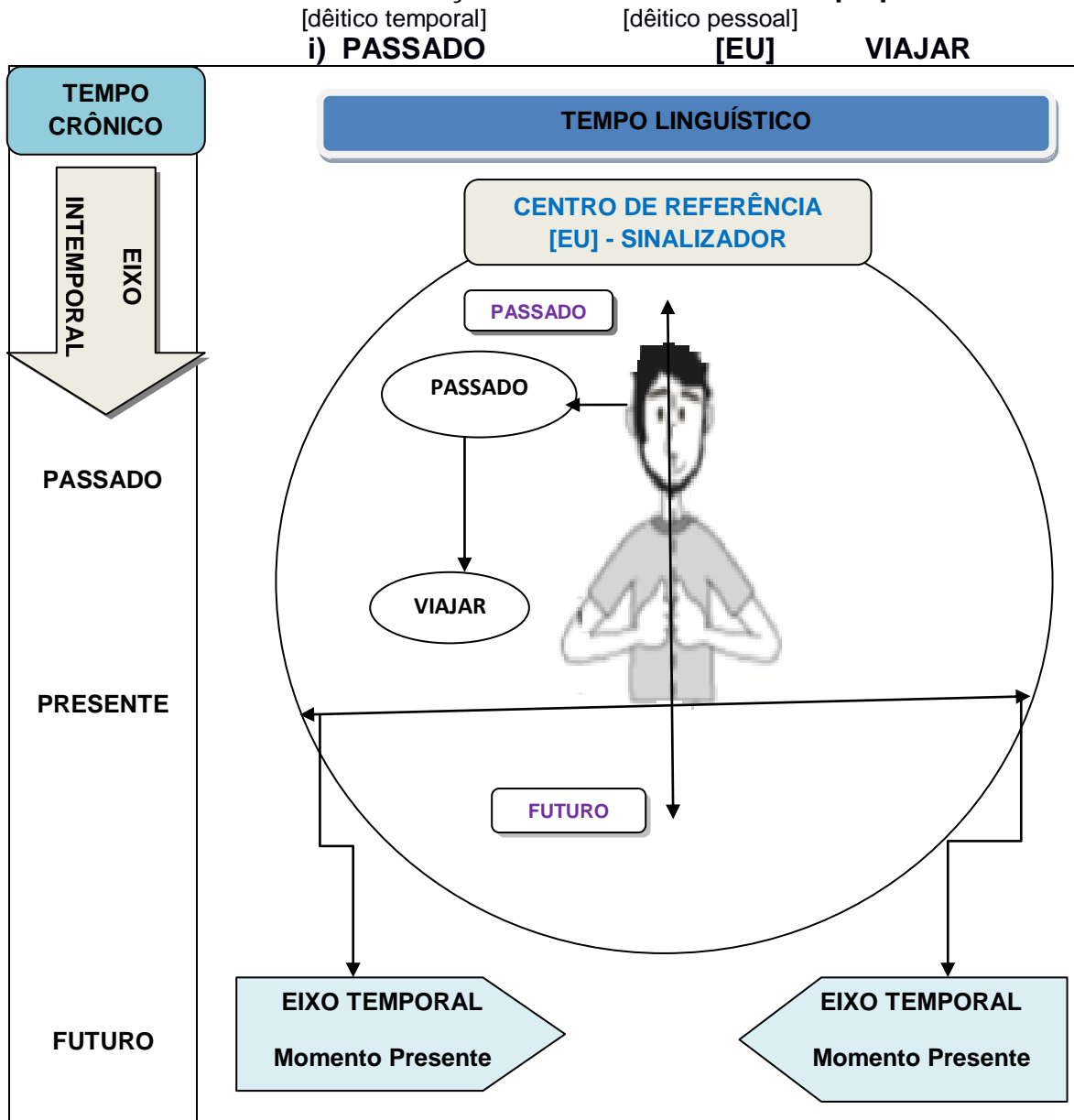
a) **Eu viajei** (indicando tempo passado).

E também podemos marcar o tempo futuro como em:

b) **Eu viajarei** (como uma possibilidade).

Agora, em LIBRAS, como fazemos para marcar essa noção de tempo, sendo que esta não se dá atrelada à ação do verbo? Para discutirmos melhor esse questionamento, vejamos esses mesmos exemplos estruturados em Libras, e como as sentenças estão distribuídas no espaço temporal linguístico:

Quadro 9 – Sentença em Libras indicando tempo passado



Fonte: Elaborado a partir da noção de espaço de sinalização e do sistema temporal linguístico da Libras.

Quadro 10 - Sentença em Libras indicando tempo futuro

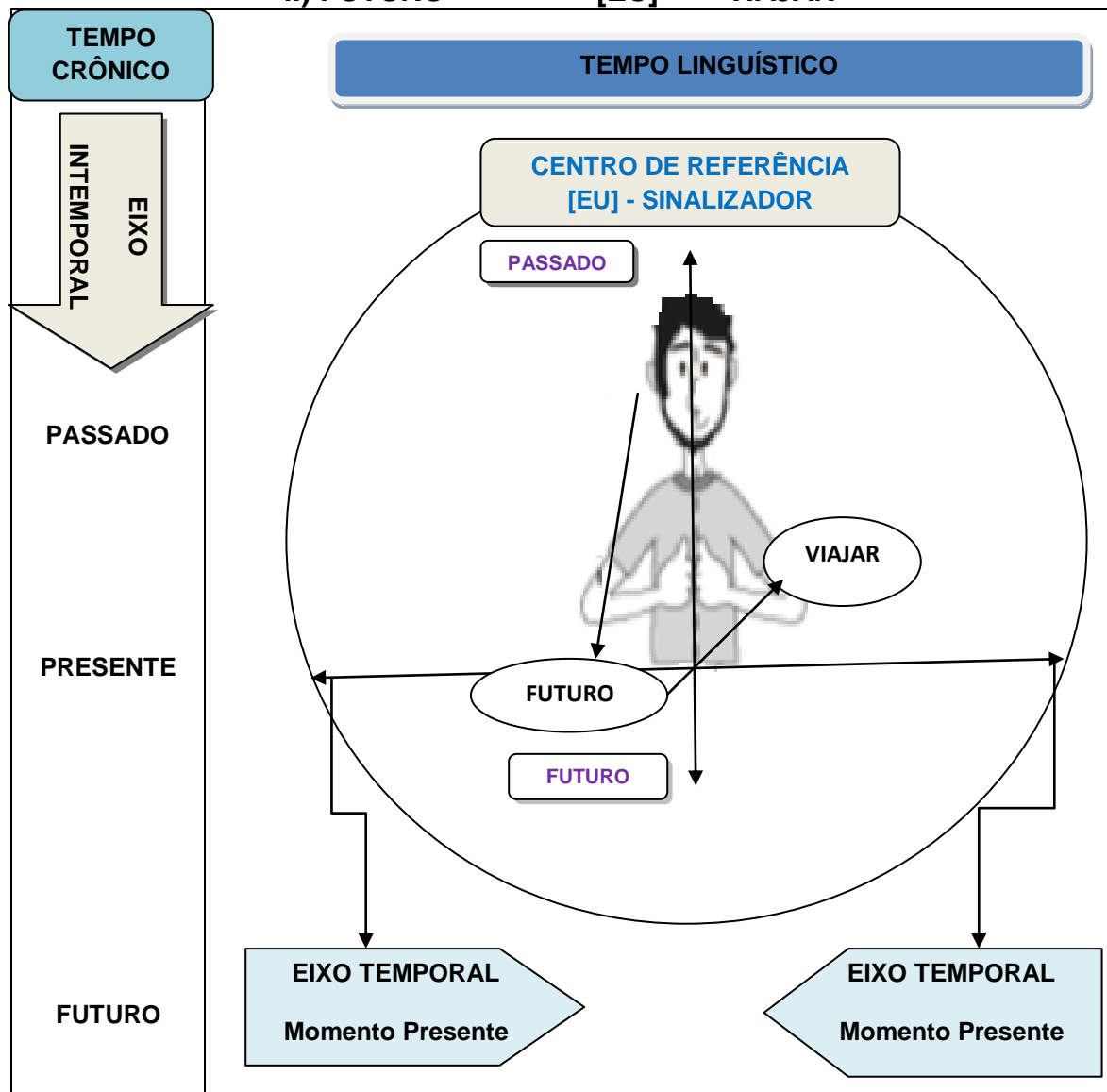
[dêitico temporal]

[dêitico pessoal]

ii) FUTURO

[EU]

VIAJAR



Fonte: Elaborado a partir da noção de espaço de sinalização e do sistema temporal linguístico da Libras.

Como ilustrado graficamente, os verbos nessa língua não possuem uma desinência temporal, o que há é um sinal dêitico específico marcando esse tempo. Dessa forma **i)** o tempo é representado por um sinal dêitico temporal **PASSADO** (Quadros 09) e em **ii)** por um sinal dêitico **FUTURO** (Quadros 10), indicando uma ação que ainda não se concretizou.

E, ao analisarmos os sinais representados espacialmente, conforme expusemos nesses quadros, identificamos a ideia de para trás e para frente, a respeito da noção de passado e futuro que se apresentam sempre explicitamente nas línguas de um modo geral, conforme propõem, Benveniste (2006) e Borba

(2008). De fato, é o que os sinais representam nessas línguas sinalizadas: têm uma capacidade de reificar⁴⁶ o sentido das coisas, como bem nos esclarece Laborrit (2000):

[...] os mais simples conceitos eram ainda mais misteriosos. Ontem, hoje, amanhã. O meu cérebro funcionava no presente. O que queriam dizer o passado e o futuro? Quando compreendi, com o auxílio de gestos, que ontem significava atrás de mim e amanhã à minha frente, dei um salto fantástico. Tratou-se de um progresso imenso, que aqueles que ouvem têm dificuldade em imaginar, habituados como estão desde o berço a entender palavras e conceitos repetidos exaustivamente, sem mesmo se darem conta (LABORRIT, 2000, p. 3)⁴⁷.

Ainda com relação às sentenças analisadas, vimos que, é no eixo do tempo presente que o tempo linguístico é definido. Sendo que os acontecimentos em uma língua se dão somente no tempo presente, porque os demais tempos são apenas uma possibilidade ou algo que já aconteceu, e é somente no ato da linguagem que os acontecimentos e as coisas, de um modo geral, definem-se. Por isso, acreditamos que esse fato justifique a ‘impossibilidade’ de uma flexão verbo-temporal nessas línguas, pois, se assim o fosse, para que houvesse essa marcação de tempo atrelada ao verbo, as mãos do sinalizador, ao compor o sinal-verbo, deveriam se deslocar para trás de seu corpo (indicando tempo passado), ou para frente (indicando tempo futuro). No entanto, o que temos é que os verbos sempre ficam localizados em frente ao corpo do sinalizador e a noção de tempo é sinalizada antes ou depois daquele sinal. Assim, não há como o sinalizador ultrapassar esse eixo para trás do seu corpo ou mesmo o limite muito à frente dele.

Desses fatos, destacamos que isso não seja tão diferente do que acontece nas LO's, visto que é a sua estrutura linguística espacial que determina o modo como as sentenças são organizadas, marcadas, estruturadas e apontadas espacialmente, e é dessa organização espacial que definimos as discussões do subtópico a seguir.

⁴⁶ Esse pensamento me foi sugerido por uma intérprete de sinais, que muito me auxiliou durante a fase de análise de dados e na elaboração de testes.

⁴⁷ Autobiografia de Emmanuele Laborrit (O Grito da Gaivota), nesse livro ela narra desde seu nascimento até quando finalmente teve acesso à uma língua, ou seja, quanto aprendeu a Língua de Sinais Francesa – LSF.

4.3.2 Outras possibilidades de marcar o tempo nas línguas sinalizadas

O fato é que, quando buscamos uma marcação verbo-temporal nessa língua, isto é, quando refletimos a respeito de uma possível flexão verbo-temporal, de fato, não a identificamos. Todavia, além dessa possibilidade de marcação temporal, através dos dêiticos, existem outras formas de marcar o tempo na Libras.

Na perspectiva de tempo proposta em Mória (2010), o tempo nas línguas naturais também se organiza seguindo uma ordenação temporal, em que ele poderá ser ordenado com apenas uma sequência de frases, ou seja, mesmo na ausência de marcadores temporais, algumas sentenças são capazes de expressar avanços, paragens e retrocessos narrativos.

E para esclarecermos como isso também ocorre na Libras, trazemos a seguinte situação identificada nessa sentença:

Imagem 16 – Exemplo da estrutura sintático-temporal da Libras

RAT@

GAT@ RAT@



(aproximar)
GAT@ RAT@



(atacar)
GAT@ RAT@



GAT@ COMER



Fonte: <https://youtu.be/oiWu-IBAgdU>

Nessa sequência de imagens, uma surda⁴⁸ utiliza o seguinte exemplo: **RAT@ GAT@ COMER**, que ao traduzirmos para o português temos, dentro do contexto por ela apresentado, uma ação no passado: O gato comeu o rato. Evidenciamos que nessa sentença, especificamente, há uma topicalização, e nesse caso, essa ordem sintática destaca o tempo passado. Por isso, independentemente, desse fato, a ordem sintática também poderá referir-se ao tempo presente ou mesmo o tempo futuro, dependendo do contexto. Contudo, destacamos a importância de nessa língua, haver a marcação do tempo através dos dêiticos temporais.

No entanto, nesse exemplo (Imagem 16), a ação atua como fenômeno já ocorrido, de forma que o Obj. (rato), seguido do Suj. (gato) e depois do verbo, topicaliza o referente de terceira pessoa. De forma que, nessa sequência a ação do verbo se movimenta partindo do Suj. em direção ao seu Obj.; e o olhar da sinalizadora tanto indica essa ideia de aproximação como o ato em si de atacar. Ou seja, a marcação temporal é contextual e depende de indicação explícita sobre o tempo usado em algum momento do ato discursivo dos falantes de uma língua em uso.

Assim, nesse exemplo, verificamos que é possível identificar que a ação se deu no passado, como um ato já ocorrido. Agora, caso o gato ainda fosse comer o rato, como seria sinalizado⁴⁹? Nessa língua, além dos dêiticos temporais, o tempo é marcado pela sua estrutura sintática, ou seja, as sentenças são ordenadas no enunciado. Pois, além de organizá-las sintaticamente, também, organizam-nas temporalmente, tal como Mória (2010) defende a respeito da ordenação temporal do discurso que se faz presente nas línguas naturais.

Além dessa possibilidade, podemos organizar as informações temporalmente na LS, através da organização temporal, que é uma forma de contagem temporal, e ocorre de forma bastante complexa em todas as línguas naturais (MÓIA, 2010).

⁴⁸ Sueli Segalla em entrevista ao programa Provoações.

⁴⁹ Levamos essa possibilidade para aplicarmos com os sujeitos surdos participantes da pesquisa, mas não obtivemos os resultados esperados, foram duas tentativas: na primeira havia três sinais e eles deveriam ordená-los para que ficassem no passado, presente e/ou futuro. Na segunda tentativa, optamos por imagens, e eles apenas fizeram interpretação de papéis.

Nas LS's é comum os sinalizadores, quando vão narrar e/ou descrever uma situação em sinais, apontarem numericamente, seguindo uma sequência tanto no sentido de ordenar como de organizar as ideias. Entendemos que essa, também, é uma forma de organizar no tempo as informações, porque mesmo o verbo não conjugar o tempo, isto é, não recebe desinências temporais fixadas ao verbo nessas línguas e sim separado, por meio dos dêiticos temporais. Observemos o seguinte exemplo:

ESTUDAR HOJE AULA TER TRÊS TEMA: PRIMEIRO, SEGUNDO, TERCEIRO

PRIMEIRO: ESTUDAR VERBO

SEGUNDO: ESTUDAR TIPO VERBO

TERCEIRO: APRESENTAR EXEMPLOS

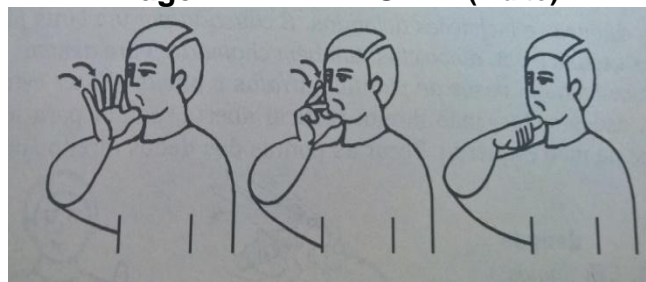
Notem que os sinais **PRIMEIRO**, **SEGUNDO** e **TERCEIRO**, ao mesmo tempo que organizam, ordenam as informações em uma sequência temporal, partindo de um ponto inicial para finalização de outro. Destacamos que são necessários estudos mais profundos para obtermos melhores conclusões a respeito desse tema, e como 'foge' de nossos objetivos aqui pretendidos, deixaremos para pesquisas posteriores.

Ainda a respeito dos sinais dêiticos temporais, que marcam a divisão do tempo na Libras: **PRESENTE, PASSADO, FUTURO**, temos, do mesmo modo como nas demais línguas naturais, outras possibilidades para descrever o tempo, por meio das expressões dêiticas, representadas nos sinais: **HOJE, AGORA, ONTEM, ANTEONTEM, AMANHÃ, ANTES, DEPOIS** etc..

Além desses sinais, temos outra forma de marcar o tempo na Libras, vejamos:

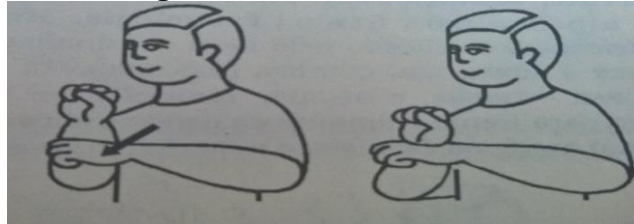
(ENMs + Movimento)

Imagem 17 – DEMORAR(muito)



Fonte: Dicionário Deit-Libras, Capovilla, Raphael e Maurício, 2013.

(ENMs + Movimento)
Imagem 18 – ESPERAR(muito)



Fonte: Dicionário Deit-Libras, Capovilla, Raphael e Maurício, 2013.

Esses verbos são classificados como verbos simples, e parecem assumir a forma nominal gerúndio, no contexto aqui apresentado, pois não há sinais dêiticos temporais acompanhando-os, de forma que a ideia de tempo é incorporada ao próprio sentido do verbo, através do parâmetro⁵⁰ **ENMs** auxiliado pelo parâmetro **M** dando a ideia de movimento contínuo.

No próximo capítulo trataremos da metodologia que foi desenvolvida, durante a pesquisa de campo, através de observação filmada e de testes aplicados por meio de atividades, com os sujeitos participantes da pesquisa.

⁵⁰ Durante as filmagens, na observação e aplicação de testes, da pesquisa de campo, identificamos vários exemplos dessas formas nominais.

5 APORTE METODOLÓGICO

Para esta pesquisa, do tipo qualitativa e de natureza observacional, utilizamos os principais autores considerados referência no assunto, como: Quadros e Karnopp (2004), Ferreira (2010), Lyons (2009), Meier & Lillo-Martin (2013), dentre outros.

5.1 Pesquisa de campo e instrumentais de pesquisa

Neste trabalho foram utilizados também outras técnicas e/ou instrumentos de pesquisa, tais como: um (01) formulário para levantamento histórico da Associação dos Surdos de Teresina - ASTE, bem como de sua comunidade, no sentido de obter dados para complementar as informações adquiridas durante a pesquisa; o diário de campo⁵¹ (com o intuito de absorver informações mais detalhadas para se somar ao já observado); bem como o equipamento de filmagem em HD: (para atender às reais condições de ambiente e imagem do *lócus* da pesquisa).

Utilizamos esse recurso de filmagem, mais especificamente, na segunda parte da pesquisa, que aqui foi denominada de fase de testes. Depois de cada dia de filmagens, os vídeos foram minuciosamente analisados com o objetivo de detectar o objeto pretendido. Por meio do programa ELAN⁵², bem como do cursor de vídeo do *Windows*, pudemos pausar e rever os vídeos, no sentido de facilitar a identificação de nosso *corpus*.

O uso dessas tecnologias tem sido bastante útil para o desenvolvimento de análises de imagem dos sinais; para Leite (2013), as filmagens e as fotografias vêm permitindo perceber os aspectos visuais de forma cada vez mais eficaz, visto que com a primeira, teremos um registro bem próximo do uso da língua de sinais e com a segunda, uma riqueza maior de possibilidades para a manipulação de dados de forma mais específica.

⁵¹ Filmagens dos surdos na ASTE e anotações em geral.

⁵² Análise de imagem e áudio em que são feitos (re)cortes de forma bastante precisa e complexa, esse software é bastante utilizado nas pesquisas com línguas de sinais. Disponível em: [/tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/](http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/).

No entanto, em nossas análises de dados, optamos por utilizar apenas o cursor do *Windows* para análise dos vídeos, devido melhor afinidade e mobilidade para se trabalhar com essa ferramenta por parte da pesquisadora.

O procedimento utilizado, nesta pesquisa, foi o de diagnóstico, na tentativa de se obter uma avaliação reflexiva dos dados averiguados.

A abordagem da presente pesquisa foi de cunho qualitativo que, segundo Costa & Costa (2011), busca compreender e dar significados aos objetivos pretendidos. Além disso, essa abordagem auxiliou na análise e compreensão dos processos sociais, contribuindo na interpretação das particularidades e comportamentos ou atitudes do grupo investigado (OLIVEIRA, 2014).

Quanto ao enfoque teórico-metodológico, foi o sócio-interacionismo, o qual empregamos a observação e entrevistas participativas (PALMA, 2004). E quanto à observação, esse tipo de investigação possibilitou um melhor contato pessoal com o fenômeno a ser pesquisado, o que promoveu uma série de outras vantagens (LÜDKE e ANDRÉ 1986).

Para Oliveira (2014), nesse tipo de observação, o pesquisador deve procurar interagir com o grupo investigado, estabelecendo uma relação direta, acompanhando-o em situações formais e informais, promovendo um constante diálogo com os participantes do grupo. Assim, ao observarem as ações e informações, as questões e questionamentos evoluem à medida que o trabalho de investigação avança, possibilitando descobrir e verificar o objeto estudado (BEAUD & WEBER, 2014).

5.2 Local da pesquisa

O local selecionado para a pesquisa foi a Associação dos Surdos de Teresina – ASTE, localizada na Rua Jônathas Batista, nº 1159, Centro, CEP: 64000-400, Teresina-PI, Fone: (86) 32329399.

A opção em pesquisar nessa associação é pelo fato de os surdos, em sua grande maioria, a frequentarem de forma assídua. Além disso, esse ambiente é bastante propício às relações sócio-interacionais desses indivíduos, ou seja, é o lugar em que há uma expansão do vocabulário dessa língua, proporcionando novas possibilidades de interação.

5.3 Sujeitos participantes da pesquisa

Os sujeitos pesquisados são indivíduos surdos, que possuem Identidade Surda, ou seja, não usam prótese, têm orgulho de ser surdos e, principalmente, se comunicam através da Libras (SANTANA, 2007).

A opção em investigar os surdos fluentes em Libras justifica-se por vários fatores, dentre eles: ter contato direto com sua língua nativa; restringir o número de amostras para análise; ter dados mais satisfatórios.

5.4 Procedimentos da pesquisa junto ao CEP

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Humana- CEP, conforme documento em anexo e, para tal aprovação, foram seguidos os seguintes critérios:

- Propor uma análise crítica quanto aos riscos e benefícios:

É importante esclarecer que o contato com a Comunidade surda necessita de certa cautela e respeito com sua identidade e cultura, uma vez que difere da do ouvinte. E pelo fato de esta pesquisadora já conhecer boa parte dos surdos que frequentam o local de pesquisa, entendemos as dificuldades em se adentrar no 'mundo dos surdos'. Por isso, uma posterior sondagem foi feita quanto à possibilidade de se fazer a pesquisa. Então, os riscos, se houvesse, quanto ao contato com os surdos, estes seriam mínimos, mas havia a possibilidade da exposição da imagem desses indivíduos, tendo em vista que os encontros na ASTE, durante a pesquisa, seriam filmados. E como a cada encontro sempre havia novos surdos ali presentes, durante a fase de observação, a pesquisadora não tinha como definir um critério de filmagem. Destaque para o fato de que o presidente da ASTE fora anteriormente esclarecido a esse respeito. Por isso, tivemos um número previsto de 12 participantes, mas, ao longo dos encontros, foram adequados conforme o fluxo de participação dos mesmos.

Quanto à relevância e/ou benefícios da pesquisa, estes são inumeráveis, pois vai desde a divulgação de novos estudos a respeito das línguas de sinais, da afirmação da identidade e cultura surda e da motivação desses indivíduos em estudar a sua própria língua.

Quanto à forma de recrutamento dos participantes e obtenção do TCLE⁵³, (modelo em anexo), os participantes da pesquisa foram antecipadamente informados quanto aos procedimentos⁵⁴, aos riscos e benefícios promovidos durante e após os resultados das análises, bem como foram informados, ainda, pelo presidente da associação de que todos seriam filmados durante as sessões.

Os procedimentos e técnicas de investigação foram discutidos e detalhados aos surdos tanto pela pesquisadora como também por um intérprete de Libras que atua junto aos surdos na ASTE.

E, finalmente, quanto aos critérios de seleção, como forma de filtrar o *corpus* de análise, os surdos participantes da pesquisa foram filmados e/ou entrevistados a cada encontro.

5.5 A fase de filmagens e observação

Essa fase ocorreu no período de 30 de maio de 2015 a 30 de agosto de 2015. Considerada de fundamental importância para a pesquisa, pois foi o momento em que a pesquisadora ganhou a confiança dos sujeitos participantes para que pudesse filmá-los. Nesse período a pesquisadora coletou boa parte dos dados, porque as interações entre os participantes da comunidade ali presentes se dão de forma espontânea, assim foi possível identificar como eles interagem espontaneamente entre seus pares.

No entanto, algumas dificuldades surgiram nessa fase, a principal delas foi a frequência e assiduidade dos associados, pois muitos do que ali frequentam raramente aparecem. Na verdade, a frequência assídua é somente dos responsáveis pela administração da associação. Outra dificuldade foi o receio de alguns poucos surdos em não se sentirem à vontade quando filmados. Mas todos, sem exceção, sempre foram muito solícitos com a pesquisadora e com todos os ouvintes que frequentaram a ASTE durante a pesquisa.

⁵³ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

⁵⁴ Destacamos que eles não foram informados quanto ao objeto de pesquisa, mas apenas de que se tratava de uma pesquisa de análise linguística da Libras.

5.6 A fase de testes

A fase de testes teve início em 05 de setembro de 2015 e finalizou em dezembro do mesmo ano. Nesse período, a frequência dos associados diminuiu bastante, devido ao trabalho, aos estudos e os campeonatos esportivos de que muitos deles participam. Por isso, a pesquisadora teve grandes dificuldades em aplicar os testes.

Essa fase foi dividida em duas partes, conforme especificado nos apêndices II e III, no final desta dissertação. Na segunda parte, convidamos um surdo para que pudesse filmar as atividades sinalizadas em Libras, optamos por esse recurso porque, ao observarmos em outras pesquisas, especialmente na ASL, os pesquisadores sugerem que o contato surdo/surdo favorece entendimento e melhora a interação.

Assim, alguns surdos foram convidados a participar de uma análise mais direta, com o propósito central de buscar atingir os objetivos aqui pretendidos. Em frente a uma câmera filmadora, cada surdo era instado a responder a uma das 5 atividades. Esses testes serão discutidos mais profundamente na análise dos dados.

5.7 Dados do formulário: algumas informações a respeito da ASTE

Durante a pesquisa de campo, também sondamos alguns dados a respeito da ASTE, como exposto no apêndice I. E como a entrevista foi filmada, os dados também serviram de *corpus* para nossa pesquisa. Um dos surdos, que já fora presidente da associação há alguns anos, prontificou-se a responder às questões.

A associação foi fundada em 13 de setembro do ano 2000. Segundo o surdo entrevistado, nessa instituição são ofertadas várias atividades: palestras, teatro, campeonatos esportivos, cursos etc. Os surdos associados são motivados a evoluir, são instruídos para que possam interagir melhor na sociedade, a conhecer seus direitos e deveres, também têm acesso a intérpretes quando necessitam, além do acesso à Libras, motivados pelo encontro surdo/surdo. Os responsáveis administrativos da associação se reúnem frequentemente e decidem sobre as atividades a serem ofertadas na associação, ou seja, tudo é decidido pelo grupo. Dos associados, 400 são surdos e 190 têm surdez moderada e/ou são ouvintes.

Ainda segundo o surdo entrevistado, as principais conquistas da associação estão relacionadas ao apoio da prefeitura municipal de Teresina, da OAB e da SEID. A ASTE funciona aos sábados, exceto em feriados, das 17h até às 20h.

Observamos, ainda, que muitos ouvintes aparecem nesses encontros seja para aprender a língua, seja para cumprir alguma atividade acadêmica. Também, verificamos que os associados são bastante organizados e politizados, além das atividades acima descritas, aos sábados, nos turnos manhã e tarde, são ofertados cursos abertos à comunidade, ministrados e planejados pelos próprios surdos.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS INVESTIGADOS

As discussões e análises dos dados que seguem foram coletadas durante a pesquisa de campo na Associação de Surdos de Teresina-PI, optamos por apresentar os dados e suas respectivas análises divididas em três tópicos, conforme os objetivos traçados para esta pesquisa; os dois primeiros tópicos foram abordados em duas partes: observação filmada e aplicação de testes.

O último tópico diz respeito ao comportamento dos verbos relacionados à noção de tempo e de pessoa. Nele, ainda, abordamos alguns dados identificados durante a pesquisa de campo, que permeiam as discussões a respeito dos pronomes dêiticos pessoais, em que apresentamos outras variações para as formas de 2ª pessoa no singular e no plural, que divergem das considerações apontadas por Meier (1990) e fundamentadas em Thompson (2006) e Thompson et al (2013).

Destacamos que, durante nossas observações e leituras, adaptamos nossos objetivos diante de novas expectativas a respeito do *corpus* da pesquisa, isto é, os dêiticos. Antes da análise e discussão dos dados, discorremos sobre a observação e a fase de testes: (i) a observação filmada foi utilizada com o firme propósito de reunir dados de sinalizadores interagindo em contextos de uso; (ii) os conteúdos dessas filmagens nos possibilitaram identificar um grande número de sentenças produzidas com os verbos e os dêiticos, *corpus* de nossa pesquisa; (iii) a variedade de sinalizadores interagindo entre grupos de conversas no mesmo ambiente e sobre assuntos diversos, enriqueceu ainda mais nossos dados, visto que pudemos verificar a recorrência desses sinais e como eles são articulados por esses sinalizadores; (iv) a fase de testes foi um grande desafio, pois, como foi comentado, em determinada época, boa parte dos sujeitos participantes da pesquisa se ausentaram da associação. Mesmo assim, conseguimos desenvolver com sucesso essa fase, aplicando cinco atividades que foram divididas em duas partes, conforme exposto nos apêndices II e III: na primeira, aplicamos as atividades 1 e 2. E na segunda parte, foram desenvolvidas as atividades 3, 4 e 5, sendo que todas essas atividades visavam averiguar o *corpus* de nossa pesquisa.

6.1 Marcação de referentes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas como sujeito e objeto dos verbos na Libras

Aqui, objetivamos verificar como os sinalizadores marcam os referentes que se relacionam com os verbos nessa língua, de forma que contemplamos tanto os dados coletados na fase de observação como também os resultados dos testes desenvolvidos a partir de atividades e, como bem salientamos, foram divididas em duas partes e aplicadas junto a esses participantes.

6.1.1 Observação por filmagens

Num primeiro momento, a pesquisadora apenas observou os sujeitos participantes da pesquisa e só depois, num segundo momento, em que eles se sentiram mais à vontade, as filmagens foram iniciadas. Então demos início à coleta de dados, o que nos possibilitou identificar o seguinte *corpus*:



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

⁵⁵ Esse verbo, segundo a variação da região não marca direção de mão para indicar Suj. e/ou Obj.

Os verbos **FAZER**, **OBSERVAR**, **FOTOGRAFAR** e **ENTENDER** são verbos simples⁵⁶, porque não mudam e/ou não recebem desinências (pessoa, número, tempo), e são articulados ancorados ao corpo do sinalizador, tal como podemos verificar nessa sequência de imagens.

E ao analisarmos o contexto em que essa situação ocorreu, durante a coleta de dados, verificamos que não foram utilizados sinais nominais nem sinais de apontação para marcar o Suj. e/ou Obj. desses verbos. Esses verbos se apresentam na sua forma pura como podemos constatar nas cenas 1, 2 e 3, em que há apenas direção do olhar do sinalizador para o destinatário, referente de 2ª pessoa do singular. Já nas demais cenas (4, 5 e 6), os dois participantes interagem entre si, atuando como referentes de 1ª e de 2ª pessoas, e fazem referência há uma terceira pessoa, no caso a pesquisadora, o sinalizador da direita da imagem percebe que a pesquisadora está filmando e a questiona sobre esse fato:

(uso do olhar) (uso do olhar)
I) FAZER O QUÊ? O QUÊ?
 O que você está fazendo? (Tradução PB).

Em seguida, o surdo da esquerda da imagem responde ao questionamento feito pelo participante da direita:

II) OBSERVAR FOTOGRAFAR
 Observando e fotografando. (Tradução PB).

E na última cena (6), o surdo da direita responde que entendeu.

III) ENTENDER
 Entendi. (Tradução PB).

No primeiro exemplo, o verbo **FAZER** ocorre conforme a nomenclatura da área defende: além dos sinais dêiticos, há outras formas para marcação e apontação dos referentes, que são as expressões não manuais - ENMs (uso do olhar, do ombro, face etc..) (FERREIRA, 2010; QUADROS & KARNOPP, 2004). Nessa cena, o sinalizador olha fixamente para seu interlocutor, como forma de

⁵⁶ Como vimos, os estudos apontam que esse verbo por ser simples é também classificado como verbo sem concordância VSC.

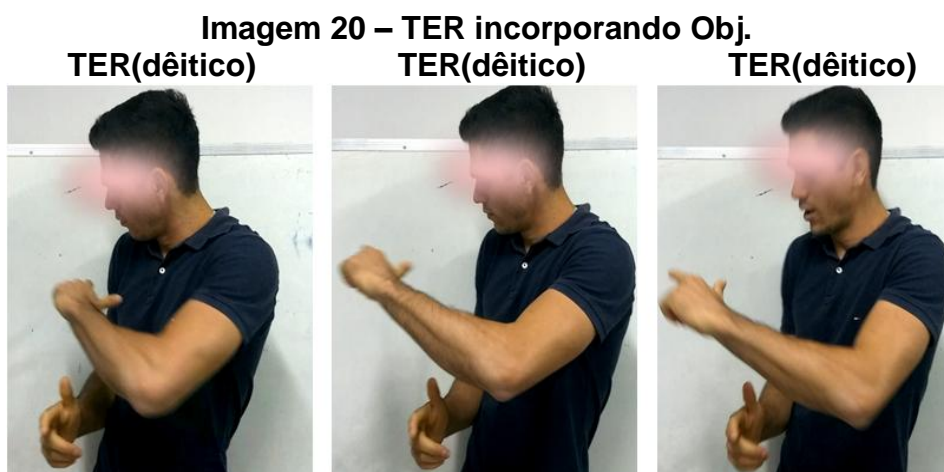
questioná-lo junto com a inclinação da cabeça, típico das frases interrogativas (inclinar levemente a cabeça e arquear a sobrancelha), nessas línguas sinalizadas.

O segundo e o terceiro exemplos, com efeito, não apresentam sinais dêiticos pessoais, nem sinais nominais nem, ao menos, o uso do olhar. Isso ocorre porque “o mecanismo da incorporação está diretamente relacionado com a possibilidade de omitir o sujeito e o objeto” (QUADROS, 1995, p. 3). Contudo, esse pensamento é apenas direcionado para verbos VCC (verbos não simples), que incorporam esses referentes e que, por isso, esses sinais são direcionados de um ponto ao outro, marcando tanto o Suj. como o Obj. Então, se essa particularidade não contempla a estrutura e a articulação desses verbos simples, o que justifica essas sentenças serem compreendidas, não se tornando ambíguas? Ainda mais quando é definido nos estudos das LS's que os sinais de apontação são usados para fazer referência ao sinalizador, ao destinatário e ao não-destinatário (QUADROS 1995, 1997, 1999).

De todo modo, vimos que o sinalizador pode assumir o papel de 1ª, 2ª e de 3ª pessoa e no espaço neutro só podem ser representados a 2ª e a 3ª pessoa (PIZZIO, REZENDE & QUADROS, 2009). Porém, na conversa sinalizada representada nas cenas (4, 5 e 6) da imagem 20, isso não foi identificado. Enfim, o que podemos compreender nesse contexto é que os sinais verbais representados nessas cenas estão articulados sem a marcação de pessoa e, também, sem sinal nominal.

Outra possibilidade que vem à tona, nessa tentativa de compreender o comportamento dos verbos simples, remete-nos às pesquisas apontadas por Meier & Lillo-Martin (2013) a respeito da evolução desses verbos, ao longo das gerações em algumas LS, em que os VSC foram incorporando os dêiticos pessoais e se transformaram em VCC. Por isso, pensamos que talvez esses verbos, na Libras, estejam no estágio inicial, como evidenciado por esses teóricos, isto é, quando não apontam nem indicam referentes, mas como também destacamos anteriormente, é complexo fazer tal afirmação, tendo em vista a necessidade de se ter uma pesquisa desse tipo no Brasil sobre a Libras.

Contudo, durante as nossas filmagens e aplicação de testes, identificamos dois verbos simples ou VND (**TROCAR** / **TER**) assumirem comportamento típico dos VD, ou seja, apresentaram marcadores espaciais. Verificamos, conforme uma intérprete nos tinha sugerido, o verbo **TER** se deslocando do tronco sinalizador para marcar o Obj. no espaço neutro, como podemos identificar na imagem que segue:



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

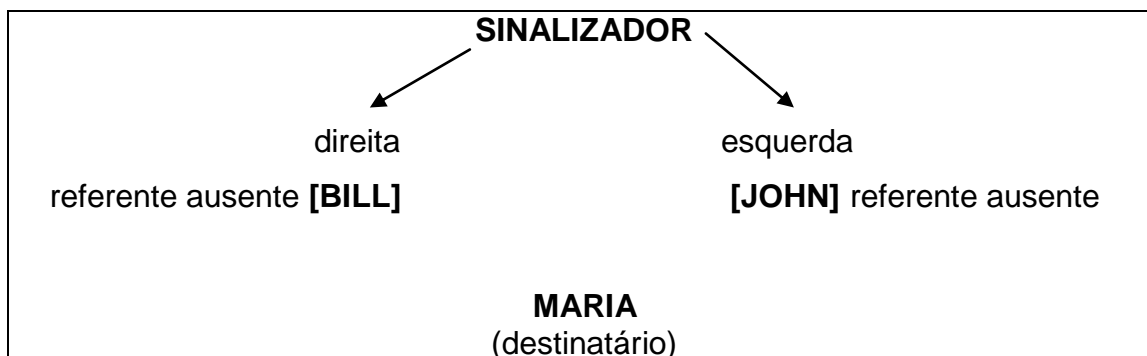
Comumente esse verbo é articulado no tronco do sinalizador, porém, aqui, ele o movimenta deslocando de seu tronco para marcar o Obj. em um possível ponto no espaço de sinalização, como se estivesse procurando por algo: Tem alguma coisa aqui (Tradução PB). Quanto ao segundo verbo, encontramos a mesma possibilidade de uso.

Ainda na cena 5 da imagem 19, os dois surdos estão sinalizando ao mesmo tempo, enquanto o da esquerda continua explicando por que a pesquisadora está filmando, imediatamente o da direita se lembra da pesquisa e sinaliza **ENTENDER**, que também é um verbo simples, e não há uma apontação dêitica, mas, nesse caso, ocorre apenas a omissão da primeira pessoa atuando como Suj. do verbo. Segundo Quadros (1995), essa omissão tanto ocorre com os VCC quanto com os verbos simples.

Em outras filmagens, também identificamos essa recorrência, em que esses verbos ora não apresentam apontação manual ora são marcados com esses sinais dêiticos pessoais e/ou são acompanhados de sinais nominais, de forma que, como os estudiosos da área descrevem, de fato, esses verbos não sofrem mudança nem recebem desinências, alterando-lhes sua estrutura. Desses dados, evidenciamos que eles se apresentam dessa forma por uma razão bem específica que pretendemos discutir no tópico 6.3.

Outra situação que encontramos durante nossas observações e aplicação de testes é como os sinalizadores exploram no espaço neutro a localização dos referentes e dos sinais nominais e verbais nessa língua, o que nos chamou a atenção para as discussões de Meier & Lillo-Martin (2013).

Para esses linguistas a produção e a interpretação de sinais de apontação se distinguem pela sua localização, de modo que os referentes ausentes são marcados à esquerda e à direita do sinalizador, por isso esses locais são cruciais para a produção e a interpretação desses referentes. E o contraste entre um ponto e outro é muito significativo para relacionar e indicar esses referentes espaciais. Essas discussões se pautam no seguinte exemplo apontados por eles:



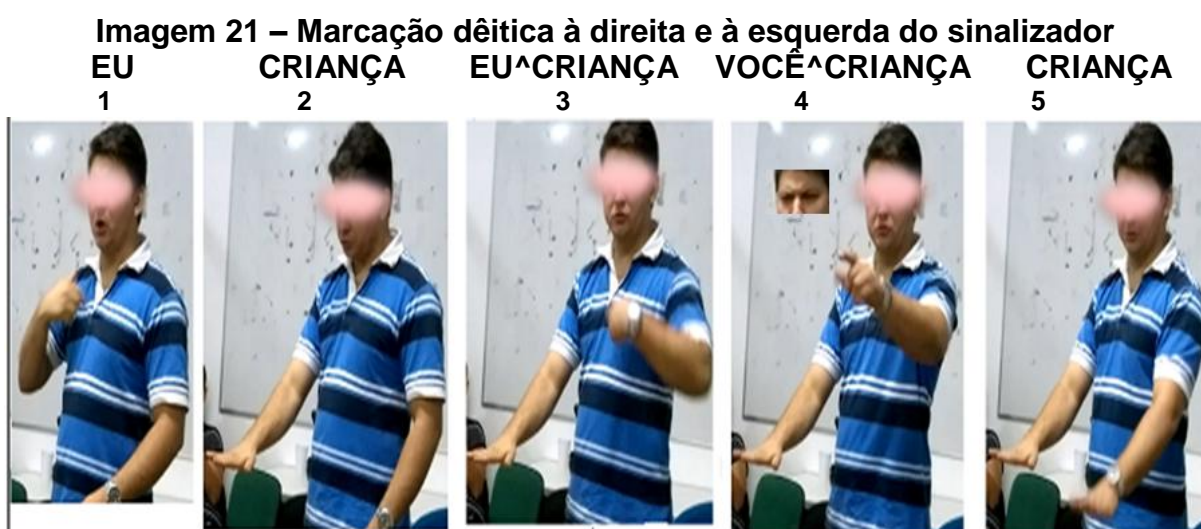
De fato, ao localizar esses referentes, o sinalizador será capaz de identificá-los através da apontação. Todavia, considerar apenas que esses locais em si serão suficientes para a interpretação de referentes ausentes é algo que consideramos sem fundamento.

Da situação apresentada acima, verificamos que os pontos localizados à esquerda e à direita são referentes de terceira pessoa, visto que há um sinalizador e um destinatário (Maria). Em uma interpretação de papéis, o sinalizador poderá assumir a função de 1ª, 2ª e/ou 3ª pessoas para representar esses referentes ausentes (QUADROS, 1995), também, poderá deslocá-los e levá-los para outro ponto, pois esses pontos não são fixos. Nesse caso específico, a localização tem a função maior de nomear e distinguir essas duas pessoas (John e Bill), mas já o sinal dêitico de 3ª pessoa, que é produzido pela apontação nominal, não poderá ser diferente, porque existe somente um único sinal para esse sentido (EL@). Assim, independentemente de haver mais de uma terceira pessoa em pontos distintos, não há distinção de um sinal para identificar uma terceira pessoa de outra terceira pessoa.

Colocamos essas considerações, justamente porque Meier & Lillo-Martin (2013) defendem que existe apenas um único sinal para representar a 2ª e a 3ª pessoa, que é a não-primeira pessoa. Eles defendem que quando o sinalizador

aponta no espaço para indicar esses referentes, não há uma dualidade de padronização entre eles, como fundamentamos na parte teórica. Contudo, evidenciamos que esses sinais distinguem-se e apresentam formas específicas, como discutimos no capítulo 4 e no subtópico 6.3.1.

Ainda com relação ao exemplo anterior, como considerar que essa localização é fundamental para estabelecer a produção de sentido desses sinais se todas as vezes que o sinalizador fizer referência a John ou a Bill teremos o mesmo sinal (3ª pessoa)? Ao pensarmos nessa questão, ainda mais quando trazemos o seguinte dado, identificado durante a fase de observação, entendemos que:



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Nesse exemplo, o sinalizador explicava aos demais surdos associados que o encontro seguinte era feriado e eles teriam um passeio programado para o zoológico. Depois de apresentar o convite, chamou atenção de todos para uma dada época em que ele e o irmão, que também é surdo e estava ali presente, eles desejavam muito conhecer o zoológico da cidade. E, ainda, fazendo referência a um dado passeio que eles tiveram, ele sinaliza:

PASSADO EU CRIANÇA EU^CRIANÇA VOCÊ^CRIANÇA CRIANÇA PASSADO
(muito) [...]

Eu e você quando éramos criança [...] (Tradução PB)

Observemos como o sinalizador localiza a ele e ao irmão em dois pontos distintos (direita/esquerda), só que aqui os dois referentes estão presentes (1ª e 2ª pessoas): imediatamente, o sinalizador localiza à direita no espaço de sinalização o

sinal **CRIANÇA** e aponta para si mesmo (**EU**) (cenas 1, 2 e 3), em seguida aponta e direciona o olhar para seu irmão (**VOCÊ**) que está à sua frente, e o localiza à sua esquerda (cenas 4 e 5).

Aqui os referentes **EU** e **VOCÊ** representam um eu e você no tempo passado, isto é, quando **EU** e **VOCÊ** eram crianças. No qual, o **EU** é o eu criança, não o sinalizador adulto. Da mesma forma que **VOCÊ** é o você criança, não o irmão adulto do sinalizador, também ali presente. Mesmo assim, a referência quando retomada para ambos, por está se referindo ao passado, na verdade, retoma a apontação para **EU** e **VOCÊ** quando criança e não para o espaço estabelecido por cada um ali no tempo presente. Portanto, é interessante percebemos como o uso do espaço tem aqui outra função, não servindo apenas para a apontação.

Desse fato, entendemos que, se as colocações desses teóricos estivessem corretas, nesse exemplo que aqui discutimos, como se trata de referentes presentes, não haveria necessidade de o sinalizador localizá-los (ele e o irmão) nesse espaço neutro, considerando que ele deveria apontar para si e em seguida para o irmão e narrar a história remetendo à infância de ambos. Mas como vimos, ele (o sinalizador) localiza-os nesses locais distintos e se utiliza dos referentes dêiticos pessoais **EU** e **VOCÊ**. Entendemos que isso ocorre justamente pela necessidade de construir um enunciado coerente, sem ambiguidade, marcando e indicando os referentes espacialmente.

Notem como é complexo imaginar, como no exemplo descrito por Meier & Lillo-Martin (2013), esses locais sendo cruciais para identificar os referentes ausentes e como possibilidade de produzir sentido. Como definimos na parte teórica desta dissertação, os sinais dêiticos são compostos fonologicamente do mesmo modo que os demais sinais lexicais dessa língua, portanto o foco é a mão de quem aponta, de quem sinaliza, defendemos que a localização é somente uma forma de organizar as informações, o espaço neutro é o espaço enunciativo, no qual as informações são organizadas e os sinais articulados, sejam eles nominais, verbais e/ou dêiticos.

Assim, o que define os referentes espaciais são os sinais dêiticos em si, é o sinalizador o centro e o foco do sinal, e é a sua mão, auxiliada pelas ENMs (face, ombro etc.) e os demais parâmetros que compõe esses sinais e todo o léxico dessa língua. No subtópico seguinte vejamos mais discussões a respeito desses referentes pessoais relacionados aos verbos dessa língua sinalizada.

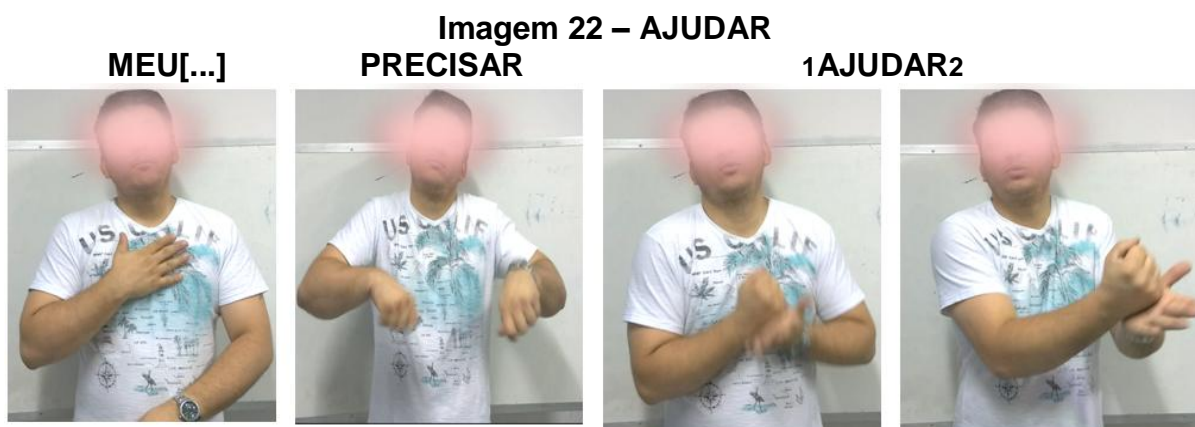
6.1.2 Fase de testes

Nessa fase foram aplicadas duas Atividades⁵⁷: na primeira foram apresentados três verbos simples: **GOSTAR - SABER – CONHECER**, com o objetivo de verificar como os sinalizadores marcariam o Suj. e o Obj. no espaço sem tornar o enunciado ambíguo, e se eles iriam empregar os dêiticos pessoais para marcar os referentes. Já na atividade de número 4 foi apresentada uma lista de verbos: sendo quatorze (14) simples e cinco (5) não simples e/ou VCC. Essa atividade foi baseada nos testes desenvolvidos em Thompson et al (2013), o número de verbos simples em maior quantidade foi com firme propósito de ter maior *corpus*, visto que os estudos com os verbos VCC já estão bem definidos. Essa atividade tinha por objetivo verificar as distintas possibilidades de sentenças proferidas com esses verbos.

Em ambas as atividades, verificamos que todos os participantes utilizaram os dêiticos pessoais para marcar o Suj. do verbo e como Obj. utilizaram-se sinais nominais, exceto uma pessoa que apresentou a sentença com Suj. nulo para primeira pessoa do singular (**EU**) e outra pessoa usou sinal nominal.

Na atividade 4, apenas um sinalizador optou por um verbo não simples para proferir sentenças e, de fato, ele apresentou moduladores espaciais para indicar a direcionalidade dos referentes na ação do verbo. E também apresentou a apontação nominal junto com esse verbo, vejamos essas duas situações:

Mas, antes disso, verifiquemos uma situação atípica que ainda não foi discutida a respeito dos verbos na LIBRAS:



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

⁵⁷ Apêndices II e III, essas duas atividades foram desenvolvidas em duas partes.

A sentença que integra essa sequência de imagens, quando traduzida para o PB apresenta algumas possibilidades de interpretação, observemos algumas delas:

MEU MULHER^MÃO^BEIJAR PRECISAR 1AJUDAR2

A minha mãe precisa de ajuda.

A minha mãe precisa que eu a ajude.

A minha mãe precisa da minha ajuda.

Em todas essas possibilidades de tradução dessa sentença, proferida em LIBRAS, o verbo ajudar atua como complemento do verbo precisar, por isso consideramos que o sinal **AJUDAR**, nessa sentença, é o complemento do verbo **PRECISAR**, ou seja, o seu Obj. indireto. Ressaltamos a importância do contexto para a construção do significado em todo e qualquer enunciado, pois verificamos em vários momentos que os sinais verbais, assim como os sinais nominais, assumem outras funções nos contextos de uso dessa língua, do mesmo modo que nas LO's.

A seguir, apresentamos a sequência dessa frase apresentada por esse sinalizador e observemos como o mesmo sinal assume outras possibilidades:



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Aqui o verbo **AJUDAR** (verbo não simples – VCC) está sendo articulado mais acima do espaço neutro, pois apesar de marcar o Suj. (EU) não define o seu Obj., e, assim, a direção do sinal se apresenta de forma indefinida, há algo a se fazer por alguém, mas não se sabe. Contudo, observemos como esse sinal se

apresenta ancorado ao corpo do sinalizador, do mesmo que os verbos simples, de forma que esse verbo está marcando a primeira pessoa: **1AJUDAR**, por isso, não está articulado no espaço neutro.

Nesse primeiro exemplo, identificamos que, apesar de o verbo **AJUDAR** ser classificado como VCC, nesse caso específico ele se comporta como um verbo simples, ou seja, ancorado ao corpo do sinalizador, porém, sem apresentar, explicitamente, o articulador dêitico espacial, que é recuperável apenas pelo contexto. Entendemos, por isso, que ele se apresenta na forma nominal infinitivo, visto que não é apresentada direcionalidade, nesse caso esse verbo não marca um ponto inicial nem final.

Imagem 24 – AJUDAR

POR FAVOR!



2AJUDAR1



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Nesse segundo exemplo, temos o mesmo verbo com seus articuladores espaciais, isto é, o sinalizador marcando o ponto inicial (**VOCÊ**- filho) em direção ao seu tronco para marcar o seu ponto final (**EU**- mãe). Nessa sequência, o sinalizador faz uma interpretação de papéis, aqui especificamente atua como a mãe que precisa e solicita ajuda ao filho.

Outro fato que destacamos nesses exemplos é que, durante a interpretação desses papéis, o sinalizador localizou a mãe à esquerda, em frente do espaço neutro, e o filho à sua direita. O uso dos sinais dêiticos pessoais (explícitos e/ou incorporados) auxiliam na identificação e na relação dos diferentes referentes, marcando-os ora como Suj. ora como Obj. e de forma coerente, o que mais uma vez diverge do que defendem Meier & Lillo-Martin (2013).

6.2 Os dêiticos pessoais e temporais e a sua relação com os verbos

Nesse tópico pretendemos identificar, analisar e apresentar como as pessoas e o tempo são marcados nos verbos na Libras. Conforme discutimos na parte teórica desta dissertação, os dêiticos se relacionam junto a esses verbos de forma bastante específica. Os verbos simples ou VSC não recebem desinências pessoais e temporais que alteram suas estruturas, sendo o oposto disso, são os dêiticos que os acompanham auxiliando-os na construção do sentido. Já os VCC (verbos não simples) incorporam pessoas, mas não o tempo. É sobre essas particularidades que discorreremos, com fundamento no *corpus* coletado durante a pesquisa na associação de surdos.

6.2.1 Observação por filmagens

Mais uma vez destacamos a importância dessa fase da pesquisa, por nos ter propiciado coletar dados que muito nos auxiliaram no cumprimento de nossos objetivos. De um modo geral, identificamos que, de fato, os dêiticos pessoais e temporais acompanham esses verbos simples, auxiliando-os na construção do sentido. Especificamente, selecionamos algumas dessas situações verificadas durante as filmagens na fase de observação:

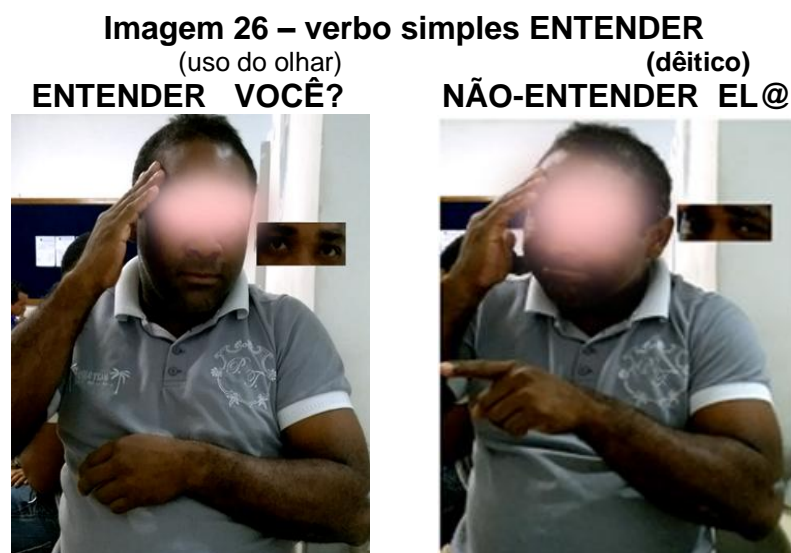
Imagem 25 – verbo simples LEMBRAR
EU **LEMBRAR**



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Nessa imagem, o sinalizador marca o dêitico de primeira pessoa do singular para, em seguida, apresentar o verbo. Verificamos que a primeira, às vezes, se apresenta omissa, pois essa pessoa do discurso é mais facilmente recuperada pelo contexto.

O importante é verificar que esses sinais dêiticos pessoais equivalem à função dos pronomes nas LO's, ou seja, acompanham e/ou substituem os nomes e, por isso, podem se apresentar implícita ou explicitamente. E, quanto ao verbo, por ser ancorado ao corpo do sinalizador, não sofre nenhuma alteração, estando o Suj. no singular ou no plural.



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos

Na imagem anterior, temos o verbo **ENTENDER** em duas distintas situações:

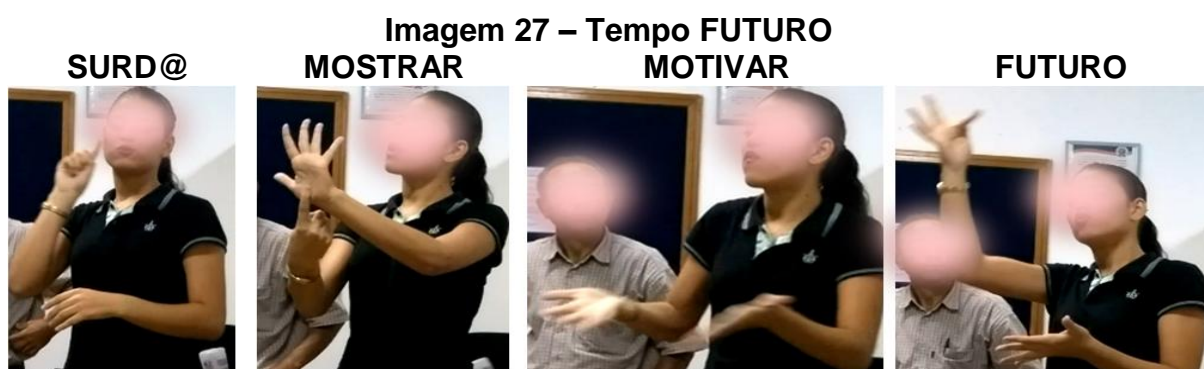
Na primeira, não existe um dêitico pessoal explícito e nenhum sinal nominal para marcar o Suj. desse verbo. Por ser uma frase interrogativa, o sinalizador questiona a seu interlocutor (Observem o destaque da imagem sobre seu olhar para seu interlocutor) se havia entendido as explicações apresentadas por ele. Particularmente, como vimos no tópico 6.1.1, essa sentença foi construída apenas com um verbo mais o parâmetro ENMs (uso do olhar), que marca o Suj. **VOCÊ**.

Já na outra situação, o verbo e o dêitico pessoal de terceira pessoa **EL@** são sinalizados ao mesmo tempo, atuando como pronome anafórico, tendo em vista que já se sabe de quem é o referente. Essa é uma frase negativa – Se o surdo, ele não entende [...] (Tradução PB). – o dêitico pessoal é articulado explicitamente.

Na sequência desse vídeo, o sinalizador marca anteriormente o Suj. com o sinal nominal **SURD@** e junto a esse sinal utiliza um dêitico. Segundo Meier & Lillo-Martin (2013) os dêiticos assumem várias funções, nessas línguas sinalizadas, uma delas é a de determinante, e é esse o caso do dêitico que acompanha os nomes nas LS's. De fato, é como Ferreira (2010) defende, os sinais de apontação nessa língua

são dêiticos por natureza, cumprem a função de apontar e indicar no espaço seus referentes. Contudo, tal como nas LO's, assumem várias funções (MEIER & LILLO-MARTIN, 2013).

Quanto aos dêiticos temporais, verificamos as mais variadas formas de marcar o tempo nessa língua (por meio desses indicadores de tempo). Além disso, conforme ficou evidenciado na parte teórica, os verbos não recebem desinências temporais e, sim, são acompanhados desse fenômeno para marcar concordância modo temporal.



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Nessa sentença, observemos como o tempo Futuro se destaca. A frase na íntegra, traduzida para o português, apresenta-se da seguinte forma: [...] Os cursos da ASTE, a Associação dos Surdos, mostram para o surdo que é possível ele ficar motivado [...] se desenvolver seja jovem, adulto, criança. Esse é o motivo e a importância, não somente esportes [...] (Tradução PB).

Em relação aos verbos não simples ou VD, como destacamos na parte teórica desta dissertação, os dêiticos pessoais se apresentam incorporados nesses verbos. E, do mesmo modo que nos verbos simples, os dêiticos temporais apenas são sinalizados junto a esses verbos.

Agora com relação aos verbos não simples, observemos esse exemplo:

Imagem 28 – COMUNICAR
(dêitico)COMUNICAR(dêitico)



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Na imagem 28, o verbo **COMUNICAR** (verbo não simples) não apresenta sinais dêiticos explícitos e também não há sinais nominais marcando o Suj. e o Obj.. Porém, a sentença só é compreensível dentro desse contexto, porque, anteriormente, o sinalizador nomeou o Suj. e o Obj. de forma que seu sentido pôde ser assim recuperado:

SURDO NÃO-ENTENDER(dêitico) COMUNICAR [EL@](pronome pessoal dêitico).

Se ele (o surdo) não entende nos comunicamos com ele (o surdo). (Tradução PB).

Essa sentença se complementa com a da imagem 26; nela percebemos que os dêiticos também assumem uma função especial, o verbo se desloca, com o movimento das mãos partindo do tronco do sinalizador (**ASTE**) ponto inicial e parte em direção ao ponto final, para indicar e definir seu Obj. (**SURD@**) como pronome de 3ª Pessoa. Nesse verbo, o referente (**EI@**) é marcado implicitamente incorporado à ação verbal⁵⁸.

Os verbos não simples também apresentam Suj. e Obj. representados com sinais nominais, como podemos verificar no exemplo a seguir:



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Apesar de os sinais nominais serem articulados antes e depois desse verbo, este se apresenta como quando seus referentes são implícitos, isto é, o sinal do verbo parte do tronco do sinalizador em direção ao espaço neutro, pois, ainda assim, ele apresenta um ponto inicial (Tronco) e um ponto final (espaço neutro). Por outro

⁵⁸ De acordo com pesquisas atuais de Ronice Quadros esse é um tipo diferente de verbo, é um verbo recíproco, pois incorpora os agentes da ação.

lado, o sinalizador poderia apresentar essa sentença de outro modo como, por exemplo: marcar um local à direita e à esquerda e identificar o Suj e o Obj., respectivamente, para, em seguida, sinalizar o verbo partindo da direita em direção à esquerda, ou vice e versa. O fato é que independentemente de esses referentes serem incorporados ou representados por sinais nominais, esse verbo se apresenta com moduladores espaciais.

No subtópico seguinte identificamos a forma como os verbos se relacionam com as pessoas e o tempo, especialmente, quando se trata dos verbos simples.

6.2.2 Fase de testes

Os resultados dos testes que permeiam as discussões nesse tópico basearam-se em três atividades desenvolvidas junto aos surdos associados.

As atividades 2 e 5 tinham como objetivo perceber como o surdo marca o tempo, utilizando sinais dêiticos temporais e/ou outras formas para indicar a noção de tempo. Na atividade 2, os participantes foram motivados a falar da sua rotina ou da sua história de vida. E na 5, foram orientados a elaborar três frases seguidas de um verbo e o seu respectivo tempo: **1. VIAJAR – tempo passado; 2. ESTUDAR – tempo presente; 3. TRABALHAR – tempo futuro.**

De um modo geral, os participantes marcaram o tempo como previsto, isto é, através dos dêiticos temporais e/ou relacionados junto aos verbos.

Na atividade 2, os principais marcadores de tempo apontados pelos sinalizadores participantes desse teste foram estes:



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Imagem 31 – Marcadores temporais



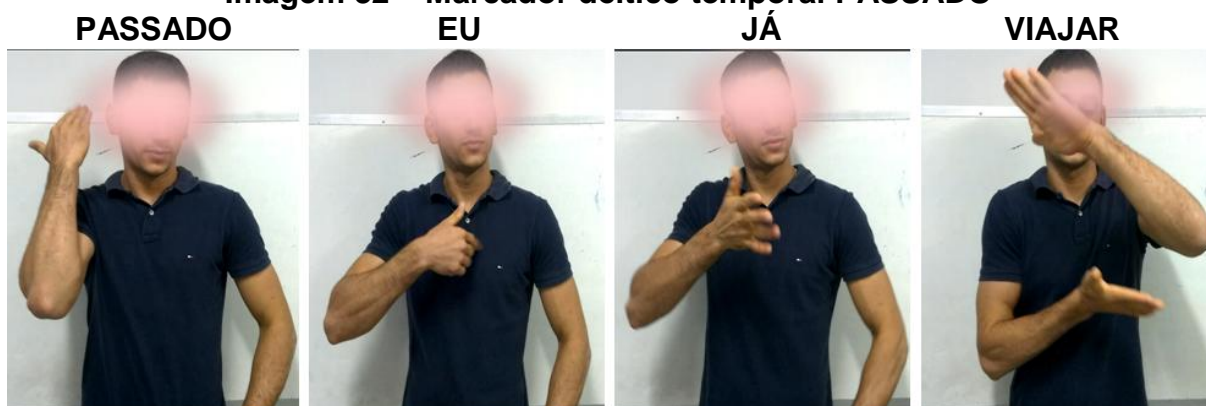
Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Como discutimos no aporte teórico, os verbos, em algumas línguas, não distinguem noção de tempo (BORBA, 2008). Em Mória (2003), destacamos que essa noção é definida por uma variedade de palavras, o que também ocorre na Libras. Esse autor também distingue noções temporais (presente, passado, futuro) de localizadores temporais, sendo que estes auxiliam na localização tal noção nas línguas naturais.

Por isso, vemos, em nossos dados, que, de fato, o tempo não é articulado junto aos verbos nessa língua. Nela, as noções temporais são representadas por quatro sinais dêiticos (**PASSADO / PRESENTE / FUTURO / CONTÍNUO**), que são localizados em pontos fixos no espaço de sinalização, como bem destacamos em nossos dados.

Já na atividade 5, trabalhamos especificamente com verbos simples e a noção de tempo com o firme propósito de verificar o comportamento desses verbos junto à noção de pessoa e tempo. Verifiquemos alguns dos dados apresentados pelos participantes:

Imagem 32 – Marcador dêitico temporal PASSADO



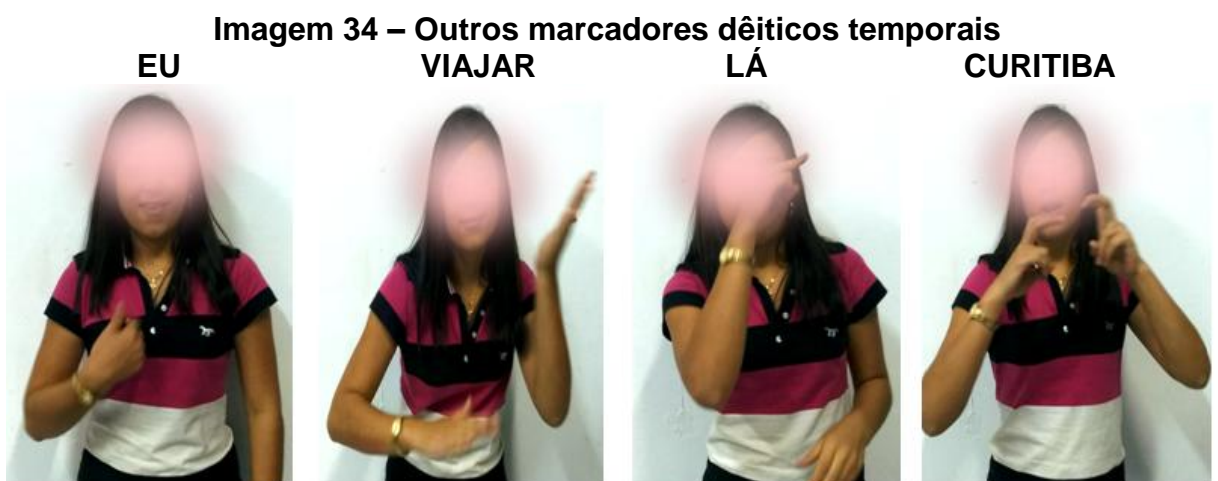
Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Os sinalizadores que participaram dessas atividades empregaram os respectivos tempos identificados e, como critério explicativo, optamos por apresentar essas duas situações que abrangem o resultado em geral: o tempo, nessa língua, é marcado com os sinais dêiticos temporais e no caso desse verbo VSC (verbo simples), não se conjuga nem a noção de pessoa nem de tempo permanecendo, pois, sem marca de flexão, isto é, sem desinência número-pessoal e temporal.

Ainda sobre essa atividade, um dos participantes não apresentou em duas das frases esses marcadores de noção temporal, mas, sim, outros localizadores, de forma que a noção de tempo foi recuperada pelo contexto. Todavia, do mesmo modo que os demais sinalizadores, o verbo sempre se apresentou em sua forma infinitiva, não recebendo nenhuma desinência temporal.





Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Essa frase diz respeito à noção de tempo passado, no qual a sinalizadora não apresentou em sua sentença o sinal dêitico **PASSADO**. Contudo, conseguimos recuperar essa ideia, quando é apresentado o sinal **DE NOVO**, ou seja, algo que já aconteceu e que deseja se repetir. Isso significa que, de um lado, a Libras, do mesmo modo que nas LO's, possui várias marcas de tempo, e, por outro lado, diferentemente das LO's, seus verbos não recebem desinência modo-temporal, e sim há indicadores de tempo explícitos que os acompanham construindo-lhes o sentido, da mesma forma que acontece com a noção de pessoa com os verbos simples.

Imagem 35 – Outros marcadores dêiticos temporais



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Do mesmo modo, nesse exemplo, essa sinalizadora também não articula o sinal **PRESENTE**, e é pelo contexto que recuperamos essa noção de tempo. Concluimos assim que esses marcadores dêiticos temporais são essenciais para que o sentido seja construído nas sentenças da Libras, e acreditamos que nas demais línguas sinalizadas.

Já na atividade 3, os participantes tinham que observar uma sequência de imagens⁵⁹ para explicá-las, e/ou descrevê-las e/ou narrá-las em forma de uma história. Com essa atividade, pretendíamos que o surdo utilizasse a apontação nominal de forma a explorar os verbos simples e de moduladores espaciais através dos verbos não simples, de forma que cada participante pudesse marcar/indicar a segunda e a terceira pessoa como Suj. e/ou Obj..

E, contrariamente às nossas expectativas, os participantes apenas se serviram da interpretação de papéis e não usaram esses verbos, exceto um desses participantes. Vejamos:

**Imagem 36 – Pronome dêitico catafórico de 3ª pessoa
EL@ MASCULINO^MENIN@**



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Nessa imagem, o sinal dêitico (EL@) atua como catáfora, pois é só depois que o sinalizador indica a quem o sinal se refere, no caso, é o menino da história. Isso mais uma vez vem confirmar os estudos apresentados em nossas discussões teóricas: apesar do caráter gestual, esses sinais assumiram várias funções, o que lhes possibilitou ter “status” linguístico.

Imagem 37 – Referente 3ª pessoa

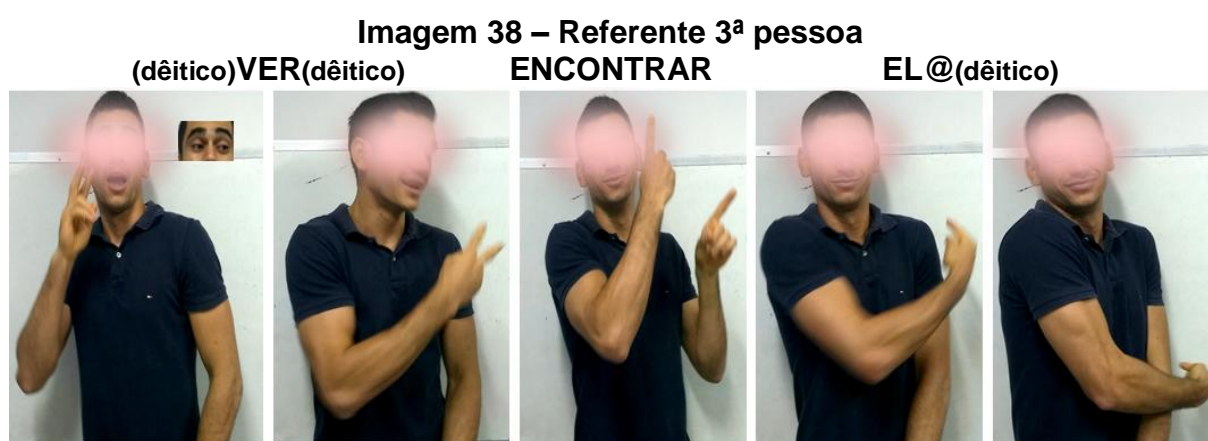


Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

⁵⁹ Apêndice III.

Nessa sequência, o sinalizador usou o referente de terceira pessoa e os verbos **TER**, **ESPERAR** e **VER**, sendo os dois primeiros verbos simples e o terceiro verbo não simples. Para identificar o menino da história, o sinalizador apresentou o sinal dêitico tanto com sentido anafórico como catafórico. E, para identificar o bichinho que aparece localizado atrás do garoto na banheira, ele empregou o sinal dêitico com a função de advérbio de lugar (**LÁ**), que na Libras também pode ser interpretado com sentido de **EL@**.

Não é comum marcar, sinalizar ou até mesmo apontar fora do espaço neutro, que é o espaço de articulação em frente e ao redor do corpo do sinalizador. Entretanto, ele assim o fez (**3**), como podemos verificar na sequência dessas cenas:



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Na continuação da narração da história pelo sinalizador, o bichinho se desloca do ombro direito para o esquerdo, e do mesmo modo o sinalizador marca essa posição se servindo do referente dêitico de terceira pessoa. O verbo **VER** marca a posição do garotinho se direcionando para, finalmente, encontrar o bichinho. Aqui é evidente a importância dos sinais dêiticos, tanto para a apontação nominal, junto aos verbos **TER**, **ESPERAR**, **ENCONTRAR**, quanto para as modulações espaciais utilizadas para marcar a concordância no verbo **VER**.

Nosso último tópico vem tratar do uso e do comportamento dos verbos simples, quanto à sua relação com a pessoa e o tempo.

6.3 Os verbos simples e a noção de tempo e pessoa através do fenômeno dêitico

De todas essas considerações a respeito do estudo dos verbos e de sua relação com os dêiticos pessoais e temporais desenvolvidos nessa pesquisa, destacamos que, apesar de os verbos simples, tidos dentro dos estudos da área como VSC, não se modificarem para concordar com o Suj., esse comportamento não é exclusivo na Libras, essa forma verbal foi identificada em todas as LS's estudadas até o momento.

Nesse contexto, identificamos ainda, na Língua Inglesa, essa característica, porém não estamos afirmando que, na Libras, esses verbos se comportem equivalentemente aos verbos no inglês. Pelo contrário, queremos registrar que algumas línguas compartilham características comuns. Na verdade, essa discussão surge como uma possível resposta para o comportamento dos verbos tidos como VSC, de forma que pudemos traçar um paralelo entre o processo de conjugação desses verbos com os da Língua Inglesa, com o propósito de lhes identificar equivalência na estrutura quando se relacionam com as pessoas e, ao mesmo tempo, conseguimos entender o comportamento dos indicadores temporais, e o porquê de não incorporarem desinências nos verbos dessa língua.

Sabemos que, na Língua Inglesa, alguns verbos não recebem acréscimo de desinência número-pessoal aos seus radicais ao sofrer o processo de conjugação verbal e, por isso, mantêm a sua forma pura. É dessa impossibilidade de flexionarem para marcar pessoa e número que evidenciamos esse mesmo comportamento nos verbos simples na Libras. Nessa LS, esses verbos assumem apenas a forma pura (sem flexão), quando conjugados. Comparemos como esses verbos se comportam em ambas as línguas:

Quadro 11 – Conjugação verbal tempo present / PRESENTE

INGLÊS		/	LIBRAS
To like			GOSTAR
I	like		EU GOSTAR
You	like		VOCÊ GOSTAR
He/she/it	likes		EL@ GOSTAR
We	like		NÓS GOSTAR
You	like		VOCÊS GOSTAR
They	like		EL@S GOSTAR

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em ambos os verbos dessas línguas, não é possível identificar a noção de pessoa e número atrelada ao verbo, exceto a terceira pessoa do singular do tempo

presente, da Língua Inglesa. Ainda, sabemos que nos verbos normais do inglês, por não sofrerem flexão de pessoa e número, o sujeito se apresenta sempre explícito, fato que chamamos atenção para os verbos da Libras.

Na representação da conjugação do verbo **GOSTAR** da Libras, transcrito em PB, temos que, de fato, não há desinências atreladas nesse verbo nem mesmo na terceira pessoa, como no caso do inglês, e, também, identificamos facilmente as pessoas, porque elas acompanham o verbo. Contudo, como destacamos em nossos dados, às vezes, o Suj. não é marcado explicitamente junto aos verbos simples, como no exemplo da imagem 20, o que nos parece, nesse caso específico, que há apenas a forma nominal do verbo no gerúndio. Essas formas não exprimem o tempo e modo verbais, pois estão mais próximas das características de um substantivo, adjetivo ou advérbio, daí serem denominadas de formas nominais. Aqui, evidenciamos mais um dado que não foi discutido sobre esses verbos e as suas possibilidades de uso, na Libras, o que necessita de mais estudos a esse respeito.

Verifiquemos, a seguir, como os sinais dos verbos **GOSTAR** e **CONHECER**, ambos considerados como verbos simples, se apresentam sem nenhuma desinência, sendo apenas o Suj. (singular / plural) marcado separado deles. Nas imagens que seguem esses verbos se relacionam com os sinais dêiticos de primeira e segunda pessoa:

Imagem 39 – (verbo simples) GOSTAR
EU **GOSTAR**



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Esse comportamento é comum a todos os verbos simples, exceto quando se comportam de forma atípica como no caso do verbo **TER**, conforme identificamos na fase de testes de nossa pesquisa e nos outros exemplos destacados e pontuados na parte teórica.

Imagem 40 – (verbo simples) CONHECER



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Os chamados verbos normais no inglês recebem apenas desinências temporais; neles, para se obter o passado ou o particípio passado, por exemplo, são acrescentados ao seu radical “d”, “ed” ou “ied”, porém não é possível identificar as pessoas e o número, visto que o verbo não possui desinência número-pessoal. Ressaltamos que alguns desses verbos, quando comparados em LIBRAS, não são equivalentes, por exemplo, o verbo TO SEE (VER), na Libras, é um verbo não simples, pois muda para se relacionar com as pessoas e, no inglês, ele segue sem desinência de pessoa.

E, com relação ao tempo, na Libras os verbos não recebem as desinências temporais e o tempo é marcado separado dos verbos, antes ou depois, de modo a dividir essa circunstância nessa língua em presente, presente contínuo, passado e futuro, conforme abordamos no capítulo 4 e comprovamos em nossos dados investigados.

Nessa língua o tempo também não é conjugado ao verbo, e é marcado por um dêitico temporal, como observamos em seguida:

Quadro 12 – Conjugação verbal tempo PASSADO

INGLÊS	/	LIBRAS
To study		ESTUDAR
Simple past		Passado
I studied		PASSADO EU ESTUDAR
You studied		PASSADO VOCÊ ESTUDAR
He/she/it studied		PASSADO EL@ ESTUDAR
We studied		PASSADO NÓS ESTUDAR
You studied		PASSADO VOCÊS ESTUDAR
They studied		PASSADO EL@S ESTUDAR

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diferentemente do que ocorre no inglês, em que a desinência temporal passado simples (ied) é fixada ao radical do verbo, na Libras somente é possível identificar essa noção temporal através do sinal dêitico **PASSADO**, que marca em separado essa noção de tempo, podendo se apresentar antes ou depois do verbo, mas sintaticamente apresenta-se da mesma forma que no inglês.

Já o tempo futuro se apresenta da mesma forma em ambas as línguas, pois há uma única forma (Will) que acompanha esse tipo de verbo na Língua Inglesa, e na Libras o sinal dêitico temporal **FUTURO** também sempre acompanha os verbos. O que mais uma vez destacamos um comportamento característico dos verbos normais da Língua Inglesa com os verbos simples da Libras.

Quadro 13– Conjugação verbal tempo FUTURO

INGLÊS	/	LIBRAS
To study		ESTUDAR
Future		Futuro
I will study		FUTURO EU ESTUDAR
You will study		FUTURO VOCÊ ESTUDAR
He/she/it will study		FUTURO EL@ ESTUDAR
We will study		FUTURO NÓS ESTUDAR
You will study		FUTURO VOCÊS ESTUDAR
They will study		FUTURO EL@S ESTUDAR

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Outro tempo identificado na Libras e que também consta na Língua Inglesa é o presente contínuo, observemos:

Quadro 14 – Conjugação verbal tempo PRESENTE CONTÍNUO

INGLÊS /	LIBRAS
To study	ESTUDAR
Present Continuous	Presente Contínuo
I am studying	EU ESTUDAR CONTINUAMENTE
You are studying	VOCÊ ESTUDAR CONTINUAMENTE
He/she/it is studying	EL@ ESTUDAR CONTINUAMENTE
We are studying	NÓS ESTUDAR CONTINUAMENTE
You are studying	VOCÊS ESTUDAR CONTINUAMENTE
They are studying	EL@S ESTUDAR CONTINUAMENTE

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Antes disso, é interessante ressaltar que essa marcação de tempo na Libras, através dos sinais dêiticos, tanto ocorre com os verbos simples quanto com os verbos não simples. Ou seja, esses verbos não recebem, de fato, desinências temporais e, sim, são marcados deiticamente no espaço neutro. Vejamos algumas dessas formas identificadas durante nossa pesquisa de campo:

**Imagem 41 – Dêitico temporal
ESTUDAR CONTINUAMENTE**



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

**Imagem 42 – Dêitico temporal
CONTINUAMENTE ABRIR CURSO NOVO**



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

A partir dessa comparação, destacamos que os verbos normais do inglês não são considerados verbos sem concordância, o que os difere é apenas quando conjugados. Sabemos que, dentro do quadro da evolução das línguas, a Língua Inglesa se originou das línguas germânicas, e todas as línguas originárias destas seguem uma regularidade em não receberem desinências de pessoa e número, quando conjugadas. De certo, não sabemos a razão de as línguas sinalizadas, mais especificamente a Libras, terem essa mesma característica, mas nos parece evidente essa relação.

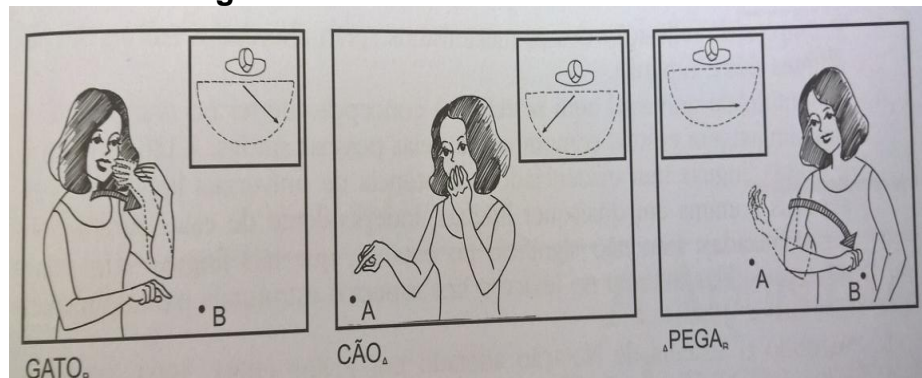
Ademais, quando trazemos essa perspectiva para os estudos dos verbos da Libras, isso vem ampliar a nossa noção de concordância verbal, ainda mais quando trazemos para nossas discussões o fato de que a concordância verbal:

é o fenômeno sintático pelo qual um substantivo ou um pronome pode exercer pressão de alteração formal sobre os pronomes que o representam, os verbos de que ele é sujeito, e os adjetivos ou participios que a ele se referem. [...] Aliás, nem todas as línguas realizam as concordâncias da mesma maneira. Algumas, como o banto, repetem em todas as palavras da frase certas marcas do sujeito, conferindo assim ao enunciado uma grande unidade formal. Outras, como o inglês, reduzem a um mínimo a concordância (o artigo e o adjetivo são invariáveis). Em francês ou português, o adjetivo e o artigo recebem as marcas do substantivo ao qual se referem. O verbo vai para a pessoa e o número do seu sujeito. Essa variação lembra assim que a pessoa ou a coisa de que se fala é “singular” ou “plural”, o que permite eliminar esta ou aquela ambiguidade [...] Em Francês, apresenta-se um caso particular de concordância quando se trata do participio passado [...] (DUBOIS et alii, 2006, p. 136).

Por isso, evidenciamos que os verbos simples na Libras, tidos como verbos que não sofrem concordância, são, na verdade, verbos que seguem uma certa regularidade ao serem conjugados, esses verbos não recebem desinências número-pessoais nem temporais; as pessoas são marcadas/indicadas/localizadas no espaço de sinalização, em frente ao corpo do sinalizador, através dos referentes espaciais (e/ou sinais nominais), representados pelo fenômeno dêitico que auxilia no processo de concordância verbal. E, se observamos mais detalhadamente, é o mesmo que ocorre com os verbos não simples, o que muda é a articulação do sinal, visto que, com esses verbos, os marcadores estão incorporados na ação verbal.

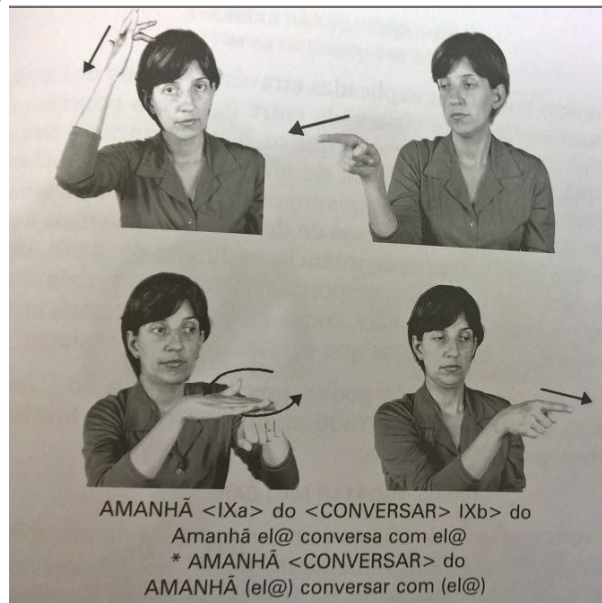
Para maiores esclarecimentos, trazemos, mais uma vez, os dois exemplos apresentados no segundo capítulo desta dissertação:

Imagem 43 – GATO_B CÃO_A APEGAR_B



Fonte: QUADROS, 1997.

Imagem 44 – AMANHÃ dêitico CONVERSAR dêitico



Fonte: QUADROS & KARNOPP, 2004.

Na imagem 43, o verbo **PEGAR** é um verbo não simples, observemos como, antes da sua articulação, o sinalizador precisa apontar e indicar os referentes nomeando-os e, ao mesmo tempo, fazendo uso do sinal dêitico (**EL@**), e só depois é que é sinalizado o verbo. É verdade que, nesse caso, os referentes estão ausentes, mas destaquemos o exemplo da imagem 29 deste capítulo, nele o verbo foi articulado marcando os referentes espacialmente, mas independentemente disso, o seu sinal apresentou um ponto inicial e um ponto final, marcando os dêiticos incorporados a ele. Também, destacamos como o sinalizador marcou esse ponto inicial partindo de seu tronco, ou seja, assumindo o papel do governo.

Na imagem 44, verificamos também a necessidade de o verbo ser identificado, conforme seus referentes, e como bem ressaltamos, para que essa sentença não se torne ambígua, é necessário, do mesmo modo que nos exemplos com os VD, apontar e indicar esses referentes, que aqui se apresentam explicitamente. Além disso, não podemos esquecer que, apesar de o verbo não se deslocar em direção ao Suj. e/ou a seu Obj., há uma marcação desses pontos no espaço, só que possibilitada pelos sinais dêiticos. E não é esse o caso dos verbos normais no inglês?

Ainda mais quando consideramos que:

a concordância é um fenômeno morfossintático que não se restringe à sua marcação realizada abertamente por meio de uma trajetória [...] pode haver formas neutras da concordância sem a sua marcação realizada por meio da trajetória ou pela orientação da mão (QUADROS & QUER, 2010, p. 45).

Por isso, defendemos que são os sinais dêiticos pessoais que auxiliam nesse processo de concordância verbal, sendo que, com os verbos não simples, eles se apresentam incorporados a esse verbo, que se desloca no espaço de sinalização. E no caso dos verbos simples, por ser mesmo a sua articulação ancorada ao corpo do sinalizador, esses referentes se apresentam separados dele. Destacamos, ainda, outras possibilidades dessa relação de concordância espacial: como a incorporação de número a esses sinais dêiticos que compõem o plural; o uso do olhar etc.

De todo modo, ressaltamos que não descartamos a possibilidade de, como apresentado nos resultados de pesquisas de Meier & Lillo-Martin (2013), esses verbos possam evoluir para as formas verbais direcionais, justamente pelo fato de os dêiticos terem assumido a capacidade de se flexionar do mesmo modo que os sinais nominais e por isso veem evoluindo, tomando novas formas, incorporando-se a outras. Enfim, criando possibilidades de novos sentidos e usos nessa língua.

No subtópico seguinte, discorreremos sobre outras formas dos sinais dêiticos pessoais de 2ª pessoa do singular e do plural, identificadas durante nossa pesquisa de campo, bem como de outras formas dêiticas para compor a noção de pessoa nessa língua.

6.3.1 Outros sinais dêiticos pessoais

Não faz parte de nossos objetivos, mas, como em nossas fundamentações abordamos que, contrariamente ao que defendem Meier (1990), Thompson et al (2013) e Meier & Lillo-Martin (2013), os pronomes dêiticos na Libras se apresentam distintamente nas três pessoas do singular e do plural, vejamos dados que comprovam nossas discussões. E, também, com o propósito de apresentar como esses sinais variam e se articulam conforme as características e uso de seus falantes:

**Imagem 45 – Pronome dêitico de 2ª pessoa do singular
VOCÊ? VOCÊ? VOCÊ**



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Como Berenz (1996) apresentou em sua pesquisa e como a nomenclatura da área defende (FERRIERA, 2010), a segunda e a terceira pessoa na Libras diferem pelo uso do olhar. Acrescentamos ainda como a mão do sinalizador, conforme destacado nessa sequência, obedece àquela ordem fonológica evidenciada no capítulo 4, a respeito da ordem e da sequência dos parâmetros para composição fonológica desses sinais dêiticos.

Na imagem ao centro, observem como a sinalizadora vira o seu tronco para a sua esquerda para se referir a uma segunda pessoa e, quando isso ocorre, imediatamente, o espaço de sinalização acompanha essa mudança.

Meier (1990) e Meier & Lillo-Martin (2013) indicam que, pelo fato de existirem apenas a primeira e a não-primeira pessoa nas línguas sinalizadas, apenas a primeira é capaz de dar origem a outras formas como **NÓS**, por exemplo. Além disso, destacam que a segunda e a terceira pessoa, por serem de critério mais gestual do que linguístico, não variam, isto é, não possuem outras possibilidades.

Contudo, em nossas observações encontramos outra forma para representar a segunda pessoa, vejamos:

**Imagem 46 – Pronome dêítico de 2ª pessoa do singular/plural
VOCÊ
VOCÊS**



Fonte: Dados coletados da pesquisa de campo em uma associação de surdos.

Esse é outro sinal dêítico utilizado para marcar a 2ª pessoa (singular e/ou plural), seguindo a indicação desses referentes. Destacamos que, devido ao processo variacional, talvez justificado pela evolução desse sinal, os parâmetros que compõem esse sinal apresentam outras formas. Nessa imagem, notemos como a direção do olhar se faz presente para marcar a segunda pessoa, em ambos os exemplos destacados nessa imagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos os sinais dêiticos e a sua relação com os verbos, isso nos possibilitou ‘enxergarmos’ o funcionamento dessa língua: revendo a noção de concordância verbal, relacionada até o momento apenas com os verbos não simples, no qual destacamos o “status” linguístico dos sinais dêiticos e evidenciamos o processo de flexão desses sinais juntos ou incorporados aos verbos simples e não simples da Libras.

O fenômeno dêitico nos direcionou para a sua compreensão e atuação dentro do processo de concordância e conjugação verbal na Libras. E, ao mesmo tempo, na sua atuação em diferentes funções nessas línguas, do mesmo modo que nas LO's.

Diante do fato de os verbos simples também serem auxiliados pelos sinais dêiticos pessoais, auxiliando-os no processo de concordância verbal, tal como esclarecemos em nossas discussões, seja através da apontação nominal e/ou dos referentes dêiticos (explícitos, omissos e incorporados) ou, ainda, da direção do olhar, isso significa que, mais do que o ato de apontar em si, esse é um recurso linguístico que tanto auxilia nesse processo, como também assume outras funções e usos nessa língua. Assim, quando defendemos que, às vezes, esses sinais dêiticos parecem assumir mais de uma função, ao mesmo tempo, em uma dada sentença, entendemos que esses sinais referenciais acabaram por se tornar demasiadamente complexos no processo de estruturação dessas línguas sinalizadas e que, tal como ocorre nas LO's, assumem as mesmas funções, como apresentamos em nossas discussões.

Esta pesquisa não esgota este assunto, por isso acreditamos que são necessários mais estudos a esse respeito, porém evidenciamos que os resultados expostos nesta pesquisa, são uma resposta afirmativa de que esses sinais dêiticos atuam de forma excepcional na Libras, por isso da importância e a relevância dos dados aqui investigados, somados aos identificados em outras LS, como pudemos verificar em nossas discussões. O fato de que esses sinais dêiticos compõem e estruturam essas línguas, e devido mesmo ao caráter visual espacial dessa língua, eles acabaram por percorrer do caráter da gestualidade para se relacionarem e/ou se incorporarem a outros sinais. Assim, passaram a atuar como mecanismos

especiais para se tornarem 'gramaticalizados' e/ou 'normatizados', assumindo essas funções e usos, dando suporte linguístico a essas línguas.

Portanto, esse fenômeno dêitico compõe e estrutura, especialmente, os verbos simples e não simples de uma maneira excepcional, auxiliando, ainda, no processo de evolução dessa língua.

REFERÊNCIAS

- BARBERÀ, Gemma & ZWETS, Martine. **Pointing and reference in sign language**. Sign Language Studies, Volume 13, Number 4, Summer 2013, pp.491-515 (Article)
- BEAUD, Stéphane & WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo** produzir e analisar dados etnográficos. ALMEIDA, Sérgio Joaquim de (Trad.). 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. NOVAK, Maria da Glória & NERI, Maria Luisa (Trads.). 5ª. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- _____. **Problemas de linguística geral II**. GUIMARÃES, Eduardo et al (Trads.). 2. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BERENZ, Norine Frances. **Person and deixis in brasilian sign language**. 1996. Dissertation (PhD). University of California, Bekerley, 1996.
- BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. 16ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.
- CAPOVILLA, F. C. RAPHAEL, Walkiria Duarte & MAURICIO, Ana Cristina. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue: novo Deit-Libras Língua de Sinais Brasileira**. Vol. 1: sinais de A a H. São Paulo: Inep – Cnpq Capes, Edusp, 2013.
- _____. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue: novo Deit-Libras Língua de Sinais Brasileira**. Vol. 2: sinais de I a Z. São Paulo: Inep – Cnpq Capes, Edusp, 2013.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore Villaça, MORATO, Edwiges Maria & BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.
- COSTA, Marco Antonio F. da. & COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. **Projeto de pesquisa** entenda e faça. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado & SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- DUBOIS, Jean et alii. **Dicionário de linguística**. BLIKSTEIN , Izidoro. (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 2009.
- ELAN. **Software** desenvolvido pelo Max Planck Institute for Psycholinguistics. Disponível em: <<https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/download/>>. Acessado em: 15/01/2015.
- FARIAS, Francisca Neuza de. e LIMA, Ediane S. **Morfossintaxe da Língua Brasileira**. Teresina: FUESPI, 2015.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. A organização dos morfemas livres e presos em LIBRAS: reflexões preliminares. IN: QUADROS, Ronice Muller de, STUMPF, Marianne Rossi e LEITE, Tarcísio de Arantes. (Orgs.) **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis, Insular, 2013.

FELIPE, Tanya (1989). A estrutura frasal na LSCB. In **Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL**. Recife.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **O estudo dos verbos na educação básica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. São Paulo: Cultrix, 2010.

HONORA, Márcia & FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais** desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

ILLARI, Rodolfo e GERALDI, João Wanderlei. **Semântica**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2003.

LABORIT, Emmanuelle. **O grito da gaivota**. 2. ed.. Título original: Le cri de la mouette. SARMENTO, Ângela (Trad.). Lisboa-Po: Caminhos, 2000.

LAHUD, Michel. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.

LEITE, Tarcísio de Arantes. O futuro dos estudos das línguas (de sinais). In: QUADROS, R. M. de, STUMPF, Marianne Rossi & LEITE, Tarcísio de Arantes (Orgs). **Estudos da língua brasileira de sinais I: série estudos linguísticos e estudos da tradução**. Florianópolis: Editora Insular, 2013. p. 37-77.

LIDDELL, S.K. **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LILLO-MARTIN, Diane & KLIMA, E.,. Pointing out differences: ASL pronouns in syntactic theory. 1990 In: Fischer, S.D., Siple, P. (Eds.), **Theoretical Issues in Sign Language Research**, vol. 1. University of Chicago Press, Chicago, IL, pp. 121--210.

LYONS, John. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução**. AVERBURG , Marilda Winkler e SOUZA, Clarisse Sieckenius de. (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 2009.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEIER, R.P. & LILLO-MARTIN, Diane. **The Points Of Language**. Humana.Mente Journal of Philosophical Studies, 2013, Vol. 24, pp. 151–176. Disponível em: <http://www.humanamente.eu/PDF/Issue24_Complete.pdf>. Acessado em: 12 Out. 2015.

MEIER, R.P., 1990. Person deixis in American Sign Language. In: Fischer, S.D., Siple, P. (Eds.), **Theoretical Issues in Sign Language Research**. University of Chicago Press, Chicago, IL, pp. 175--190.

MELO, Iran Ferreira de. Você sabe o que é dêixis? **Língua Portuguesa Conhecimento Prático**. São Paulo, n. 22, p. 42-47, 2009.

MÓIA, Telmo. **Aspectos pragmáticos da interpretação da informação temporal. GELNE (2010):** Colóquios linguísticos e literários. Disponível em: <<http://www.researchgate.net/publication/266016437>> Acessado em: 20 Out. 2015.

_____. **Sobre o lugar dos demonstrativos na arquitectura semântica do sintagma nominal.** (2.^a versão, revista). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras: 1993. Disponível em: < <http://www.clul.ul.pt/pt/investigador/93-telmo-moia>>. Acessado em: 10 Ago. 2015

_____. **Subdomínios de significação associados ao tempo** uma panorâmica geral. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras: 2003. Disponível em: <<http://www.researchgate.net/publication/269162030>>.Acessado em: 10 Ago. 2015

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. SCHER, Ana Paula & VIOTTI, Evani Carvalho. **Sintaxe:** explorando a estrutura da sentença. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística II** Princípios de análise. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 81-109.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 6^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PALMA, Glória Maria. **Interacionismo Simbólico:** seus embasamentos científico-filosóficos e suas tendências atuais. 2004. Disponível em: <http://www.sepq.org.br/llsipeq/anais/pdf/mr1/mr1_4.pdf>. Acessado em: 11 Set. 2012.

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos** aquisição da linguagem. Porto Alegre: ARTMED, 1997.

_____. **As categorias vazias pronominais:** uma análise alternativa com base na Libras e reflexos no processo de aquisição. 1995. Dissertação (Mestrado). Pontifca Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

_____. **Phrase structure os brasilian sign language.** 1999. Dissertation (PhD). Pontifca Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. B. **Língua Brasileira de Sinais:** estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PIZZIO, A.L. REZENDE, P. & QUADROS, R.M. (Orgs.). **Língua Brasileira de Sinais V**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina / Material do Curso de Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância, 2009.

QUADROS, R. M. de. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In: QUADROS, R. M. de, STUMPF, Marianne Rossi & LEITE, Tarcísio de Arantes (Orgs). **Estudos da língua brasileira de sinais I: série estudos linguísticos e estudos da tradução**. Florianópolis: Editora Insular, 2013. p. 15-36.

QUADROS, R. M. de. e QUER, Josep. A caracterização das concordâncias nas línguas de sinais. In: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira e NAVES, Rozana Reigota (Orgs). **Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos**. ed. 1ª. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010. p. 33-58.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Motta, Laura Teixeira (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras: 2010.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, Guilherme Lourenço de. & DUARTE, Fábio Bonfim. **Caso e concordância em Língua de Sinais Brasileira: investigando verbos de concordância regular e verbos de concordância reversa**. Vol. 18. Revista Veredas on-line – Sintaxe das Línguas Brasileiras: UFMG, 2014/1.

THOMPSON, Robin L. et al. **The eyes don't point: understanding language universals through person marking in American Signed Language**. Elsevier, 2013. Disponível em: <www.sciencedirect.com>. Acessado em: 20 Set. 2015

_____. **Eye gaze in American Sign Language** : linguistic functions for verbs and pronoun. 2006. Dissertation (PhD).UC San Diego Electronic Theses and Dissertations. UC San Diego, 2006. Disponível em: <<http://escholarship.org/uc/item/12r3h13m>> Acessado em: 15 Set. 2015.

APÊNDICE I**FORMULÁRIO – ALGUMAS INFORMAÇÕES A RESPEITO DA ASTE**

1 – ANO DE FUNDAÇÃO? _____

2 – ORGANIZAÇÃO? _____

3 – REPRESENTANTES? _____

4 – NÚMERO DE ASSOCIADOS? _____

5 – HISTÓRICO: _____

6 – PRINCIPAIS CONQUISTAS? _____

7 – ROTINA DA ASSOCIAÇÃO? _____

8 – OFERTA CURSOS? _____

9 – ATENDIMENTO À COMUNIDADE SURDA? _____

10 – OBJETIVOS? _____

APÊNDICE II

PRIMEIRA PARTE – FASE DE TESTES⁶⁰

Aqui os participantes serão posicionados individualmente em frente a uma filmadora e participarão de duas atividades, conforme segue abaixo:

ATIVIDADE 1

- Serão apresentados três sinais de verbos simples e o participante poderá escolher apenas um para formular um enunciado em Libras:
GOSTAR - SABER - CONHECER
O QUE SE ESPERA:
ESSA ATIVIDADE TEM POR OBJETIVOS: VERIFICAR COMO OS SINALIZADORES MARCAM O SUJEITO E O OBJETO NO ESPAÇO SEM TORNAR O ENUNCIADO AMBÍGUO, POIS, CONFORME ESTUDAMOS, COMO SE TRATA DE VSC É NECESSÁRIO QUE USEM MARCADORES NOMINAIS (SINAIS DÊITICOS E/OU SINAIS NOMINAIS). E SE VÃO UTILIZAR OS DÊITICOS PESSOAIS PARA INDICAR OS REFERENTES ESPACIALMENTE.

ATIVIDADE 2

- Os participantes serão solicitados a falar da sua rotina ou da sua história de vida.
O QUE SE ESPERA:
O OBJETIVO DESSA ATIVIDADE É PERCEBER COMO O SURDO MARCA O TEMPO. OU SEJA, SE UTILIZA DE DEITICOS TEMPORAIS E/OU OUTRAS FORMAS PARA INDICAR A NOÇÃO DE TEMPO.

⁶⁰ Apenas os surdos fluentes em Libras participarão dessa fase de testes.

APÊNDICE III

SEGUNDA PARTE – FASE DE TESTES

Diante de novas leituras, durante a pesquisa, novas possibilidades nos foram surgindo, por isso acrescentamos outros testes como forma de melhor verificarmos nossos objetivos pretendidos:

ATIVIDADE 3

- Os participantes serão orientados a observar essa sequência de imagens, para explicá-las e/ou descrevê-las e/ou narrá-las em forma de uma história:



O QUE SE ESPERA:

NESSA ATIVIDADE ESPERAMOS QUE O SURDO SE UTILIZE DA APONTAÇÃO NOMINAL, BEM COMO EXPLORE VERBOS VSC COMO: PENSAR, BRINCAR, VER, OLHAR etc. E/OU VCC. ACREDITAMOS QUE AO SINALIZAR ESSES VERBOS O PARTICIPANTE PRECISARÁ MARCAR/INDICAR A SEGUNDA E A TERCEIRA PESSOA COMO SUJEITO/OBJETO.

ATIVIDADE 4

- Os participantes serão solicitados a escolher dessa lista três verbos e formular frases:

LEMBRAR
ABRAÇAR
ACREDITAR
TER
GOSTAR
QUERER
FAZER
SABER
ENTENDER
ESPERAR
AMAR
PERDER
DEMORAR
ESQUECER

AJUDAR
AVISAR
ESCOLHER
CONVIDAR
ENTREGAR

O QUE SE ESPERA:

O OBJETIVO DESSA ATIVIDADE É VERIFICAR AS DISTINTAS POSSIBILIDADES DE SENTENÇAS PROFERIDAS TANTO COM VERBOS VSC COMO VCC.

ATIVIDADE 5

- Os participantes serão orientados a elaborar três frases seguido do verbo e o seus respectivo tempo, conforme especificado abaixo:

1. VIAJAR (PASSADO)

2. ESTUDAR (PRESENTE)

3. TRABALHAR (FUTURO)

O QUE SE ESPERA:

O OBJETIVO DESSA ATIVIDADE É VERIFICAR COMO OS TEMPOS SÃO REPRESENTADOS COM OS VERBOS NESSA LÍNGUA.